



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA - PROLING

CLÉBER LEMOS DE ARAÚJO

**POSSIBILIDADES FUNCIONAIS NOS USOS MESOCLÍTICOS (*Vaux*
TE Vprin)**

João Pessoa - PB

2020

CLÉBER LEMOS DE ARAÚJO

**POSSIBILIDADES FUNCIONAIS NOS USOS MESOCLÍTICOS (*Vaux*
TE Vprin)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba-UEPB, como um dos pré-requisitos para obtenção do título de Doutor em Linguística.
Área de concentração: Teoria e Análise Linguística
Linha de pesquisa: Diversidade e Mudança Linguística

João Pessoa - PB

2020



ATA DE DEFESA DE TESE DE
CLEBER LEMOS DE ARAUJO

Aos onze dias do mês de dezembro de dois mil e vinte (11/12/2020), às quinze horas, realizou-se, via Plataforma Zoom, a sessão pública de defesa de **Tese** intitulada “**POSSIBILIDADES FUNCIONAIS NOS USOS MESOCLÍTICOS (Vaux TE Vprin)**”, apresentada pelo(a) doutorando(a) **CLEBER LEMOS DE ARAUJO**, Graduado(a) em Letras pelo(a) **Universidade Estadual da Paraíba - UEPB**, orientando(a) do(a) Prof.(a). Dr(a) Denilson Pereira de Matos (PROLING-UFPB), que concluiu os créditos para obtenção do título de **DOUTOR(A) EM LINGUÍSTICA**, área de concentração **Teoria e Análise Linguística**, segundo encaminhamento do(a) Prof(a). Dr(a). José Ferrari Neto, Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB e segundo registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação do Programa. O(A) Prof.(a). Dr(a). Denilson Pereira de Matos (PROLING - UFPB), na qualidade de Orientador(a), presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os(as) Professores(as) Doutores(as) Cléber Alves de Ataíde (Examinador/UFRPE), Rosana Costa de Oliveira (Examinadora/PROLING-UFPB), Rubens Marques de Lucena (Examinador/PROLING-UFPB) e Adílio Júnior de Souza (Examinador/URCA). Dando início aos trabalhos, o(a) Senhor(a) Presidente, Denilson Pereira de Matos, convidou os membros da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao (à) Doutorando(a) para apresentar uma síntese de sua Tese, após o que foi arguido(a) pelos membros da banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final sobre a Tese, à qual foi atribuído o conceito **aprovado**. Proclamados os resultados pelo(a) Sr(a). Presidente, foram encerrados os trabalhos e, para constar foi lavrada a presente ata que será assinada juntamente com os membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 11 de dezembro de 2020.

Observações

A banca recomenda que sejam reorganizados os exemplos do quarto capítulo, os quais ficaram sem a contextualização adequada.

Prof(a). Dr(a). Denilson Pereira de Matos
(Presidente da Banca Examinadora)

Prof(a). Dr(a). Cléber Alves de Ataíde
(Examinador)

Prof(a). Dr(a). Rosana Costa de Oliveira
(Examinadora)

Prof(a). Dr(a). Rubens Marques de Lucena
(Examinador)

Prof(a). Dr(a). Adílio Júnior de Souza
(Examinador)

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A663p Araújo, Cléber Lemos de.

Possibilidades funcionais nos usos mesoclíticos (Vaux
te Vprin) / Cléber Lemos de Araújo. - João Pessoa,
2020.

150 f. : il.

Orientação: Denilson Pereira de Matos.

Coorientação: Otília Sousa.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Linguística funcional clássica. 2. Pronome - te. 3.
Mesóclise. I. Matos, Denilson Pereira de. II. Sousa,
Otília. III. Título.

UFPB/BC

CDU 81(043)

AGRADECIMENTOS

A Deus. Por ter me abençoado com mais esse êxito. Sem o direcionamento e a força dele jamais teria chegado até aqui.

Sou muitíssimo grato a todas e a todos que contribuíram em minha trajetória e para esta conquista. Foram representantes/anjos que Deus colocou em meu caminho para me apoiar e me guiar. Gratidão é o mínimo!

Agradeço a minha família, alicerce que sempre me apoia e me incentiva em minhas escolhas, fazendo todo o diferencial para o meu crescimento pessoal e profissional.

A minha mãe e ao meu pai (*in memoriam*), exemplos de educação, perseverança e virtudes que carrego comigo. Devo tudo a eles!

As minhas irmãs, Cristiane, Cláudia, que colaboraram, juntamente com meus pais, para a formação e educação dos irmãos mais novos (Clíssia e eu).

A minha irmã, Clíssia, sempre na torcida, positiva e emanando boas energias.

A minha tia, Fátima, que tanto representou e esteve por perto para guiar e auxiliar em minha trajetória.

Ao professor Denilson, meu orientador, mais que professor, tornou-se um verdadeiro amigo e parceiro. Além de ser um terapeuta de Deus, com bons conselhos, sempre palavras positivas e abençoadas. Referência de um exímio profissional que carrego comigo, afinal, ser orientando do Professor Denilson Matos é possuir o carimbo DM (Não é pouco! “Se liga no bagulho”). Sem dúvida, nesses anos de mestrado e doutorado, sua contribuição foi um divisor de águas para o meu crescimento intelectual. Obrigado pelo carinho, pelas boas vibrações, pelas orações mais que bem-vindas e paciência dedicados todos esses anos.

A professora Otília, minha coorientadora (Muito gira!), enriqueceu brilhantemente a nossa investigação, sendo a nossa parceira portuguesa. Muito obrigado pelas orientações, pela atenção aos detalhes e pelo cuidado. Agradeço também pelo carinho e suporte em nos acolher tão bem em suas terras, nos deixando com um bocadinho a mais de vontade de ficar do lado de lá do oceano.

À família TLB - Teorias Linguísticas de Base, pelas companhias nos congressos, pelas trocas de conhecimento em nossos encontros, pelo crescimento juntos, compartilhado e misturados, pelas boas risadas e pelos cafezinhos recheados de muita prosa. Vocês me diziam que eu podia compartilhar mais, mas [...] peço desculpas por não ser tão participativo e não compartilhar tanto como gostariam que eu fosse ou como eu gostaria de ter sido. Valeu pelo apoio, vocês fazem parte desta trajetória.

À amiga Amanda, sempre atenciosa e paciente com meu jeito estranho/amigo de ser. Obrigado pelo carinho, pela força, pelas palavras amigas e encorajadoras, pelas sessões de terapia nos jardins/cafezinhos/bancos/salas da UFPB, pelas conversas e contatos pelo

whatsapp... Pessoa brilhante que me apoiou e acionava o meu *reset* (Recomponha-se e vamos em frente!)

Às professoras Eneida Dornellas e Rosana Oliveira, agradeço por sempre estarem disponíveis para participar, apoiar e contribuir em nossas produções. Meu profundo carinho e gratidão!

Ao professor Rubens Lucena, agradeço por aceitar nossos convites, contribuindo sobremaneira para o aprimoramento das nossas pesquisas, salientando que seu apoio vem desde a graduação. Obrigado, professor!

Aos secretários do Programa de Pós-Graduação em Linguística-Proling, Ronil e Valberto, e ao professor José Ferrari, coordenador do Proling, sempre solícitos.

E aos professores Cléber Ataíde, Adílio Souza (parceiro nessa caminhada) e Tiago Rodrigues, agradeço a aceitação ao convite para a banca de defesa da tese.

RESUMO

O propósito deste trabalho é comprovar a existência, por meio da frequência, que há um tipo de uso, semelhante ao mesoclítico, presente nas interações do PB, diante do pronome átono *te*. Para tanto, investiga-se a flutuação do uso do pronome átono *te* no interior de estruturas locucionais verbais do tipo [Vaux *te* Vprin], indicando uso semelhante ao mesoclítico e desempenhando diferentes funções aos níveis sintático e discursivo. Realiza-se um estudo descritivo-comparativo com estudos contemporâneos sobre os usos dos clíticos pronominais do Português Brasileiro (PB) e do Português Europeu (PE). Para isso, fundamenta-se nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Clássica – LFC e nos princípios do funcionalismo linguístico: prototipicidade e iconicidade, especificamente, os subprincípios da quantidade e da integração (HOPPER, 2001; THOMPSON, 1998; GIVÓN, 1979; FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003; VOTRE, 2012; LEMOS; MATOS, 2017). As ocorrências analisadas são amostras oriundas de dois estudos realizados: o primeiro, realizado com participantes do PB e do PE por meio de questionários, dedicado à análise do usos do átono *te* em estruturas locucionais verbais do tipo [Vaux *te* Vprin]; o segundo, a partir de dados extraídos do *corpus* do Português: Web/Dialetos, avaliamos a produtividade do *te* mesoclítico nas quatro locuções verbais mais regulares nos usos do PB: “Vou *te* dar”, “Vou *te* falar”, “Vou *te* mostrar” e “Vou *te* contar”, além de identificarmos a locução mais prototípica “vou *te* contar” e revelar que há diferentes tipos de usos ao nível sintático e discursivo. Os resultados demonstram que a mesóclise não-canônica é um uso característico do PB, enquanto que ocorre um movimento de uso diferente no PE. Os resultados também mostram que há quatro tipos de usos do *te* mesoclítico: dois ao nível sintático (*te* mesoclítico simples e *te* mesoclítico oracional) e dois ao nível discursivo (*te* mesoclítico discursivo final e *te* mesoclítico discursivo inicial). Quanto a estes usos, o “*te* mesoclítico simples” e o “*te* mesoclítico oracional” são mais regulares com 73,4% das ocorrências, enquanto que o “*te* mesoclítico discursivo final” e o “*te* mesoclítico discursivo inicial” perfazem 26,7% das ocorrências. De toda maneira, a presença do percentual de ocorrências com o *te* mesoclítico, no interior da locução “Vou *te* contar”, especialmente, em atuação discursiva, já sinaliza fato linguístico considerável no que concerne a nossa meta principal sobre a existência, por meio da frequência de usos, de que há um tipo mesoclítico presente nas interações do PB diante do pronome átono *te*.

Palavras-chave: pronome *te*, mesóclise, Linguística Funcional Clássica, usos.

ABSTRACT

The purpose of this work is to prove the existence, through frequency, that there is a type of use, similar to the mesoclitic, present in the interactions of BP, in front of the pronoun atonic *te*. For this purpose, we investigate the fluctuation of the use of the tonus *te* pronoun within verbal locational structures of the [Vaux *te* Vprin] type, indicating use similar to the mesoclitic and performing different functions at the syntactic and discursive levels. A descriptive-comparative study is carried out with contemporary studies on the uses of Brazilian Portuguese (BP) and European Portuguese (EP) pronouns. It is based on the theoretical assumptions of Classical Functional Linguistics - CFL and on the principles of linguistic functionalism: prototypicality and iconicity, specifically, the subprinciples of quantity and integration (HOPPER, 2001; THOMPSON, 1998; GIVÓN, 1979; FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003; VOTRE, 2012; LEMOS; MATOS, 2017). The analyzed occurrences are samples from two studies carried out: the first, carried out with speakers of BP and PE by means of questionnaires / tests, dedicated to the analysis of the uses of the pronoun *te* in verbal locational structures of the type [Vaux *te* Vprin]; the second, from data extracted from the Portuguese corpus: Web/Dialects, we evaluated the productivity of the “*te* mesoclítico” in the four most regular verbal voice-overs in the uses of BP: “Vou *te* dar”, “Vou *te* falar”, “Vou *te* mostrar” and “Vou *te* contar”, besides identifying the most prototypical voice-over “Vou *te* contar” and revealing that there are different types of uses at the syntactic and discursive level. The results show that non-canonical mesoclysis is a characteristic use of BP, while a different use movement occurs in EP. The results also show that there are four types of uses of the “*te* mesoclítico”: two at the syntactic level (*te* mesoclítico simples e *te* mesoclítico oracional) and two at the discursive level (*te* mesoclítico discursivo final e *te* mesoclítico discursivo inicial). As for these uses, the “*te* mesoclítico simples” and the “*te* mesoclítico oracional ” are more regular with 73.4% of occurrences, while the “*te* mesoclítico discursivo final” and the “*te* mesoclítico discursivo inicial ” make up 26.7% of occurrences. In any case, the presence of the percentage of occurrences with the “*te* mesoclítico”, within the locution “Vou *te* contar”, especially in discursive performance, already signals a considerable linguistic fact regarding our main goal about the existence, through the frequency of use, that there is a mesoclitic type present in the interactions of BP in front of the pronoun *te*.

Keywords: pronoun *te*, mesoclysis, Classical Functional Linguistics, uses.

RESUMEN

El propósito de este trabajo es probar la existencia, a través de la frecuencia, de un tipo de uso, similar al mesoclítico, presente en las interacciones de la BP, frente al pronombre *te* atónico. Para ello, investigamos la fluctuación del uso del tonus *te* pronoun dentro de las estructuras de localización verbal del tipo [Vaux *te* Vprin], que indica un uso similar al mesoclítico y realiza diferentes funciones a nivel sintáctico y discursivo. Se realiza un estudio descriptivo-comparativo con estudios contemporáneos sobre los usos de los pronominales del portugués brasileño (PB) y del portugués europeo (PE). Esto se basa en los supuestos teóricos de la Lingüística Funcional Clásica - LFC y en los principios del funcionalismo lingüístico: prototipicidad e iconicidad, específicamente, los subprincipios de cantidad e integración (HOPPER, 2001; THOMPSON, 1998; GIVÓN, 1979; FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003; VOTRE, 2012; LEMOS; MATOS, 2017). Las ocurrencias analizadas son muestras de dos estudios realizados: el primero, realizado con hablantes de BP y EP mediante cuestionarios/pruebas, dedicado al análisis de los usos del pronombre *te* en estructuras de localización verbal del tipo [Vaux *te* Vprin]; el segundo, a partir de datos extraídos del corpus portugués: Web/Dialectos, evaluamos la productividad del *te* mesoclítico en las cuatro locuciones verbales más habituales en los usos de BP: "Vou *te* dar", "Vou *te* falar", "Vou *te* mostrar" y "Vou *te* contar", además de identificar la locución más prototípica "vou *te* contar" y revelar que existen diferentes tipos de usos a nivel sintáctico y discursivo. Los resultados muestran que la mesoclisís no canónica es un uso característico de la PB, mientras que en la PE se produce un movimiento de uso diferente. Los resultados también muestran que hay cuatro tipos de usos del teorema mesoclástico: dos a nivel sintáctico (*te* mesoclítico simples e *te* mesoclítico oracional) y dos a nivel discursivo (*te* mesoclítico discursivo final e *te* mesoclítico discursivo inicial). En cuanto a estos usos, la " *te* mesoclítico simples " y la " *te* mesoclítico oracional " son más regulares, con un 73,4% de ocurrencias, mientras que la " *te* mesoclítico discursivo final " y la " *te* mesoclítico discursivo inicial " constituyen el 26,7% de las ocurrencias. En todo caso, la presencia del porcentaje de ocurrencias con el teorema mesoclítico, dentro de la locución "Vou *te* contar", especialmente en la ejecución discursiva, ya señala un hecho lingüístico considerable con respecto a nuestro objetivo principal sobre la existencia, a través de la frecuencia de uso, de que hay un tipo mesoclítico presente en las interacciones de PB frente al pronombre *te*.

Palabras clave: pronombre *te*, mesoclise, Lingüística Funcional Clásica, usos.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Trabalhos que compõem o levantamento bibliográfico	23
TABELA 2: Reanálise do verbo Latino <i>habere</i>	52
TABELA 3: Futuro sintético	55
TABELA 4: Formas de futuro do latim à mesóclise do português	58
TABELA 5: Português e espanhol antigos	58
TABELA 6: Mesóclise no português e espanhol antigos	59
TABELA 7: Formas de futuro do latim à mesóclise do português (canônica e não canônica)	63
TABELA 8: Trabalhos que compõem o levantamento bibliográfico	65
TABELA 9: Uma forma, quatro funções	86
TABELA 10: Perfil dos participantes de Portugal	97
TABELA 11: Perfil dos participantes do Brasil	97
TABELA 12: Tipos de <i>te</i> mesoclítico	119

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Obras de cunho tradicional apresentadas na revisão bibliográfica_____	32
QUADRO 2: Gramáticas descritivas apresentadas na revisão bibliográfica_____	34
QUADRO 3: Estudos linguísticos diacrônicos apresentados na revisão bibliográfica_____	36
QUADRO 4: Estudos linguísticos sincrônicos apresentados na revisão bibliográfica_____	38
QUADRO 5: Evolução de <i>habere</i> _____	66
QUADRO 6: Mesóclise no século XIX_____	71
QUADRO 7: Concepção funcionalista_____	76

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Questionário/Teste I (Portugal)	104
GRÁFICO 2: Pronome <i>te</i> enclítico ao verbo auxiliar, entre os verbos e enclítico ao verbo principal	105
GRÁFICO 3: Pronome <i>te</i> enclítico ao verbo principal	106
GRÁFICO 4: Pronome <i>te</i> entre os verbos	106
GRÁFICO 5: Pronome <i>te</i> enclítico ao verbo auxiliar ou entre os verbos	108
GRÁFICO 6: Questionário/Teste II (Brasil)	109
GRÁFICO 7: Pronome <i>te</i> : entre os verbos e enclítico ao verbo principal	110
GRÁFICO 8: Pronome <i>te</i> entre os verbos (tipo de mesóclise)	111
GRÁFICO 9: Pronome <i>te</i> enclítico ao verbo principal	112
GRÁFICO 10: Locuções verbais	118
GRÁFICO 11: Tipo I: <i>te</i> mesoclítico simples	121
GRÁFICO 12: Tipo II: <i>te</i> mesoclítico oracional	122
GRÁFICO 13: Tipo III - <i>te</i> mesoclítico discursivo final	122
GRÁFICO 14: Tipo IV - <i>te</i> mesoclítico discursivo inicial	123
GRÁFICO 15: Tipos de <i>te</i> mesoclítico “vou <i>te</i> contar”	124

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1	
Colocação Pronominal: alguns pontos de discussão	20
1.1 Pesquisas sobre os clíticos pronominais no PB e no PE	21
1.1.1 Vieira (2011) – estudo sobre a colocação dos pronomes átonos em um e mais de um constituinte verbal	24
1.1.2 Lemos (2015) – pesquisa sobre o uso prototípico do pronome átono <i>te</i> e suas manifestações não regulares	26
1.1.3 Biazolli (2016): estudo descritivo-comparativo sobre a posição de clíticos pronominais em duas variedades do português	30
1.1.4 Vieira (2016) – investigação sobre a colocação dos clíticos pronominais na modalidade oral da Língua Portuguesa	40
1.1.5 Nossas considerações	45
1.2 A estrutura mesoclítica canônica	48
1.3 Pesquisas sobre a mesóclise	64
1.3.1 Nunes (2003): investigação sobre o processo evolutivo do futuro do presente da língua portuguesa	65
1.3.2 Ribeiro (2004): análise sobre a colocação pronominal mesoclítica no português arcaico e as formas de futuro das línguas românicas	68
1.3.3 Haffner (2009): estudo sobre a mesóclise e o caminho percorrido pela língua portuguesa e língua espanhola no sentido da mudança	69
1.3.4 Tomanin (2009): análise sobre a gramaticalização da mesóclise e seu uso, tanto na fala quanto na escrita, no PB	71
1.4 Sintetizando as discussões	73
CAPÍTULO 2	
Fundamentos teóricos	75
2.1 Um olhar às bases teórico-metodológicas da Linguística Funcional Clássica (LFC)	75
2.1.1 Prototipicidade	81
2.1.2 Iconicidade e os subprincípios da quantidade e da integração	85
CAPÍTULO 3	
Metodologia	92
3.1 Aspectos metodológicos	93

3.1.1	Questionários I (PE) e II (PB)	94
3.1.1.1	Informantes	96
3.1.2	<i>Corpus</i> do Português: Web/Dialetos	97
3.1.3	Procedimentos	97
CAPÍTULO 4		
	Análises	103
4.1	Questionários I (PE) e II (PB)	103
4.1.1	Questionários I (PE)	104
4.1.2	Questionários II (PB)	109
4.2	<i>Corpus</i> do Português: Web/Dialetos	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS		127
REFERÊNCIAS		130
ANEXOS		135

INTRODUÇÃO

Salientamos, a princípio, que a temática sobre colocação pronominal, sob o olhar clássico da Linguística Funcional, interessa-nos para ampliarmos as reflexões em torno da relevância que deve ser direcionada em relação aos usos linguísticos, à análise descritiva da língua e ao seu papel social. Direcionamo-nos, então, sobre a questão da variabilidade da colocação pronominal, a partir dos usos linguísticos vinculados às locuções verbais com o pronome átono *te*, do tipo [Vaux *te* Vprin], assemelhando-se aos usos mesoclíticos. Para tanto, numa tentativa de demonstrar a versatilidade com a qual as estruturas se configuram e tomam diferentes funções no discurso dos falantes, consideramos oportuno tratar essa temática tanto ao nível sintático quanto discursivo.

Nesse sentido, nosso alicerce teórico fundamenta-se na Linguística Funcional Clássica – LFC, propostas de vanguarda surgidas a partir da década de 70 e 80 (GIVÓN, 1979; THOMPSON, 1998; HOPPER, 2001) e por contribuições de estudos nacionais que configuram a LFC (FURTADO DA CUNHA, OLIVEIRA E MARTELOTTA, 2003; VOTRE, 2012; LEMOS E MATOS, 2017).

Tal escopo teórico foi considerado em razão dos relevantes estudos constituídos na área, sobretudo em relação as suas contribuições para as reflexões da presente pesquisa, uma vez que buscamos tratar com dados da língua em uso, especificamente, com os usos semelhantes ao mesoclítico diante do pronome átono *te*. Desta maneira, consideramos a língua flexível às influências do processo de interação dos falantes e observamos que a variante [Vaux *te* Vprin] (Verbo auxiliar + pronome átono *te* + Verbo principal) vem participando regularmente nos contextos de uso da língua portuguesa no Brasil, com nítidos sinais de uma composição mesoclítica.

Assim sendo, avaliamos que o posicionamento do átono *te*, no interior das locuções verbais, como em [...] [1] Que mau humor, hein, *vou te contar*... [...], pode ser equiparado à colocação do que admitimos como mesóclise canônica, no entanto, em outra via, a variante concebida neste estudo como mesóclise não-canônica tem demonstrado maior produtividade em contextos de interação ligados à informalidade no PB.

Dessa maneira, temos como objetivo principal, comprovar a existência, por meio da frequência, que há um tipo de uso, semelhante ao mesoclítico, presente nas interações do PB, com a variante [Vaux *te* Vprin]. Objetivamos, também, demonstrar que

o uso do *te* semelhante ao mesoclítico, na variante [Vaux *te* Vprin], é um movimento expressivo no PB; ainda, pretendemos comprovar que o uso do *te* mesoclítico, na variante [Vaux *te* Vprin], pode apresentar diferentes tipos de funções sintática e discursiva.

Movemo-nos, então, por alguns questionamentos que norteiam a presente pesquisa, a saber: a mesóclise não-canônica estaria restrita aos usos do PB? A mesóclise não-canônica estaria restrita aos usos com o pronome átono *te*? Os complexos verbais que propiciam a composição da mesóclise não-canônica devem ser formados pelo verbo IR, enquanto auxiliar, juntamente, com outro verbo principal no infinitivo? Até que ponto a flutuação do uso do pronome átono *te*, no interior de estruturas locucionais verbais do tipo [Vaux *te* Vprin], semelhante ao uso mesoclítico, pode desempenhar diferentes tipos de funções sintáticas e/ou discursivas?

Julgamos profícua a discussão, primeiro, pois, obviamente, não há previsão nos compêndios gramaticais sobre tal explicitação, até porque o que estamos concebendo enquanto mesóclise não-canônica (pronome átono ao meio de uma locução verbal composta por verbo auxiliar IR + pronome átono *te* + verbo principal no infinitivo) desmistifica toda uma idealização de construção mesoclítica, visto que se propaga em ambientes de informalidade e, principalmente, em contextos orais de uso da língua. E segundo, pois tal estrutura composicional possui um caminho que pode ser justificado por seu percurso histórico, a partir da formação do futuro, procedente do latim (discussão apresentada na seção 1.2).

Diante do exposto, com a presente tese, discutimos que o átono *te*, no interior do complexo verbal, não se trata de ênclise ao verbo auxiliar ou próclise ao verbo principal, mas, sim, um uso semelhante ao mesoclítico, uma vez que na língua portuguesa, só no futuro do presente e futuro do pretérito é que há a possibilidade de inserir um pronome no meio de um complexo verbal, como é o caso da mesóclise canônica. Vale mencionar, também, que tal posicionamento do clítico referido, não cinde a intenção do complexo verbal, ao contrário, possibilita a noção de que sua função é vincular-se ao propósito da locução, composta pelo verbo auxiliar e o verbo principal.

Dito isto, as ocorrências¹, a seguir, demonstram esse movimento mesoclítico como um tipo de flutuação, em que o pronome *te* não deixa transparecer o seu maior grau de conexão com quaisquer dos verbos: “[82] **Vou *te* contar**, velho.”; “[83]

¹ Os exemplos que constam no presente trabalho foram retirados do capítulo “Abordagem sintático-discursiva sobre o uso prototípico do pronome *te*”, de Lemos e Matos (2017). Assim, mantivemos a respectiva numeração, uma vez que já foi utilizada e compõe o *corpus* do projeto C-Oral-Brasil.

Amanhã eu **vou te dar** o dinheiro, hein.”; “[84] Aí, chegou de manhã e tal, ele levantou, e falou, eu **vou te falar** outra coisa, hein.”; “[85] Tem uma igreja aqui, eu **vou te mostrar** onde é que é.”.

Almejamos, assim, disseminar uma discussão sobre os clíticos pronominais na língua portuguesa, complementando as pesquisas já constituídas e apontando análises até então não empreendidas sobre o tema, sobretudo no que se refere às funções do pronome *te* ao compor locuções verbais do tipo [Vaux *te* Vprin], as quais podem ser constatadas quando ultrapassamos a noção estritamente sintática e nos deparamos com diferentes possibilidades funcionais mediante o plano discursivo.

Com o intuito de alcançar este intento, pretendemos: analisar os estudos contemporâneos (BIAZOLLI, 2016; VIEIRA, 2016; LEMOS, 2015; VIEIRA, 2011) que tratam sobre os usos dos pronomes oblíquos átonos; verificar a colocação dos clíticos pronominais nas variedades da Língua Portuguesa: PB e PE; analisar as teorias e princípios da Linguística Funcional e como estes justificam os usos do *te* mesoclítico; demonstrar que o pronome *te* funciona de maneira muito produtiva para a constituição de um tipo de mesóclise em [Vaux *te* Vprin]; demonstrar as diferentes funções sintática e discursiva desempenhadas pelo uso da estrutura [Vaux *te* Vprin].

No que concerne à organização da pesquisa, esta se compõe em quatro capítulos que admitimos substanciais para a construção de nossa proposta de tese. No primeiro capítulo, “Colocação Pronominal: alguns pontos de discussão”, faz-se um levantamento com alguns estudos linguísticos sobre os clíticos pronominais no Português Brasileiro (PB) e no Português Europeu (PE), discute-se, brevemente, sobre a história da estrutura mesoclítica canônica e são tratadas algumas pesquisas sobre a mesóclise. Tal capítulo surge para integrar a primeira fase de nossa investigação e justificarmos, principalmente, a semelhança entre a variante de mesóclise não-canônica, estudada em nossa tese, com a estrutura que se é idealizada enquanto mesóclise canônica, indicando, neste caminho, como entendemos o que seria uma mesóclise canônica e o que passamos a nomear de mesóclise não canônica, ao passo que consideramos a passagem a seguir: *hei de conhecer-te > conhecer-te hei > conhecer-te-ei > te conhecerei ≥ vou te conhecer*. Demonstramos, também, que há um movimento de usos diferente quanto à colocação pronominal no PB e no PE, com destaque para os usos em estruturas locucionais verbais.

Além disso, teóricos consagrados pelos estudos sobre a língua portuguesa complementam tal distinção de usos da colocação pronominal entre o PB e o PE. Podemos mencionar Perini (2010), na “Gramática do Português Brasileiro”, que indica, como regra

geral do PB, a ocorrência da colocação do pronome átono antes do verbo principal; e Castilho (2010, p.484), que nos diz: “Focalizando os tempos modernos, vê-se que o português europeu é predominantemente enclítico, ao passo que o PB é predominantemente proclítico.”.

Assim sendo, os trabalhos que se seguem, neste capítulo introdutório, compuseram nosso levantamento de pesquisas sobre o tratamento da colocação pronominal no PB e no PE: Biazolli (2016): “Posição de clíticos pronominais em duas variedades do português: inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma”; Vieira (2016): “A ordem dos clíticos pronominais nas variedades urbanas europeia, brasileira e são-tomense: uma análise sociolinguística do português no início do século XXI”; Lemos (2015): “O uso do pronome *te*: reflexões numa perspectiva clássica da Linguística Funcional”; Vieira (2011): “A cliticização pronominal em lexias verbais simples e em complexos verbais no Português Europeu oral contemporâneo: uma investigação sociolinguística”.

O segundo capítulo, “Fundamentos Teóricos”, apresenta nosso suporte teórico à luz da LFC. Para tanto, a seção “Um olhar às bases teórico-metodológicas da Linguística Funcional Clássica (LFC)” alicerça-se em estudos desenvolvidos por Givón (1979, 2012), Thompson (1998), Hopper (2001), Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2003), Votre (2012), Lemos e Matos (2017). Incorporados a esta seção, há a discussão de alguns conceitos e argumentos sobre os dois princípios do funcionalismo que fundamentam nosso objeto de estudo: prototipicidade e iconicidade, especificamente, seus subprincípios da quantidade e da integração.

O terceiro capítulo, “Metodologia”, descreve os procedimentos metodológicos, apresentando as fases que foram constituídas para a execução da presente investigação. Sendo assim, retomamos, sucintamente, as análises no *corpus* C-Oral Brasil, que foram realizadas no período de mestrado sobre o uso prototípico do pronome átono *te* e suas manifestações não regulares, as quais impulsionaram a realização da pesquisa atual. São apresentadas as duas etapas que compõem as nossas análises: a primeira, por meio de questionários aplicados com falantes do PE e do PB, dedicada ao levantamento de dados sobre os usos do pronome átono *te*, em locuções verbais, constituindo uma composição mesoclítica não-canônica do tipo [Vaux *te* Vprin]. E a segunda, destinada à análise de dados do *Corpus* do Português: Web/Dialetos, com o intuito de ratificarmos a nossa tese de que os usos do *te* mesoclítico é muito produtivo entre os falantes do PB, bem como, apontar que sua organização estrutural pode

desempenhar diferentes tipos de usos, ao passo que consideramos os níveis sintático e discursivo.

No quarto capítulo, realizamos as nossas análises, que são desenvolvidas em duas etapas. Na primeira, apresentamos gráficos com informações e dados advindos das pesquisas realizadas com participantes do PB – Português Brasileiro e PE – Português Europeu. Por meio desta, fica-nos evidente de que os usos mesoclíticos com o pronome átono *te* é uma característica do PB e que há uma maior frequência de usos nessas condições com as seguintes locuções verbais: “Vou *te* dar”, “Vou *te* falar”, “Vou *te* mostrar” e “Vou *te* contar”. Tais locuções verbais são selecionadas para compor nossa segunda etapa de análise.

Em relação à segunda etapa, o *corpus* do Português: Web/Dialetos apresentou-se de maneira muito produtiva para as análises dos usos do *te* mesoclítico. Assim, do levantamento das 2029 (duas mil e vinte nove) ocorrências com as locuções verbais mais frequentes no PB: *vou te contar*, [2] [...] Eu não acho que *vou te contar* sobre isso [...]; *vou te dar*, [3] [...] *Vou te dar* um exemplo sua quadrupede de 3 patas... 2 pernas e uma língua comprida! [...]; “vou *te* falar”, [4] [...] Minha querida, por favor entenda que tudo o que *vou te falar* é em amor e não há nenhum tom agressivo em a minha voz, ok? [...]; *vou te mostrar*, [5] [...] Eu *vou te mostrar* que o resultado final de um acontecimento político, não importa em quem você votou, [...], constituímos, inicialmente, procedimentos para a contagem, seleção e análise dessas locuções com o pronome *te* e a identificação da locução prototípica para seguirmos com as análises do *te* mesoclítico.

Sendo assim, como medida de recorte, mediante maior frequência de usos, a locução verbal “Vou *te* contar” é a mais prototípica e assim selecionada para compor a continuidade das análises. Ressaltamos, então, a identificação dos 4 (quatro) tipos de usos do *te* mesoclítico na locução verbal “Vou *te* contar”: *te* mesoclítico simples, [6] [...] Pois senta aí que eu *vou te contar* tudo o que pesquisei sobre ela [...]; *te* mesoclítico oracional, [7] [...] *vou te contar* que está muito enganada, eu conheço vários garotos que amam garotas magrinhas (tipo eu) e também garotos que preferem as “« gordinhas »” [...]; *te* mesoclítico discursivo final, [8] [...] Pedro, a tentação de parar a cada curva é grande, mesmo... pq é cada vista linda q *vou te contar*...[...]; *te* mesoclítico discursivo inicial, [9] [...] *Vou te contar* viu.... Pelo amor de Deus, alguém ai me trás um saco de biscoitos e um chá bem quente, e uma dose de amnésia e de desapego por favor? [...]. Como também, apresentamos as possibilidades e as proposições que justificam a abordagem e

nomenclatura indicadas; expomos a respectiva quantidade de ocorrências; apresentamos gráficos que ilustram o percentual alcançado de usos; exibimos exemplos de usos, respectivos aos tipos identificados.

Por fim, tecemos nossas considerações finais a respeito do que pudemos constatar sobre os usos da mesóclise não-canônica [Vaux *te* Vprin] no PB, as locuções verbais mais frequentes nos contextos de uso dessa variedade da língua portuguesa e o destaque para a locução prototípica “Vou *te* contar”, que se mostrou produtiva para os usos do *te* mesoclítico no PB, evidenciando 4 (quatro) tipos de usos ao considerarmos os níveis sintático e discursivo.

CAPÍTULO 1

Colocação Pronominal: alguns pontos de discussão

No presente capítulo, dividido em três seções, objetivamos: analisar como algumas pesquisas têm tratado o posicionamento e movimento dos pronomes átonos em relação às lexias verbais simples e, sobretudo, no tocante aos complexos verbais nas duas variedades da língua portuguesa: PB e PE; discutir brevemente sobre a mesóclise canônica e sua estrutura; debater sobre a abordagem de alguns estudos da academia que se debruçaram sobre a temática da colocação pronominal mesoclítica.

Neste sentido, na seção 1.1, elencamos alguns estudos linguísticos que, de alguma maneira, dialogam com o objeto de estudo aqui investigado e apoiam a fundamentação da presente pesquisa, ao passo que constituíram investigações sobre os clíticos pronominais no PB e no PE na última década. Intencionamos, então, ofertar um debate em torno das diferenças de usos da colocação pronominal no PB e no PE, especialmente, com vistas a demonstrar que nessas variedades ocorre um movimento de uso um tanto diferente com o átono *te*, quando este pronome passa a integrar uma locução verbal do tipo Vaux + Vprin.

Na seção 1.2, tratamos sobre o percurso histórico da estrutura mesoclítica canônica. Para tanto, retomamos aos primórdios de sua origem, no latim vulgar, no qual são constatados os primeiros indícios de usos de composições de futuro perifrástico em *habere* + infinitivo, composições estas que motivaram a formação do que concebemos, atualmente, como mesóclise canônica. Justificamos a existência da presente seção por consequência, inclusive, do próprio encaminhamento deste capítulo sobre a colocação pronominal e, precisamente, o que chamamos de mesóclise canônica. Desta maneira, neste ponto, debruçamo-nos sobre a mesóclise propriamente dita, em busca de entender melhor sobre essa estrutura, para nós, uma estrutura em uso com uma nova roupagem.

Por fim, na seção 1.3, consideramos a seleção de alguns estudos que foram desenvolvidos nas últimas décadas sobre a colocação pronominal mesoclítica ou, de alguma maneira, contribuíram com uma discussão profícua sobre a temática. Trata-se de uma discussão que se propõe a apresentar como esse tema ainda é abordado, a relevância de seu estudo para o encaminhamento das investigações que se realizaram dentro desse recorte temporal, especialmente, tendo em vista que a mesóclise canônica não vem sendo

utilizada pelos falantes do PB, tanto em contextos de uso escrito quanto de uso oral da língua.

A seguir, a seção 1.1, na qual abordamos as pesquisas sobre os clíticos pronominais nas duas variedades da língua portuguesa: PB e PE.

1.1 Pesquisas sobre os clíticos pronominais no PB e no PE

Os trabalhos que compõem este levantamento bibliográfico são: Vieira (2011), que aborda a cliticização pronominal em lexias verbais simples e em complexos verbais no PE; Lemos (2015) investiga os usos regulares e não regulares do pronome átono *te*; Biazolli (2016), que observa o fenômeno variável da posição de clíticos pronominais no PB e no PE; Vieira (2016) examina a colocação dos clíticos pronominais na modalidade oral da língua portuguesa.

A escolha pelos respectivos trabalhos deve-se ao fato de que estes consideram o uso efetivo da língua e as circunstâncias que levam à variabilidade de tal uso; contemplam, enquanto objeto de estudo, o movimento e posicionamento dos pronomes átonos em lexias verbais simples e em complexos verbais; e norteiam suas análises mediante os usos da língua portuguesa nas variedades do PB e do PE. Diante destes fatores, julgamos que as pesquisas selecionadas colaboram com a nossa proposta, no sentido de encorpar os dados referentes ao que já se tem investigado sobre os usos da colocação pronominal nessas duas variedades da língua portuguesa, com destaque em relação ao movimento de uso diferenciado do átono *te*, principalmente, quando este pronome passa a integrar uma locução verbal do tipo Vaux + Vprin.

Essa análise é relevante, visto que já é praticamente consensual entre alguns gramáticos (Luft, (2002); Cegalla (2012)) e constatado por pesquisadores da academia de que os clíticos só se têm apresentado em posição pré-verbal (próclise) ou em posição pós-verbal (ênclise). De tal modo que, em algumas gramáticas (nos guiamos pela proposição de gramática com uma tendência mais tradicional, visto que a tomamos como referencial teórico que organiza os preceitos que regem o uso do registro padrão da língua), pouco se explicita quanto à posição mesoclítica, resumindo-a como uma posição restrita aos usos escritos da “língua culta formal e da modalidade literária” (CEGALLA, 2012, p. 472) ou atribuindo ser “usos lusitanos, sem comprovação na fala brasileira”

(LUFT, 2002, p. 40). E no que diz respeito à relação dos pronomes átonos nos complexos verbais, dentre os variados posicionamentos explicitados: próclise ao verbo auxiliar, ênclise ao verbo auxiliar, próclise ao verbo principal e ênclise ao verbo principal, não há menção de posicionamento do clítico no interior, intercalando o complexo verbal, sem estar adjunto ao verbo auxiliar em ênclise ou ligado ao verbo principal em próclise.

Desta maneira, em outra via de percepção, nossa investigação, sobre os usos do átono *te*, apresenta que a existência do posicionamento desse pronome, no meio das locuções verbais (intra-complexo verbal), como no exemplo [...] [10] *Vou te contar* a história de um homem chamado Nabote. [...], assemelha-se à colocação do que conhecemos como mesóclise canônica e que, diferentemente desta, vem se reproduzindo de maneira produtiva particularmente na comunicação entre os falantes do PB (fato este apoiado em prévia pesquisa realizada com participantes do PB e do PE, ver Capítulo 3, seção 3.1)

Julgamos profícua a discussão, primeiro, pois, obviamente, não há previsão nos compêndios gramaticais sobre tal explicitação, até porque o que estamos concebendo enquanto mesóclise não-canônica (pronome átono ao meio de uma locução verbal composta por verbo auxiliar IR + pronome átono *te* + verbo principal no infinitivo) desmistifica toda uma idealização de construção mesoclítica, visto que se propaga em ambientes de informalidade e, principalmente, em contextos orais de uso da língua. E segundo, pois tal estrutura composicional possui um caminho que pode ser justificado por seu percurso histórico, a partir da formação do futuro, procedente do latim (discussão apresentada na seção 1.2).

Diante do exposto, os trabalhos elencados para compor esta seção reforçam e cooperam em nossa proposta no sentido de demonstrar, tanto nos usos do PB quanto nos usos do PE, o posicionamento dos clíticos em lexias verbais simples e, principalmente, em complexos verbais, visto serem estes últimos, composições que habilitam a formação da mesóclise não-canônica por meio dos usos dos falantes, que alocam o pronome *te* ao meio, para expressarem sua intenção de realizar a ação em tempo futuro. Percebe-se, nestes termos, que a mesóclise não-canônica além de apresentar uma estrutura sintática aos moldes da mesóclise canônica, a substitui eficientemente, preenchendo diferentes espaços de uso da língua.

Dessa maneira, os autores elencados: Vieira (2011); Lemos (2015); Biazolli (2016), Vieira (2016), por meio de seus respectivos estudos, indicam que há um uso diferenciado com o pronome átono nas duas variedades da língua portuguesa

mencionadas, sinalizando, assim, um apoio à prévia pesquisa que realizamos (ver Capítulo 3, seção 3.1), na qual ficou constatado que o átono *te* funciona de maneira muito produtiva para a constituição da mesóclise não-canônica no PB, do que em relação ao que ocorre nos mesmos contextos de usos investigados no PE.

Nas seções que se seguem, apresentamos, então, as sínteses dos trabalhos acadêmicos. Na primeira seção (1.1), a pesquisa de Biazolli (2016) contempla a variedade brasileira e europeia, realizando um estudo sobre o fenômeno variável da posição de clíticos pronominais em lexias verbais simples e em complexos verbais. Em seguida, na seção (1.2), o trabalho de Vieira (2016), sobre a colocação dos clíticos pronominais prevê a abordagem em três variedades da língua portuguesa: português brasileiro, português europeu e português de São Tomé (PST), todavia, concentrar-nos-emos nas variedades do PB e PE. Na seção (1.3), o estudo realizado por Lemos (2015) considera, como eixo de discussão, o uso prototípico e os usos não regulares do pronome átono *te*, sob a lógica da Linguística Funcional Clássica (LFC), que prevê que a sintaxe é estabelecida por meio da língua em uso, a partir das manifestações e organizações discursivas dos falantes. A última seção (1.4), Vieira (2011), focalizando a modalidade oral do PE, realiza um estudo sobre a colocação dos pronomes átonos, considerando um e mais de um constituinte verbal.

As investigações explanadas são elencadas na Tabela 1 a seguir, organizadas por autor/ano e título. Em seguida, são apresentadas as respectivas obras, demonstrando o que se tem discutido em torno do posicionamento dos clíticos em lexias verbais simples e, especialmente, o que se tem observado sobre os pronomes átonos e os movimentos que exercem em torno dos complexos verbais.

Tabela 1 - Trabalhos que compõem o levantamento bibliográfico

AUTOR (ANO)	TÍTULO DO TRABALHO
Vieira (2011)	A cliticização pronominal em lexias verbais simples e em complexos verbais no português europeu oral contemporâneo: uma investigação sociolinguística
Lemos (2015)	O uso do pronome <i>te</i> : reflexões numa perspectiva clássica da Linguística Funcional
Biazolli (2016)	Posição de clíticos pronominais em duas variedades do português: inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma
Vieira (2016)	A ordem dos clíticos pronominais na modalidade oral da língua portuguesa

Fonte: O próprio autor

1.1.1 Vieira (2011) – estudo sobre a colocação dos pronomes átonos em um e mais de um constituinte verbal.

Em “A cliticização pronominal em lexias verbais simples e em complexos verbais no Português Europeu oral contemporâneo: uma investigação sociolinguística”, Vieira (2011) investiga a colocação dos pronomes átonos a partir de lexias verbais simples (ocorrências pré-verbal, próclise, e pós-verbal, ênclise. Destaque-se que não houve ocorrências de clítico em posição mesoclítica) e em complexos verbais (com variantes pré, intra e pós-complexo verbal). Foi utilizado o *corpus* CORDIAL-SIN (*Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe do Português Europeu*), que possui registros orais do português europeu retirados da fala de informantes não escolarizados, do fim do século XX, de diferentes regiões de Portugal.

O trabalho da autora acompanha a abordagem das obras² anteriormente expostas nesta seção, colaborando para as reflexões de nossa tese, sobretudo ao que se refere à colocação pronominal diante de complexos verbais. Além de privilegiar um estudo pautado sobre a língua em uso, considerando não apenas as variáveis linguísticas, assim como, as variáveis extralinguísticas. Outrossim, a temática de investigação em torno dos usos do PE oral contemporâneo amplifica as características que vêm a cooperar para as nossas análises sobre o átono *te*, diante de complexos verbais, no PE e no PB.

É interessante mencionar, conforme aponta Vieira (2011), que há uma diversidade de trabalhos que já se debruçaram no tocante à modalidade escrita do PE. Todavia, no que se refere à modalidade oral do PE, até então, podem ser citados os trabalhos de Vieira (2002) e Catarina Magro (2004). Já a presente investigação, apesar de trabalhar com a modalidade oral do PE, segue um encaminhamento inovador ao explicitar todos os contextos morfossintáticos que os clíticos pronominais podem apresentar em dados da fala de portugueses não escolarizados.

A autora hipotetiza que, no que concerne às lexias verbais simples, a ênclise é variante preferencial dos portugueses, ficando a próclise restrita a contextos morfossintáticos específicos. Quanto aos complexos verbais, a posição intra-CV é a mais

² Os trabalhos de Vieira (2011), Biazolli (2016) e Vieira (2016) seguem uma perspectiva mais voltada para a Sociolinguística e Teoria da Variação, conforme alicerce teórico em Weinreich; Labov; Herzog (1968); Labov (1972, 1994); Klavans (1985). Embora não seja exatamente nossa linha, pois partimos da LFC, vale destacar que pertencemos ao mesmo grupo que entende a língua com a noção do que seria o uso real, o uso da língua em sociedade.

recorrente entre os portugueses, já a pré-CV e pós-CV estariam presentes a partir de contextos morfossintáticos.

Discute-se o interesse de linguistas em considerar a tipologia dos clíticos, reconhecendo a natureza morfológica, sintática e fonológica. Dessa forma, os clíticos aproximam-se tanto das palavras (ao nível sintático) quanto dos afixos (ao nível fonológico). Quanto a isto, apontam-se características e propriedades que aproximam e distanciam as categorias de clíticos e afixos, assim como, entre clíticos e palavras.

Assim, elencam-se pontos que favorecem ao tratamento dos clíticos enquanto afixos – localizar-se próximo ao verbo; constituir-se enquanto grupo fechado e pequeno, diferindo-se das classes abertas, como nome, adjetivo e verbo –; bem como, há considerações que os afastam dos afixos – vincular-se a uma instância sintática e não a raízes vocabulares; apresentam mobilidade (antes, depois ou no interior do verbo), não se comportando como formas presas. E no que concerne aos clíticos e as aproximações com a categoria de palavras citam-se as possibilidades de apagamento; pode ser retomado por ele mesmo, enquanto proforma de substituição repetitiva; possui mobilidade em relação ao verbo.

Outro ponto de destaque em Vieira (2011) refere-se à revisão bibliográfica de trabalhos e pesquisas sobre a colocação pronominal na língua portuguesa, com ênfase à variedade europeia. Para ilustrar uma abordagem mais tradicional da gramática, contemplando tanto a variedade brasileira quanto a variedade europeia, a autora indica Cunha; Cintra (2007) que tratam a colocação pronominal, considerando três posicionamentos, a saber: enclítico (depois do verbo); proclítico (antes do verbo); mesoclítico (no meio do verbo no futuro do presente ou futuro do pretérito). Além disso, enfatizam o fato de a ênclise ser o posicionamento normal e lógico, dado que os pronomes átonos tendem a ser objeto direto ou indireto do verbo. E indicam que há situações que exigem o uso da próclise, em específico, quando há elementos antes do verbo que funcionam como atratores ou proclisadores dos clíticos. Essas mesmas situações explicitadas configuram para os complexos verbais e a ocorrência da próclise ao verbo auxiliar.

Do levantamento bibliográfico realizado por Vieira (2011), julgamos adequado considerar alguns pontos relevantes para a análise de nossa tese, no que concerne à posição dos clíticos pronominais diante dos complexos verbais. Nesse sentido, citemos a distinção entre PE e PB, sendo o primeiro encaminhado para consolidação de ênclise ao verbo auxiliar; e o segundo, para a preferência da próclise ao verbo principal.

Entre outras constatações de Vieira (2011), especialmente, em relação aos clíticos em complexos verbais, constatou-se a variante intra-CV (ênclise ao verbo auxiliar) foi a mais representativa no *corpus* analisado. Quanto à forma do verbo principal no infinitivo e gerúndio, constatou-se que a ênclise ao verbo auxiliar foi a mais representativa, já no particípio, confirmou-se a próclise ao verbo auxiliar como a mais representativa. Não houve presença de pronomes átonos em posição inicial absoluta em oração.

Quanto ao verbo principal: no particípio (maioria com o auxiliar *ter*), a variante preferida foi a pré-CV, sempre com proclisadores; no gerúndio (maioria com o auxiliar *ir*), a variante foi a intra-CV; no infinitivo, a variante foi a intra-CV (com exceção dos clíticos *a*, *o*, que favorecem à ênclise ao complexo). Enfatiza-se que a posição prototípica da variante, no PE, foi a intra-CV (ênclise ao verbo auxiliar).

Por fim, é válido ainda acrescentar em Vieira (2011) que a presença de proclisadores evidencia a ocorrência da próclise em lexias verbais simples e mais expressivamente nos complexos verbais, assim como, a presença de elementos intervenientes diminui a possibilidade de subida do clítico.

A seguir, na próxima subseção, apresentamos o trabalho de Lemos (2015) que estuda o pronome *te* em termos de uso.

1.1.2 Lemos (2015) – pesquisa sobre o uso prototípico do pronome átono *te* e suas manifestações não regulares.

Em “O uso do pronome *te*: reflexões numa perspectiva clássica da Linguística Funcional”, Lemos (2015) investiga o uso prototípico do pronome átono *te* e as possíveis ocorrências de uso não regulares, por meio do tratamento da língua em uso, para tanto, o autor observa as manifestações discursivas dos falantes em um *corpus* de língua oral. A Linguística Funcional fundamenta o estudo e dois de seus princípios são indicados para nortear a pesquisa: prototipicidade e topicalização.

Visto que se trata de uma investigação que preconiza o uso como ponto de partida para se explicar as motivações que dão forma à língua, o autor elenca consagrados teóricos funcionalistas para fundamentar suas análises, entre eles podemos citar: Hopper (1980), Thompson (1980) e Givón (1986). É possível notar um direcionamento de análise que tenta harmonizar o que se há prescrito nos manuais de língua portuguesa e o que se

pode demonstrar nos usos dos falantes sobre o objeto de estudo, o pronome oblíquo átono *te*.

Destaque-se, desse modo, que é uma proposta de estudo que considera o processo comunicativo dos falantes, enquanto possibilidade para a dinamicidade e flexibilidade que se configura a língua. Para tanto, abre-se uma discussão em torno do processo comunicativo e das regularidades que emergem dele, pois este desdobramento é visto como ponto fundamental para que o funcionalista compreenda o porquê e quais motivações levam o falante a fazer uso de determinada forma linguística, em determinado contexto.

Fica-nos evidente que há uma preocupação em apresentar uma investigação que colabore para a conciliação de análises que prevejam o sistema e o uso. Desta maneira, ao eleger o pronome átono *te* como objeto de estudo, o autor valida seu intuito em investigar as diferentes funções que podem ser desempenhadas por este pronome, por meio do que se está fixado nos manuais linguísticos e o que é possível apresentar a partir dos usos dos falantes.

A escolha pelo *corpus* C-Oral-Brasil é outro ponto que vale ser salientado na proposta de Lemos (2015), pois se trata de um banco de dados que se acomoda à pesquisa apoiada na Linguística Funcional, de posicionamento menos extremado, permitindo tratar amostras de uso da língua constituídas por meio da fala espontânea e, assim, perceber as nuances de usos do átono *te*, que estão além das prescritas pela gramática tradicional.

Destarte, é considerável assinalar que foram exatamente as nuances que estão além das prescritas pela gramática tradicional que se tornaram fatores determinantes para a constituição e aprofundamento da presente tese, pois foram as possibilidades não regulares do átono *te*, os baixos índices de usos enclíticos, o generalizado uso proclítico e o acentuado uso do átono *te* intercalado a complexos verbais, que permitiram enxergar características de uma colocação pronominal que diverge das possibilidades ditadas pela gramática, tanto em relação aos usos escritos, quanto, principalmente, no que diz respeito aos usos orais dos falantes do PB. Reforce-se que tais fatores foram vislumbrados, a partir da Linguística Funcional, alicerce teórico, que nos possibilita ousar a existência de considerações de usos linguísticos que ultrapassam as previsões atreladas apenas às organizações estruturais do sistema.

A partir dos apontamentos descritos anteriormente, percebemos a validade do levantamento da hipótese de Lemos (2015), ao relacionar seu propósito investigativo

à intenção de apontar outras possibilidades de uso não previstas pela gramática tradicional, manifestáveis pelo átono *te*, ao passo que se enxergou uma noção mais discursiva e menos sintática da língua.

Mencionemos que o autor se atentou em realizar, inicialmente, uma coleta de trabalhos do início do século XXI, que versam sobre as categorias pronominais, em específico, sobre os pronomes átonos. Tal ação contribuiu para apontar trabalhos que se debruçaram sobre as categorias pronominais e que de alguma maneira têm como premissa de análise uma abordagem mais funcional. Para tanto, foram traçadas interseções e diferenças quando se eleva a noção do uso da língua para o tratamento dessas categorias no âmbito educacional, apontando novos encaminhamentos a partir desta noção mais funcional.

O ponto alto da pesquisa direciona-se ao princípio da prototipicidade e à noção de protótipo relacionada ao pronome átono *te* e suas manifestações regulares e não regulares. Desta maneira, há a orientação em relação à noção categórica da gramática tradicional – que é o pronome desempenhar papel de complemento e função de objeto direto ou indireto. Nesse mesmo caminho, constatou-se que esta função é de fato a mais recorrente a partir dos usos linguísticos evidenciados no *corpus*, bem como, possibilitou demonstrar a amostragem de novas funções ainda não previstas pela gramática tradicional, objeto direto e indireto pleonásticos.

Seguindo o percurso de princípios que apoiam o presente estudo, cita-se a topicalização. Explicita-se que há o encaminhamento do pronome *te* em direção à figura de tópico da oração, desempenhada pelo sujeito da oração. Julga-se tal movimento como compreensível, posto que o falante da língua move determinado constituinte da oração para atender seus interesses comunicativos. Interessante mencionar que apesar de não atestarem o posicionamento de tal pronome enquanto tópico, há o nítido deslocamento deste pronome, descaracterizando a ordenação prevista da Língua Portuguesa SVO (sujeito, verbo e objeto). Pelo contrário, adianta-se que não houve no *corpus* analisado o posicionamento SVO, mas, sim, apresentando o reordenamento HÁ na maioria dos trechos analisados.

Vale considerar que, das análises realizadas por Lemos (2015), no *corpus* C-Oral Brasil, foram constatadas enquanto funções sintáticas desempenhadas pelo *te*: objeto direto e objeto indireto e as ocorrências com a função de objeto direto e indireto pleonásticos. No entanto, é válido mencionar que a função de objeto indireto foi a mais prototípica, pois ocorreu com maior frequência nos trechos analisados.

A relação do pronome *te* com estruturas verbais foi outro ponto a considerar para as análises. Esta relação se tornou a premissa básica para depositarmos um olhar mais aguçado em relação a movimentação e relação desse pronome em estruturas verbais simples e estruturas locucionais verbais. Começamos por destacar as ocorrências do pronome com verbos simples, que superaram as ocorrências que apresentavam o mesmo pronome em relação às locuções verbais. Até aqui, nada de muito novo a ser acrescentado, visto que o falante tende, em contextos de uso, a se utilizar da economia linguística, buscando menos material para codificar o que se quer exprimir. Para estes casos, as análises de Lemos (2015) indicaram que a colocação pronominal proclítica é a função prototípica do pronome *te* nas ocorrências analisadas. Esta constatação reforça o que se vem apresentando na academia com os estudos que preveem a colocação pronominal no PB.

Por fim, algo que julgamos como apreciável para a condução e reflexão de nossa investigação e que merece ser exaltado nesta parte da pesquisa, trata-se da análise realizada quanto à posição mesoclítica, propiciada a partir da evidência de ocorrências do pronome átono *te* no interior das estruturas locucionais verbais. O autor esclarece que a presença de tal pronome, situando-se no interior dos dois verbos, não “quebra/cinde” o sentido da locução. Tal fato ocorreu em cerca de 38% das ocorrências, o que se julga algo caracterizador para análises e estudos futuros sobre esta questão intrigante e estimulante, uma vez que não se considera mais, pela prescrição da gramática tradicional, a presença da mesóclise nos usos linguísticos atuais, principalmente, quando se tratarem de usos que retratam contextos de interação informal. Logo, nesse caminho, é notável que este ponto descaracteriza os encaminhamentos prescritivos em torno da mesóclise, tendo em vista que o posicionamento mesoclítico é pertencente aos contextos de formalidade de uso da língua, todavia, nestas análises de Lemos (2015), tal uso com o pronome átono *te*, intercalando locuções verbais, aparece em um universo de ocorrências no qual o uso linguístico é mediado em âmbitos de informalidade.

O trabalho de Biazolli (2016), a seguir, prevê uma abordagem descritivo-comparativa em torno da posição dos clíticos no PE e no PB.

1.1.3 Biazolli (2016): estudo descritivo-comparativo sobre a posição de clíticos pronominais em duas variedades do português.

A investigação de Biazolli (2016) debruça-se sobre as discussões em torno da posição dos clíticos pronominais. O presente estudo se faz relevante para nossos apontamentos, dado que prevê uma abordagem em relação à variação da colocação dos clíticos pronominais no PE e no PB, destacando, as dimensões linguística, social e estilística.

Esclarece que as formas pronominais pessoais podem ser definidas como retas (tônicas e livres) e oblíquas (átonas e tônicas), assim, quanto aos pronomes clíticos, estes se referem aos pronomes oblíquos átonos (me, nos; te, vos; o, a, ou lhe; os, as, ou lhes) que, por ausência de tonicidade, necessitam de outro termo da oração para se estabelecerem sintaticamente – neste caso, o verbo – funcionando, portanto, como complemento deste.

Outro dado importante tratado por Câmara Júnior (1979) sobre a variabilidade fonética entre o PB e o PE, que podemos acrescentar à discussão de Biazolli (2016) e que se repercute para o nosso objeto de estudo, diz respeito ao fato de que, no PE, o pronome átono é integrado ao verbo, em um movimento semelhante ao sufixo. Isto poderia, então, justificar o porquê de um uso menos expressivo da mesóclise não-canônica (verbo IR + átono *te* + verbo principal no infinitivo) no PE, visto que, nessas condições e nessa variedade de língua, o pronome, dentro do complexo verbal, está mais aglutinado ao verbo auxiliar, em um movimento enclítico e não, necessariamente, ao meio, intercalando o composto verbal, como ocorre expressivamente no PB.

Retomando Biazolli (2016), é pertinente a menção sobre a particularidade do clítico pronominal de ser vocábulo formal, também, definido como forma dependente. Logo, esta forma dependente é assim nomeada, porque não pode ser considerada livre, já que por si só é insuficiente para estabelecer comunicação. No entanto, há de se considerar que esta forma dependente, também, não é presa, pois é capaz de alternar seu posicionamento em relação à forma livre a qual está associada.

Ainda contribuindo com o debate sobre a dependência das partículas átonas e no que tange à compreensão dos clíticos, a autora detalha a discussão entre clíticos e afixos e entre clíticos e palavras, concluindo que os clíticos pronominais podem exibir traços tanto de afixos – como é o caso da vinculação a uma forma livre – quanto de palavras – por apresentar mobilidade de posicionamento.

Fica-nos perceptível que não há um posicionamento explícito em torno da LFC, todavia há marcas no texto de Biazolli (2016) que colaboram para a compreensão favorável sobre tal abordagem, posto que considera como medida de análise, a língua em uso e os fatores internos responsáveis pela alternância das variantes; as características situacionais e suas relações – de natureza não linguística – com as formas de realização do fenômeno; como, também, a observância do que está previsto pela prescrição e pelos usos reais dos pronomes clíticos.

Sabe-se que há um vasto território a se percorrer no que concerne às questões que se voltam à colocação pronominal, isto é, suas análises podem ser direcionadas em termos fonológicos (por ausência de tonicidade, o clítico pronominal emparelha-se a outro item linguístico, constituindo um vocábulo fonológico único); em termos morfológicos (as características, aqui associadas, indicam a categoria gramatical do clítico pronominal); e em termos sintáticos (aqui, os clíticos pronominais são tomados por seu posicionamento na oração).

Diante disso, Biazolli (2016) concentra-se em torno do nível sintático, visto que seu estudo prevê a análise dos clíticos pronominais, apreciando as posições em lexias verbais simples e em complexos verbais. Sendo este último, outro ponto que estreita as afinidades com nossa investigação, já que propomos uma abordagem em torno de complexos verbais, em específico, no que concerne à colocação do pronome átono *te*.

Em tom assertivo e em conformidade com orientações teórico-metodológicas no que se refere à colocação pronominal, a autora explicita a unanimidade da “forte divergência entre o PE e o PB”. Saliente-se que tal constatação corrobora com o resultado de nosso estudo inicial, já apontado em parágrafos anteriores, por meio do qual obtivemos os primeiros indícios que algo particular estaria ocorrendo, com o pronome átono *te* diante de complexos verbais, no PB.

Biazolli (2016), com o intuito de fortalecer a questão exposta anteriormente, faz um levantamento bibliográfico, privilegiando, de um lado, obras com enfoque tradicional, e, de outro, as pesquisas de cunho linguístico. Os quadros 1, 2, 3 e 4, presentes nesta seção 1.1.1, foram retirados *ipsis litteris* da obra de Biazolli (2016).

Quadro 1 – Obras de cunho tradicional apresentadas na revisão bibliográfica

AUTOR (ANO)	TÍTULO DA OBRA
Figueiredo (1917[1909])	<i>O problema da colocação de pronomes: suplemento às gramáticas portuguesas</i>
Said Ali (2008[1908])	<i>Dificuldades da língua portuguesa</i>
Bechara (2009[1961])	<i>Moderna gramática portuguesa</i>
Rocha Lima (2011[1957])	<i>Gramática normativa da língua portuguesa</i>
Cunha e Cintra (2013[1985])	<i>Nova gramática do português contemporâneo</i>

Fonte: Biazolli (2016, p. 39)

Das obras elencadas por Biazolli (2016), sobressaem alguns pontos que julgamos adequados a serem mencionados e favorecem a nossa investigação, seja em caráter de acréscimo ou, até mesmo, de reflexão para nossas análises.

Assim sendo, vale o destaque a Figueiredo (1917), por representar um dos pioneiros a sistematizar as regras de colocação pronominal na língua portuguesa. Observa-se que as contribuições do filólogo português repercutem e resistem nas prescrições dos dias atuais, assim, mencionemos a preferência à posição enclítica, que só deixaria de ser utilizada na presença de atratores³.

O tom prescritivista intentava “corrigir” usos dos pronomes clíticos considerados “errados” em PE, como também, regularizar estes usos no PB. Interessante destacar que o autor apenas indica os erros do PE, reprova-os, mas não encaminha esclarecimentos. Seu alicerce teórico fundamenta-se em textos de escritores portugueses e brasileiros modernos, além de “mestres antigos”.

Percebe-se uma determinada rigidez de aceitação em relação às variantes de colocação pronominal (consideradas impróprias) quando estas não condizem com a colocação padrão do PE ou pelo que é postulado pelos antigos escritores. Tomemos como exemplo o uso recorrente, no PB, abolido historicamente pela Lei de Tobler-Mussafia de

³ Segundo Brito; Duarte; Matos (2003, p. 853 *apud* BIAZOLLI, 2016, p. 49): “[...] são estes os elementos – atratores de próclise ou proclisadores – responsáveis pela colocação do pronome clítico antes do verbo: (i) operadores de negação frásicos e sintagmas negativos; (ii) sintagmas-Q interrogativos, relativos e exclamativos; (iii) complementadores simples e complexos, isto é, selecionados por uma preposição ou um advérbio ou que resultam de reanálise; (iv) advérbios de focalização, de referência predicativa, confirmativos, de atitude proposicional e aspectuais; (v) quantificadores distributivos e grupais como *todos*, *ambos* e *qualquer*; (vi) quantificadores indefinidos e existenciais como *alguém* e *algo*; (vii) quantificadores generalizados como *bastantes* e *poucos*; (viii) conjunções correlativas com um elemento de polaridade negativa (*não só... mas / como também*) e conjunções correlativas disjuntivas (*ou...ou, ora...ora, quer...quer*); e (ix) constituintes ligados discursivamente em construções apresentativas.”

Nesta pesquisa, admitindo-se o que se percebe pela citação, todas as vezes que aparecerem os termos: a) atratores; b) atratores de próclise; c) proclisadores, os mesmos serão admitidos como termos sinônimos.

se utilizar os pronomes átonos em início absoluto de frase, como em: “**Te enviei** a mensagem ontem”⁴. Outro exemplo, utilizado em nosso estudo e retirado de nosso *corpus* do Português: Web/Dialetos, que reforça um uso reprovado, pode ser observado na ocorrência “[3] [...] Mas, **vou te contar**, acordar de madrugada para amamentar, toda noite, por noites a fio [...]”. Este exemplo estaria em desacordo, pois o ideal prescrito pelos manuais da língua seria ênclise ao verbo principal.

Quanto a Said Ali (2008), mencionemos os seguintes destaques: a forma normal é a enclítica e quando esta não se configura, a antecipação do clítico ao regente ocorre por atração fonética, tratada como um deslocamento por força de outro vocábulo; o distanciamento entre as pronúncias do PB e do PE contribuem para as divergências entre estas variantes, associando, para tanto, à diferença fonética entre PB e PE; a ênfase nessa obra está direcionada à relação do posicionamento enclítico em orações subordinadas e negativas no PB, resultado de hipercorreção, em outras palavras, o falante privilegiaria a ênclise como medida para o alcance do registro padrão.

Agrupamos as obras de Bechara (2009), Rocha Lima (2011) e Cunha e Cintra (2013), por tratarem da mesma abordagem sobre a colocação pronominal no PB e no PE. Assim, tais compêndios gramaticais tendem a privilegiar o modelo de uso do PE, reforçando o afastamento sobre o que é tratado e prescrito nestes compêndios gramaticais e o que se tem configurado nos usos sobre a colocação pronominal do PB.

A colocação pronominal é explicada a partir de lexias verbais simples – próclise, ênclise, mesóclise – e em relação às locuções verbais, restringindo-se, nesses casos, às formas verbais do verbo principal (infinitivo, gerúndio e particípio). Os autores prescrevem uma série de regras indicadas como “certas”, baseadas nos usos da modalidade escrita e nas falas de pessoas cultas. Referem-se à ênclise como a forma normal, pontuando os demais casos que haja necessidade da próclise e, por fim, não há menção à mesóclise.

As Gramáticas descritivas foram outro norte para a constituição das análises de Biazolli (2016). Assim, a seguir, há o quadro constituído em sua pesquisa, com os autores e respectivos títulos de suas obras, além de nossos apontamentos que consideramos condizentes para serem aqui apreciados.

⁴ Exemplo concebido pelo autor.

Quadro 2 – Gramáticas descritivas apresentadas na revisão bibliográfica

AUTOR (ANO)	TÍTULO DA OBRA
Mateus et al. (2003[1983]) - Brito, Duarte e Matos (2003[1983])	<i>Gramática da língua portuguesa</i> <i>Tipologia e distribuição das expressões</i> <i>Nominais</i>
Raposo et al. (2013) - Martins, A. M. (2013)	<i>Gramática do português – volume II</i> <i>Posição dos pronomes pessoais clíticos</i>
Perini (2005[1995])	<i>Gramática descritiva do português</i>
Castilho (2012)	<i>Nova gramática do português brasileiro</i>

Fonte: Biazolli (2016, p. 39)

Em Mateus et al. (2003), Brito; Duarte; Matos (2003) explicitam que há a possibilidade da posição dos clíticos pronominais ocorrer, no PE moderno, em próclise ou ênclise. No entanto, há variadas situações que impossibilitam esta oscilação, como é o caso regido pela Lei de Tobler-Mussafia que impossibilita o uso de clítico pronominal em início absoluto de oração, tornando-se agramatical as construções que apresentem esta particularidade.

De maneira pontual, discute-se sobre a posição mesoclítica, enquanto referência a linhas de uma gramática antiga que resiste na variedade do PE moderno, encaminhando-se para o desaparecimento. Diz-se que há um aumento dos casos de ênclise em função da reanálise das formas analíticas do futuro e do condicional para a forma sintética.

Salientam que é a posição enclítica o padrão básico e não marcado no PE moderno, presente em todas as frases finitas e em diversas não finitas. Já a posição proclítica está atrelada a algumas condições sintático-semântica ou prosódica, citando elementos potenciadores à próclise ou proclisadores, como é o caso dos operadores de negação.

Todavia, podemos apresentar quanto a esta questão, mediante prévia pesquisa que realizamos com participantes do PE (ver Capítulo 3, seção 3.1), alguns resultados de usos proclíticos com pronome átono *te*, não tão comuns nessa variedade, configurando ocorrências mais marcadas. Entre eles, podemos citar:

- “13) [corpus 5] Eu falei, mas eu não tem mais / eu não tenho mais dinheiro, como é que eu **te** vou dar.”
- “15) [corpus 10] Primeiro modelo que eu **te** vou mostrar, né.”
- “16) [corpus 11] Pode vim aqui (por) que eu **te** vou mostrar.”

Raposo et al. (2013) e Martins (2013) seguem a mesma abordagem sobre as circunstâncias determinadoras da colocação dos pronomes clíticos na variedade padrão do PE. Associa-se ao fenômeno da cliticização⁵ a condições estruturais e morfológicas, a primeira determina a posição proclítica ou enclítica, e a segunda, a posição mesoclítica, tendo em vista a presença de verbo no futuro ou no condicional. Faz-se um estudo minucioso da cliticização em orações principais, subordinadas e coordenadas.

O caminho proposto por Perini (2005) foi eleger como o verdadeiro problema da cliticização, a dúvida do falante em posicionar o clítico em determinadas situações, se o faz seguindo o padrão ou adapta-o à variedade de uso local. Tal fato remete-nos à hipercorreção que ocorre quando o falante privilegia a ênclise como medida para o alcance do registro padrão. Enfatiza-se a predominância da próclise e o desaparecimento da ênclise no PB, tanto na modalidade falada quanto escrita, ocorrendo a simplificação da colocação do clítico antes do NdP (núcleo do predicado). Fato inclusive observado, em nossa pesquisa, nos usos do pronome átono *te* em lexias verbais simples, independente da situação morfossintática.

Castilho (2012) faz um estudo sobre o porquê da próclise brasileira, para tanto, analisa as variações da colocação dos clíticos pronominais ocorridas ao longo dos séculos. Remonta ao século XVI a predileção pela próclise, ocorrendo determinado encaminhamento à ênclise a partir do século XX, devido à busca por padrões europeizantes desde o século XIX, refletindo na língua o padrão enclítico do PE, mas não se configurando de fato devido à artificialidade.

Nos quadros 3 e 4, a seguir, estão listadas algumas investigações da academia, retiradas da obra de Biazolli (2016), nas quais são encontrados apontamentos sobre o posicionamento dos clíticos pronominais, organizadas, respectivamente, em análises de cunho diacrônico e de cunho sincrônico.

Por meio dessas investigações, podemos alçar alguns direcionamentos sobre o que se vem constatando em relação à posição dos clíticos pronominais em lexias verbais simples e em complexos verbais, seja em um plano mais amplo, por meio do processo evolutivo da língua portuguesa, oportunizado pelos estudos diacrônicos, considerando, para tanto, as transformações, variações e mudanças da colocação pronominal nas variedades do PB e PE ao longo dos séculos. Como, também, por meio de um caminho mais direcionado sobre o funcionamento da língua portuguesa, em um

⁵ Substituição de um termo da oração por um clítico ou pronome átono.

dado momento do tempo, assim sendo, por meio dos trabalhos sincrônicos há a possibilidade de enxergarmos alguns traços de regularidade do posicionamento do clíticos nas variedades do PB e do PE.

Nesse sentido, as observações destacadas dos trabalhos de cunho diacrônico e sincrônico vêm cooperar para as nossas reflexões sobre o nosso objeto de estudo, visto que caminhamos no sentido de constituir uma análise de cunho panorâmico, para tanto, consideramos o funcionamento e evolução, ao longo do tempo, do posicionamento dos clíticos pronominais, especialmente, em complexos verbais. Bem como, debruçamo-nos sobre as regularidades dos usos contemporâneos, no PB e no PE, do átono *te* intercalado aos complexos verbais.

Julgamos que tal suporte pode colaborar para demonstrar que o desenho sintático da mesóclise não canônica espelha a condição estrutural da mesóclise canônica. Como, também, validar uma análise mais profícua sobre o comportamento tão frequente, na atualidade, do *te* no meio da locução verbal, assemelhando-se à construção mesoclítica.

Por esse ângulo, das análises de Biazolli (2016), no que concerne às pesquisas linguísticas de cunho diacrônico, dispostas no Quadro 3, a seguir, destacamos alguns esclarecimentos que cooperam, sobretudo, para a discussão das seções 1.2 e 1.3 de nossa investigação, uma vez que estas abordam o percurso histórico do posicionamento mesoclítico.

Quadro 3 – Estudos linguísticos diacrônicos apresentados na revisão bibliográfica

AUTOR (ANO)	TÍTULO DA OBRA
Pagotto (1992)	<i>A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico</i>
Cyrino (1996)	<i>Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos</i>
Carneiro (2005)	<i>Cartas brasileiras (1809 – 1904): um estudo linguístico-filológico</i>
Biazolli (2010)	<i>Clíticos pronominais no português de São Paulo: 1880 a 1920 – uma análise sócio-histórico-linguística</i>

Fonte: Biazolli (2016, p. 39)

Pagotto (1992) contribui com considerações sobre os clíticos pronominais em complexos verbais, esclarecendo que a próclise, ao verbo auxiliar, predominou no período compreendido entre o século XVI ao XVIII, já na segunda metade do século XVIII, a próclise passa a ocorrer em relação ao verbo principal.

Cyrino (1996) analisa a colocação dos clíticos pronominais em lexias verbais simples e complexas, por meio de peças teatrais do século XVIII ao XX, com menção para a observação da categoria vazia em posição de objeto. Constatase a próclise no século XVIII, tanto em lexias verbais simples quanto em complexos verbais.

Carneiro (2005) investiga a colocação pronominal, por meio de cartas pessoais oitocentistas (1809 a 1904), em lexias verbais simples e complexas, tentando demonstrar as diferenças frente à ocupação do litoral e a do interior entre os séculos XVII e XIX. Verifica-se que a forte inclinação à ênclise no século XIX é decorrente da concorrência entre o português clássico e o PE moderno. E que a oscilação entre ênclise e próclise em verbos, em início de oração, deriva da concorrência entre o português clássico e o PB.

Biazolli (2010) analisa a colocação pronominal dos clíticos, em lexias verbais simples e complexas, em textos jornalísticos de São Paulo e Rio Claro-SP, de 1880 a 1920. Apontam-se convergência de dados quanto à colocação pronominal nos textos dos locais mencionados: em lexias verbais simples, a posição proclítica, motivada pela presença de proclisador, é a predominante; por outro lado, o clítico tende a localizar-se após os complexos verbais, motivado pelo verbo principal no infinitivo. Já com a presença de atratores, o posicionamento do clítico tende a ocorrer antes do complexo verbal.

As menções destacadas colaboram para compreendermos melhor sobre a formação de nosso objeto de estudo, principalmente, no que concerne às mudanças do posicionamento do clítico em complexos verbais, nos usos do PB e do PE. Assim, pode-se observar um movimento histórico cíclico quanto à acomodação do pronome átono nas locuções verbais, justificando, as diferenças existentes entre o PB – que, atualmente, apresenta uso mais acentuado do complexo verbal que estamos investigando, concebido como mesóclise não-canônica, por apresentar o clítico no meio do constructo verbal (verbo IR + pronome átono te + verbo principal no infinitivo), semelhante ao ocorrido com a mesóclise canônica – e o PE – que, diferentemente do PB, não tem um uso tão expressivo do constructo verbal que valida a mesóclise canônica. Nesta variedade, a oscilação de usos do clítico antes, no interior do complexo (todavia, configurando-se em ênclise ao auxiliar) e após o complexo verbal (usos mais frequentes), conforme exemplos a seguir:

- “2) [75] Começou dar contração / já **te vou dar** anestesia.”

- “4) [82] **Vou te contar**, velho.”
- “1) [74] Mas eu **vou contar-te**, viu.”

Quanto aos estudos linguísticos de cunho sincrônico levantados por Biazolli (2016), julgamos necessários à discussão, os presentes no Quadro 4, a seguir, pois estes acrescentam informações relevantes sobre a colocação dos clíticos, considerando, inclusive, os dados orais da língua.

Quadro 4 – Estudos linguísticos sincrônicos apresentados na revisão bibliográfica

AUTOR (ANO)	TÍTULO DA OBRA
Schei (2003)	<i>A colocação pronominal do português brasileiro: a língua literária contemporânea</i>
Saraiva (2008)	<i>A colocação dos pronomes átonos na escrita culta do domínio jornalístico e nos inquéritos do Projeto NURC: uma análise contrastiva</i>
Peterson (2010)	<i>A ordem dos clíticos pronominais em lexias verbais simples e complexas em cartas de leitor: uma contribuição da sociolinguística variacionista</i>

Fonte: Biazolli (2016, p. 40)

Schei (2003) investiga a colocação pronominal, comparando o que se tem postulado pela gramática tradicional e os textos literários do fim do século XX (romances brasileiros e portugueses). Há divergência quanto à colocação pronominal entre o que se prescreve nas gramáticas tradicionais e o que se tem utilizado nos textos literários. A autora destaca o fato de o posicionamento dos clíticos nos textos literários se aproximarem do que se tem utilizado na modalidade oral do PB. Vale enfatizar, para tanto, um dado constatado no que se refere à presença massiva de próclise em relação ao verbo principal nos complexos verbais, mesmo havendo proclisadores.

Saraiva (2008) concentra a análise na escrita culta do domínio jornalístico atual e na fala culta de inquéritos do Projeto NURC. Pode-se conferir que a próclise aparece produtivamente tanto na escrita (número mais expressivo) quanto na fala e avaliam-se proximidades entre o que é postulado pelas gramáticas e o que se verificou nas modalidades analisadas (escrita e fala).

Quanto à posição mesoclítica, constatou-se apenas uma ocorrência escrita. Saliente-se que esta ocorrência em posição mesoclítica considera apenas um conceito posicional do pronome, mesóclise de concepção mais tradicional. Diferentemente do que

em nossa pesquisa, posto que, não apenas pelo fato de o pronome estar entre o verbo auxiliar e o verbo principal, mas, principalmente, pela relação intrínseca do pronome *te* com os dois verbos das lexias verbais complexas, em termos: sintático, semântico e pragmáticos.

Peterson (2010) trata a colocação dos clíticos pronominais em lexias verbais simples e complexas. Em relação aos resultados da pesquisa, apontemos que as análises indicaram que aqueles usos de escrita com menor incidência de próclise e maior de ênclise foram direcionados à escrita culta padrão, enquanto que usos de escrita com maior número com favorecimento à próclise e alguns casos enclíticos foram considerados mais informais e despreocupados com o registro padrão da língua. E quanto aos complexos verbais, vale apontar a presença da variante no interior do complexo verbal, mesmo havendo situações que motivem o posicionamento anterior ao complexo verbal.

Diante das análises de Biazolli (2016), sobre as referidas obras destacadas, podemos concluir que estas demonstram questões já previstas e frequentemente reforçadas por estudos acadêmicos sobre as variedades do PE e PB, como é o caso da não abordagem sobre as particularidades de colocação pronominal presentes no PB, que se diferenciam do PE.

Assim sendo, há obras com prescrições da gramática tradicional que legitimam e generalizam a língua portuguesa, tendo como parâmetro a variedade do PE. Logo, traços característicos e altamente utilizados, tanto na escrita quanto na oralidade, são negligenciados, como, por exemplo, o uso generalizado da próclise, inclusive em início de oração e, também, a intercalação do uso dos pronomes átonos em complexos verbais.

Quanto a este último, acrescenta-se que a autora direciona o nível fonológico como explicação para a ligação do átono ao verbo principal, todavia, julgamos adequado indicar que, em termos estruturais, propriamente ditos, não é possível garantir que esta relação seja exclusiva ao verbo principal. Ressalte-se que, em alguma medida, acreditamos que o pronome pode estar tão amalgamado aos dois verbos que seria difícil retirá-lo do complexo verbal, para tanto, julgamos que o átono se localiza ao centro, entre os verbos, conforme ilustrado em: “[83] Amanhã eu **vou te dar** o dinheiro, / hein.”. Logo, nesse encaminhamento, não teríamos o pronome ligando-se ao verbo auxiliar (enclítico) ou ao verbo principal (proclítico), mas, sim, no meio da locução, compondo um todo estrutural que se assemelha ao uso mesoclítico.

Conforme mencionado no início do capítulo, na próxima subseção, apresentaremos o trabalho de Vieira (2016).

1.1.4 Vieira (2016): investigação sobre a colocação dos clíticos pronominais na modalidade oral da Língua Portuguesa.

Vieira (2016), em “A ordem dos clíticos pronominais nas variedades urbanas europeia, brasileira [...]: uma análise sociolinguística do português no início do século XXI”, realiza um estudo voltado para a investigação da colocação dos clíticos pronominais da língua portuguesa, em dados do português europeu e português brasileiro. Conforme já apontado, nas linhas introdutórias desta seção, nos detivemos em abordar as variedades do PE e do PB nas pesquisas que compuseram o nosso levantamento bibliográfico sobre os clíticos pronominais.

Inicialmente, alguns pontos do estudo de Vieira (2016) podem ser destacados, pois são compartilhados por nossa investigação. Desta maneira, a utilização de um *corpus* de modalidade oral é a primeira característica a ser salientada, pois partimos de interações reais de uso da língua; um segundo atributo de partilha diz respeito à composição do *corpus* referente ao século XXI, uma vez que nossa proposta focaliza a observação do objeto de estudo especialmente em complexos verbais, enquanto que a análise de Vieira (2016) privilegia tanto as lexias verbais simples quanto aos complexos verbais; a verificação no PB e PE de caminhos que motivam a divergência ou equivalência da ordem dos clíticos é outro destaque que pode ser observado na proposta de Vieira (2016) e em nossa investigação. Enquanto que para Vieira (2016) o recorte escolhido, nas duas variedades da língua portuguesa, serviu para investigar a colocação dos clíticos pronominais, em nosso estudo, contribui para pesquisar se a mesóclise não-canônica é um fenômeno em uso nas variedades mencionadas.

Nesse sentido, concordamos com a autora quando enfatiza a pertinência de sua investigação pelo fato de se considerar dados da língua portuguesa falada. Quanto a esta modalidade de dados, é válido acrescentarmos que este encaminhamento, de fato, pode representar e respaldar um estudo mais próximo da realidade de usos da língua no PB e no PE, pois, apesar de haver uma preconização nos manuais linguísticos que uniformiza as regras quanto à colocação pronominal, constatamos que há particularidades de usos que diferenciam o posicionamento dos pronomes, por exemplo, para os falantes do PB, o pronome átono *te* em complexos verbais são arrumados, em sua maioria, por

usos do tipo: verbo IR no indicativo + pronome átono *te* + verbo principal no infinitivo, diferentemente, dos falantes do PE que preferem, maioritariamente, alocar o átono após o verbo principal.

Vieira (2016) reforça que, até então, apenas o trabalho de Vieira (2002) havia realizado análise/descrição sociolinguística contrastiva de dados da língua falada, em variedades da língua portuguesa, em lexias verbais simples e complexos verbais. Assim sendo, a investigação de Vieira (2016) valeu-se de amostras com os mesmos perfis de informantes de Vieira (2002), buscando contribuir para a ampliação dos conhecimentos sobre a ordem dos clíticos pronominais na modalidade oral nas variedades brasileira e europeia.

No percurso de seu trabalho, a autora preocupou-se em tecer alguns esclarecimentos sobre os clíticos e os padrões de colocação pronominal da língua portuguesa. Elencou, para tanto, algumas definições de dicionários como Houaiss (2001), Aurélio (1986), Crystal (1997), os quais se aproximam do verbete de ser o clítico um vocábulo átono, que corresponde aos pronomes oblíquos, às preposições, aos artigos, às conjunções, e depende dentro da estrutura de um termo tônico.

Faz-se interessante apontar o esclarecimento de Vieira (2016) sobre o clítico que, assim como os afixos e as palavras, pertence às três categorias de organização morfológica referente aos itens do léxico. Especifica, igualmente, que os clíticos se assemelham aos afixos pela ausência de acento prosódico, diferenciando-se das palavras, no entanto, os clíticos equiparam-se às palavras quanto à liberdade posicional, característica não condizente aos afixos que estão presos à base.

Ainda esclarece que o fenômeno da cliticização é assim nomeado quando o clítico se vincula ao seu hospedeiro (palavra tônica). Explica que os clíticos têm, sintaticamente, o verbo como hospedeiro e, por sua mobilidade posicional em relação ao verbo, a cliticização, em lexias verbais simples, pode ocorrer de três maneiras conforme exemplificações da autora: proclíticos (“Não **se vive** bem aqui”); enclíticos (“**Vive-se** bem aqui”); mesoclíticos (“**Viver-se-á** bem aqui”).

No que concerne aos complexos verbais, há mais possibilidades de ligação, a autora aponta os seguintes exemplos: antes do complexo verbal (*Pré-cv*: “Não **se pode viver** bem aqui.”); ênclise em relação ao verbo auxiliar (*V1-cl x v2*: “**Pode-se** agora **viver** bem aqui.”); ênclise em relação ao verbo auxiliar (PE) ou próclise em relação ao verbo principal (PB), (*V1 (-) cl v2*: “**Pode (-)se viver** bem aqui.”); próclise ao verbo

principal (V1 x cl v2: “**Pode** agora **se viver** bem aqui.”); depois do complexo verbal (Pós-cv: “**Pode viver-se** bem aqui.”).

Quanto aos exemplos dispostos no parágrafo anterior, especificamente, sobre os complexos verbais, podemos corroborar com as indicações da autora no que concerne às possibilidades de usos do PE, pois há uma consonância em relação ao que temos analisado em nosso objeto de estudo com o pronome átono *te* e seu posicionamento no complexo verbal composto por verbo IR no indicativo + verbo principal no infinitivo.

Assim, por meio de nossa prévia pesquisa (ver Capítulo 3), os participantes do PE optaram, majoritariamente, como informamos em parágrafos anteriores, pela alocação do átono *te* após o verbo principal, configurando posicionamento enclítico: verbo IR no indicativo + verbo principal no infinitivo + *-te*, como expresso em: “[80] Depois eu vou **mostrar-te** essas coisas”. Considere-se que parte dos participantes do PE, em uma escala menor, utilizaram o átono após o verbo auxiliar, em um posicionamento enclítico a este verbo: verbo IR no indicativo + *-te* + verbo principal no infinitivo, exemplificado em: “[corpus 3] Mas depois eu **vou-te contar** porque.”. Por fim, devemos atestar os usos de próclise ao auxiliar: *te* + verbo IR no indicativo + verbo principal no infinitivo, como em: “[75] Começou dar contração / já **te vou dar** anestesia”.

Ainda sobre os complexos verbais, agora, nos atendo ao PB, é intrigante observar que a autora não indicou nenhum caso de uso com o átono inserido ao meio, intercalando o complexo verbal, como é o caso verificado em nosso *corpus*, constituído pelo átono *te* ao centro do complexo verbal: verbo IR no indicativo + pronome átono *te* + verbo principal no infinitivo. Neste caso, analisamos que o clítico não está adjunto ao verbo auxiliar, em ênclise, ou em próclise ao verbo principal, diversamente a estas opções, indicamos que há um uso do átono *te* no meio do complexo verbal, que se consagra na fala dos usuários do PB e que designamos como mesóclise não-canônica.

Quanto a isto, podem surgir os seguintes questionamentos: a mesóclise não canônica estaria restrita aos usos do PB? A mesóclise não canônica estaria restrita aos usos com o pronome átono *te*? Os complexos verbais que propiciam a composição da mesóclise não canônica devem ser formados pelo verbo IR, enquanto auxiliar, juntamente, com outro verbo principal no infinitivo? Como nosso estudo tem como recorte de análise o pronome átono *te* e seu uso intercalando, necessariamente, o verbo IR e outro verbo principal no infinitivo, podemos adiantar que esta composição tem um desenho muito produtivo para a formação da mesóclise não canônica, fatos estes que são discutidos mais claramente nas demais seções de nossa pesquisa, que discutem a história

e formação da mesóclise canônica e sua semelhança com a constituição da mesóclise não canônica. Todavia, fica aqui o incentivo para a condução de novos estudos que se proponham a enveredar esse caminho e discutir a produtividade de uma mesóclise não canônica com outros pronomes átonos e/ou complexos verbais formados com verbos distintos aos estudados em nossa pesquisa.

Vieira (2016), no tocante ao viés fonético-fonológico, trata brevemente sobre a posição dos pronomes oblíquos átonos, pois a investigação privilegia uma abordagem em torno do viés sintático, assim como demonstrado em Biazolli (2016) e conforme nossa investigação. A autora cita, então, o trabalho de Corrêa (2012), atribuindo ser uma das poucas evidências empíricas que se tem constituído sobre a cliticização pronominal fonológica.

Vieira (2016), do mesmo modo que Biazolli (2016), analisa alguns estudos linguísticos de cunho diacrônico e sincrônico. Quando aos estudos diacrônicos, estes indicam que, quanto à colocação dos clíticos em lexias verbais simples, a próclise foi a colocação mais utilizada no século XVI. Tal posicionamento foi sendo modificado a partir do século XVII no PE, passando a posição enclítica a ser mais utilizada como posição não-marcada. Já no PB, em relação à posição proclítica, houve a permanência e utilização em outros contextos.

Quanto aos complexos verbais, os estudos diacrônicos apontam que no PE não houve próclise ao verbo principal no século XIX e XX. Já no século XIX, no PB, houve ocorrências de próclise ao verbo principal, com expressivo aumento no século XX. Vale grifar que tal encaminhamento de próclise ao verbo principal pode ter refletido e suscitado aos usos que atualmente estudamos e configuramos como mesóclise não canônica.

Referente aos estudos de cunho sincrônico, os trabalhos selecionados por Vieira (2016) direcionam-se a dados da língua portuguesa entre os anos 70 e 90 do século passado e dados do século XXI. A autora faz uma análise na modalidade escrita, em lexias verbais simples, concluindo que a colocação dos clíticos no PE esteve condicionada a fatores sintáticos, principalmente por conta de fatores proclisadores, favorecendo a posição pré-verbal. Já quanto à modalidade oral, no PE, em lexias verbais simples, a ênclise ocorreu de forma categórica; e no PB, a posição pré-verbal foi a mais acentuada. Assim, de maneira evidente, na modalidade escrita, por conta das pressões do que se é postulado pela norma, motivado pelo PE, as diferenças no PB e PE são suavizadas.

Diferentemente, do que ocorre na modalidade oral, na qual os distanciamentos são bem significativos.

Em relação aos complexos verbais (vale atenção pormenorizada, mais uma vez, neste ponto, tendo em vista que nossa abordagem ocorre em torno do átono *te* diante de complexos verbais), os clíticos no PE tendem a ocorrer mais na posição intra-complexo verbal, estando mais ligados ao verbo auxiliar. E no PB, há a tendência à colocação interna ao complexo verbal, no entanto, o clítico vincula-se ao verbo principal, não importando a presença de elemento condicionador. Em nossa pesquisa, observamos exatamente esta flutuação (SILVA, 2019)⁶ em que o pronome aparenta estar mais preso ao auxiliar que ao principal e vice-versa, no entanto, os usos que nos chamam mais atenção são aqueles em que o pronome *te* não deixa transparecer o seu maior grau de conexão com quaisquer dos verbos. É neste sentido que identificamos a existência do que concebemos como mesóclise não canônica.

Diante do exposto, é relevante apontar as considerações resultantes do estudo de Vieira (2016), principalmente, aquelas que tratam dos complexos verbais nas variedades do PB e PE. Todavia, salientamos as indicações em lexias verbais simples como medida de reforço sobre o movimento dos clíticos nessas condições:

- Em lexias verbais simples: no PE, prioriza-se a ênclise em situações não marcadas, no entanto, a próclise passa a ser mais acentuada quando há proclisadores. Ressalte-se a não ocorrência da posição proclítica em início absoluto de oração no PE e no PB, em qualquer ambiente sintático, a posição proclítica prevaleceu nos dados analisados. Pode-se ressaltar, também, a ocorrência de posicionamento proclítico mesmo quando não há elementos considerados proclisadores, traço característico do PB.
- Em complexos verbais: no PE foram verificadas as posições proclítica ao verbo auxiliar, enclítica ao verbo auxiliar e em relação ao verbo principal e, também, variação em próclise e ênclise em relação ao verbo auxiliar, no gerúndio e no particípio; no PB, não houve ênclise ao verbo auxiliar, porque a próclise em relação ao verbo principal ocorreu generalizadamente.

Por fim, Vieira (2016) destaca que no PB houve diferentes situações de comprovada variação, caracterizando o século XVI com o predomínio da posição

⁶ SILVA, Cícero José da. O uso dos pronomes retos em função de complemento: uma abordagem funcional sobre o fenômeno da flutuação. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, 120 f., 2019.

proclítica, excetuando-se em início absoluto de oração. Fato que passou a ser refletido no século XVII com a generalização do uso proclítico, inclusive, em início absoluto de oração.

A seguir, tecemos nossas considerações em relação aos apontamentos advindos das pesquisas levantadas.

1.1.5 Nossas considerações...

Esta primeira parte do capítulo, dedicada à constituição de um levantamento bibliográfico sobre investigações linguísticas com foco nos clíticos pronominais, demonstrou a noção de relevância dessa temática para a compreensão e análise sobre as variedades da língua portuguesa: PE e PB. Além disso, pode-se perceber que os estudos, aqui reunidos, colaboram para a observação de nosso objeto de estudo, pois se propuseram a tratar sobre a movimentação dos pronomes clíticos, seja em lexias verbais simples e, especialmente, em complexos verbais, uma vez que estes compõem, juntamente com o pronome átono *te*, um conjunto estrutural que denominamos como mesóclise não canônica e se valida como nosso objeto de estudo.

Sendo assim, corroborando com os estudos analisados e com a prévia atividade de pesquisa realizada com os participantes do PE e do PB, já sinalizada neste capítulo, destacamos a diferença existente entre as variedades do PE e PB, no que concerne a colocação pronominal, sobretudo, quanto à diversidade de usos, entre essas variedades, quando focalizamos o pronome átono no interior de complexos verbais, validando assim a iniciativa em se constituir a presente investigação.

Em vista disso, é apreciável mencionar que as considerações, a seguir, advindas dos trabalhos elencados para compor esta seção, foram direcionadas, também, a partir de preceitos de cunho sociolinguístico. Tal orientação possibilitou termos uma visão abrangente sobre os fatores linguísticos e extralinguísticos que são inerentes aos estudos que se apropriam da língua em uso para suas análises.

Dessa maneira, em relação às lexias verbais simples, considere-se a ênfase de ocorrências proclíticas no PB e enclíticas no PE. No entanto, em determinadas ocasiões, através das quais os pesquisadores se valeram de dados de uso da língua escrita, que tendência a um uso mais controlado e direcionado à normatividade, há a preferência pelo posicionamento padrão enclítico no PB.

Nesse sentido, percebemos que houve determinada proximidade de uso da colocação pronominal, na modalidade escrita, entre o PE e o PB, reforçando a noção de que quando se trata de dados de usos escritos da língua, os falantes do PB, por força de um emprego do registro padrão, tendem a utilizar a posição enclítica, aproximando-se dos usos prototípicos do PE e afastando-se dos usos regulares que se utilizam na oralidade, ou seja, usos generalizadamente proclíticos.

Assim sendo, destaquemos a diferença entre o PE e o PB, de colocação pronominal, nos usos de complexos verbais, no que se refere à modalidade oral. Houve a ocorrência generalizada de se posicionar o clítico antecedendo o verbo principal, em próclise, principalmente, no PB. Todavia, ainda na oralidade e em específico no PE, houve ocorrências de ênclise ao verbo auxiliar e ao verbo principal, como também, próclise ao verbo auxiliar. Por outro lado, vale considerar a expressividade de ocorrências com o aparecimento das demais variantes, em dados na modalidade escrita (ênclise ao verbo auxiliar e ao verbo principal; próclise ao verbo auxiliar), tanto no PE quanto no PB.

Tratando-se, especificamente, das lexias verbais simples no PE, percebeu-se a regularidade da posição enclítica na maioria das ocorrências analisadas. Destaque-se, pontualmente, a presença de ocorrências proclíticas, apenas em casos nos quais houve a presença de atratores. Outro ponto de evidência no PE é a não ocorrência da posição proclítica em início absoluto de oração. Já no PB, houve, predominantemente, ocorrência da posição proclítica, no entanto, é interessante considerar que nos dados com ocorrências na modalidade escrita, não houve próclise em início absoluto de oração. Ainda no PB, tratando-se, em particular, da relação do clítico *te* em lexias verbais simples, considere-se a próclise, em predomínio, enquanto posição mais frequente nas ocorrências analisadas com as lexias verbais simples.

Quanto aos complexos verbais, no PE, as variantes possíveis de posicionamento nas ocorrências condizem com próclise ao verbo auxiliar e ênclise ao verbo auxiliar e ao verbo principal. Há, inclusive, a possibilidade de variação do posicionamento proclítico e enclítico ao verbo auxiliar no gerúndio e no particípio. Já no que se reportam ao PB, as análises das ocorrências permitiram verificar, assim como ocorreram com as lexias verbais simples, o predomínio da próclise, em exclusivo, com relação ao verbo principal e, portanto, destaque para a não ocorrência de dados enclíticos tanto em relação ao verbo auxiliar quanto ao verbo principal. E quanto ao uso da mesóclise canônica, não foram visualizadas ocorrências.

Tratando-se, agora, da relação do clítico *te*, em específico, com os complexos verbais, na mesma medida, observou-se o clítico no interior do complexo verbal. Tal observação foi possível a partir da pesquisa de Lemos (2015) que deu margem e impulsiona o presente estudo a considerar que tal clítico no interior desse complexo, não se trata de ênclise ao verbo auxiliar ou próclise ao verbo principal, mas, sim, um possível uso mesoclítico, uma vez que, na língua portuguesa, só no futuro do presente e futuro do pretérito é que há a possibilidade de inserir um pronome no meio de um complexo verbal. Vale mencionar que tal posicionamento do clítico referido, não cinde o sentido do complexo verbal, ao contrário, possibilita a noção de que sua função é vincular-se ao sentido da construção composta pelo verbo auxiliar e o verbo principal.

Como mencionado em Lemos (2015), houve uma presença significativa de ocorrências desses tipos de uso no *corpus* analisado, tratando-se de situações que espelham os usos da língua em contextos reais de interação entre os falantes do PB. Assim, a princípio, percebeu-se que tal traço de uso fosse direcionado aos contextos dessa variedade da língua portuguesa, no entanto, a partir do levantamento das pesquisas linguísticas aqui observadas, ficou-nos aberta a possibilidade desses casos estarem ocorrendo nas demais variedades da língua portuguesa, como foi possível observar a partir dos dados das ocorrências relacionadas aos complexos verbais no PE, no qual, julgou-se que o clítico no interior dos complexos verbais estaria atuando enquanto ênclise ao verbo auxiliar e/ou próclise ao verbo principal.

Em suma, ao observarmos, em específico, a flutuação do pronome átono *te* no interior das estruturas com mais de um constituinte verbal, analisamos a possibilidade de estarmos tratando de um caso mesoclítico, uma vez que complexos verbais que possuem um clítico, intercalando tal estrutura, assemelham-se a combinados mesoclíticos. Portanto, o levantamento das referidas obras desta subseção foi de fundamental relevância para o prosseguimento dos estudos da presente tese, no que se refere, em especial, ao movimento e posicionamento dos pronomes átonos em complexos verbais, nas variedades da língua portuguesa: PB e PE, fornecendo, assim, suporte para os demais desdobramentos da pesquisa, inclusive da próxima seção sobre a história da mesóclise.

1.2 A estrutura mesoclítica canônica

Neste ponto, partimos de Bechara (1962), em seu estudo sobre o futuro românico, traça um levantamento sobre os possíveis encaminhamentos que suscitaram a origem do uso do futuro nas línguas românicas. Para tanto, são apontadas três explicações que podem justificar tal origem, a saber:

1. Morfológica: neste tipo de explicação, as formas clássicas foram substituídas pelas formas perifrásticas do latim vulgar devido à heterogeneidade e a deficiência de materiais das formas sintéticas. Classificadas como estranhas, tais formas sintéticas, apresentavam duas formas diferentes para as quatro conjugações: *-bo*, *-bis* para a 1ª e 2ª e *-am*, *-es* para a 3ª e 4ª conjugações, além disso, assemelhavam-se com o presente do subjuntivo. Assim sendo, tais formas foram sendo substituídas por formas perifrásticas (com *habeo*, por exemplo), uma vez que estas últimas passaram a cumprir e ocupar a mesma função das primeiras com mais eficiência.
2. Semântico-estilística: esta explicação está associada às necessidades expressivas que o futuro sintético do latim clássico não poderia mais suprir, pois seu uso limitava-se às questões de ordem temporal. Para tanto, foi cedendo espaço para o uso do futuro perifrástico, que apresentava também valores modais e afetivos.
3. Influência do latim cristão: aqui, os fatores que conduziram às alterações no futuro românico estão vinculados ao cristianismo. Diz-se que o futuro sintético clássico, por possuir deficiência de material e não apresentar os mesmos valores expressivos da forma perifrástica de futuro do latim vulgar, foi sendo substituído. A forma perifrástica transmitia as novas necessidades expressivas motivadas pelo cristianismo, movimento espiritual este que determina e afasta a noção ligada ao modo de falar do povo. O latim vulgar seria uma continuidade das línguas românicas e, dessa maneira, seria considerado popular, pois são populares os modos linguísticos que os unem.

Para Bechara (1962), tais influências, de fato, contribuíram para que o futuro sintético do latim clássico fosse sendo substituído pelo futuro perifrástico do latim vulgar. Além dessas explicações, o teórico ainda acrescenta algumas outras influências, a saber: “a) A deriva do latim corrente no sentido das construções analíticas; b) resultante daí, o emprego de vários verbos como auxiliares modais (como *posse*, *velle*, *coeipi*, *incipere*, *habere*, etc.); c) As construções perifrásticas freqüentes no grego, através da linguagem bíblica.”. (BECHARA, 1962, p. 19)

Tais apontamentos de Bechara (1962) colaboram para a compreensão dos parágrafos que se seguem, visto que buscam explicitar as estruturas linguísticas que motivaram a existência da forma de futuro atual, como também, vinculado a estas, a presença e movimentação do clítico, suscitando a formação da estrutura mesoclítica canônica.

Para tanto, teóricos como Benveniste (1977), Câmara Jr (1956), Roberts e Roussou (2002) reforçam a ideia de Bechara (1962), quando indicam que essa procedência está atrelada ao latim vulgar, enquanto berço do surgimento para as composições das formas de futuro e colocação pronominal mesoclítica.

Benveniste (1977) esclarece que a estrutura de futuro das línguas românicas, advinda do futuro latino, não se operou por intermédio da perífrase *habeo* + infinitivo, como “[...] *todos os manuais representam no esquema lat. Cantare habeo* > fr. *Je chanterai*.”⁷ (BENVENISTE, 1977, p.135, tradução nossa).

Quanto a esta questão, Benveniste (1977, p.135, tradução nossa) elucida:

Resta dizer que esta maneira de simbolizar o trânsito de um estado para outro é errônea ao mesmo tempo que na realidade histórica se pretende resumi-la, e como modelo teórico se pretende fazê-la compreender. Jamais foi *cantabo* substituído por *cantare habeo* (se não na época já românica quando todos os futuros haviam se tornados perifrásticos), e jamais *cantabo* teria podido ser substituído por *cantare habeo*. Este duplo erro, histórico e teórico, resulta de uma interpretação inexata do sintagma *habere* + infinitivo que é efetivamente a etapa intermediária entre o futuro latino e o futuro românico⁸.

A origem da mesóclise, então, tem seu ponto de partida com a estrutura de futuro perifrástico, do latim vulgar, composta por *habere* + infinitivo. De acordo com Benveniste (1977), tal perífrase surge no início do século III, sem intenção de uso relacionado ao tempo futuro, todavia, efetivamente, foi a partir dos séculos VI-VII que a forma analítica passou a competir nos usos com as formas sintéticas do futuro clássico em *-bo* (*cantabo/cantarei*) e *-am* (*dicam/direi*). Estas últimas se relacionavam precisamente à questão temporal e espelhavam o uso da língua culta, sendo,

⁷ Es lo que todos los manuales representan en el esquema lat. *cantare habeo* > fr. *je chanterai*.

⁸ No queda sino decir que esta manera de simbolizar el tránsito de un estado a outro es errónea a la vez en la realidad histórica si pretende resumirla, y como modelo teórico si pretende hacerla comprender. Jamás fue *cantabo* remplazado por *cantare habeo* (si no es en la época ya romance cuando todos los futuros se habían vuelto perifrásticos), y jamás *cantabo* hubiera podido ser remplazado por *cantare habeo*. Este doble error, histórico y teórico resulta de una interpretación inexacta del sintagma *habere* + infinitivo que es efectivamente la etapa intermedia entre el futuro latino y el futuro romance.

paulatinamente, supridas pelo uso da composição perifrástica que se constituía do infinitivo do verbo principal, antecedido pelo auxiliar *habere* (haver).

Diferentemente da forma sintética, a estrutura analítica veiculava um tratamento de força mais modal, por meio da qual possibilitava a expressividade da atitude do falante, associada à intenção de tempo futuro e, além disso, distanciava-se da noção de intelectualidade que era agregada às estruturas sintéticas que indicavam futuro em seu sentido estrito.

Nesse sentido, este mesmo contexto de uso que ocorreu no latim vulgar vem se reproduzindo, atualmente, nos usos contemporâneos com o pronome átono *te*, intercalando as formas perifrásticas (utilizaremos, como exemplo, a composição prototípica de nosso *corpus*) compostas pelo verbo auxiliar *ir* e o verbo principal *contar*, em detrimento ao uso da forma sintética de futuro *te contarei*. Ilustremos com passagens de nosso *corpus*: “[...] *Vou te contar* uma coisa que só quem está em o leito de morte sabe: aqui em essa cama o pensamento nos leva a refletir basicamente sobre três coisas. [...]”. Esta ocorrência espelha um uso muito recorrente desta composição perifrástica em nosso *corpus*, ao invés do uso de futuro sintético *te contarei*, o qual não foi constatado nenhuma ocorrência, inclusive, com a produção deste pronome, acompanhando os demais verbos: *dar*, *falar*, *mostrar*, também, significativos em termos de frequência, porém em uma escala menor que o verbo *contar*.

Tais particularidades ligadas à perífrase verbal latina colaboraram para que esta fosse, gradativamente, substituindo o futuro sintético do latim vulgar, conforme ilustrado na seguinte passagem elaborada a partir da proposta de Camara Jr. (1956):

cantabo > habeo + cantare > cantare habeo / habeo cantare > cantare hei

Duas características valem ser salientadas quanto à herança latina: a primeira está associada ao verbo principal que foi fixado no início da construção, todavia, apresentava mobilidade de uso antes ou após o verbo auxiliar *habere*. E a segunda característica diz respeito às formas verbais (infinitivo e auxiliar) que compunham a locução verbal, as quais se apresentavam ambas como formas livres.

Nesse contexto, é importante acrescentar, quanto ao verbo latino *habere*, os três estágios de reanálise apresentados por Roberts e Roussou (2002, p.37, tradução nossa):

Primeiro, *habere* foi reanalisado como um auxiliar de futuro comparável ao que aconteceu com *will* no inglês moderno. [...] Essa foi uma mudança de não realização do futuro/condicional por um núcleo funcional para realização por um morfema livre, ou seja, Mover > Fundir. (Seguindo Benveniste (1968), partimos do princípio de que as formas futuras do latim clássico, por exemplo, *amabo* ‘eu amarei’ e *dicam* ‘eu direi’, estavam sendo substituídas pelas perifrásticas. Espera-se que as formas sintéticas sobrevivam também nos textos posteriores; [...]). A Mudança que afeta o *habere* é extremamente semelhante à que envolve os modais ingleses [...], exceto pelo fato de se ter envolvido apenas o *habere*.

Segundo, o *habere* auxiliar, uma palavra autônoma, foi reanalisado como um afixo sintático. Provavelmente, isso é uma alteração de Fundir para Mover + Fundir. A primeira mudança ocorreu sem dúvida no terceiro século, de acordo com Benveniste (1968). A segunda mudança pode ser um reflexo direto da primeira (FLEISCHMAN, 1982).

A terceira alteração foi a reanálise do afixo sintático como um afixo lexical, ou seja, uma característica de V (verbo) e a correspondente reintrodução do movimento V (verbo) para T (tempo) no futuro e condicional. Essa mudança ocorreu quase imediatamente após as anteriores em francês [...], mas um pouco mais tarde em occitano, catalão e norte da Itália. Ocorreu consideravelmente mais tarde no íbero-românico (fora catalão), como mostram as evidências da colocação clítica [...], e, de fato, pode ainda não ter acontecido em variedades conservadoras do português europeu contemporâneo⁹.

Os três estágios de reanálise apresentados por Roberts e Roussou (2002), na citação anterior, podem ser exemplificados com as formas de futuro do italiano, francês, espanhol e português, presentes na Tabela 2 a seguir. A tabela tem o intuito de, inicialmente, ilustrar o encaminhamento de reanálise que o verbo latino *habere* apresentou em cada língua românica. E, segundo, demonstrar a influência do verbo latino *habere* para a constituição das formas de futuro analítica e sintética nas línguas românicas.

⁹ First, *habere* was reanalyzed as a future auxiliary comparable to *will* in Modern English. [...] This was a change from no realization of the future/conditional by a functional head to realization by an overt free morpheme, i.e. Move>Merge. (Following Benveniste 1968, we take it that the Classical Latin future forms, e.g. *amabo* ‘I will love’ and *dicam* ‘I will say’, were being replaced by the periphrastic ones. One expects the synthetic forms to survive in later texts as well; [...]). The Change affecting *habere* is extremely similar to the one involving English modals [...], except that it apparently involved only *habere*. Second, the auxiliary *habere*, an autonomous word, was reanalyzed as a syntactic affix. This is presumably a change from Merge to Move+Merge. The first change arguably took place in the third century, according to Benveniste (1968). The second change may be a direct reflex of the first (Fleischman, 1982). The third change was the reanalysis of the syntactic affix as a lexical affix, i.e. a feature of V, and the corresponding reintroduction of V-to-T movement in futures and conditionals. Those change took place almost immediately after the earlier ones in French [...], but slightly later in Occitan, Catalan, and Northern Italian. It took place considerably later in Ibero-Romance (outside Catalan), as the evidence from clitic placement [...], and in fact may not have yet happened in conservative varieties of contemporary European Portuguese.

Tabela 2 – Reanálise do verbo Latino *habere*

LÍNGUA	FUTURO	ESTÁGIOS
Italiano	<i>amerò</i>	1º amare habeo > amare habeo 2º amare habeo > amar + aio 3º amar + aio > amer + ò Fonte: Roberts e Roussou (2002, p.37).
Francês	<i>Je vaisaimer</i>	1º amare habeo > amare habeo 2º amare habeo > J'aimer + ai 3º J'aimer + ai > Je vais + aimer Fonte: Lacross (2018, p. 16)
Castelhano	<i>cantaré</i>	1º cantare habeo > cantare habeo 2º cantare habeo > cantar + aio 3º cantar + aio > cantar + é Fonte: López (2003, p. 65)
Português	<i>cantarei</i>	1º cantare habeo > cantare habeo 2º cantare habeo > cantar + hei 3º cantar + hei > cantar + ei Fonte: O próprio autor.

Quanto a esse processo de reanálise do verbo auxiliar *habere*, Haffner (2009) explicita que esse processo de mudança ocorreu de maneiras distintas nas línguas românicas, ocorrendo primeiro no francês e occitano e no italiano setentrional. Já no espanhol direcionam-se, especificamente, os séculos XVI-XVII para a mudança. Contudo, no português, este processo de mudança ainda não está concluído. Ainda mais quando se trata da mesóclise, uma vez que se diz que a redução de *habere* a afixo não ocorreu totalmente, devido ao processo de cliticização, portanto, ainda funcionando como auxiliar.

Os apontamentos explicitados por Haffner (2009) foram também corroborados por Ribeiro (2004) quando apregoa que, no francês, a reanálise do auxiliar *habere*, de auxiliar lexical para auxiliar funcional, ocorreu num estágio bem avançado, já constatado nos Juramentos de Estrasburgo (primeiro documento na língua francesa), de 842, no qual não há evidências de um futuro analítico como em *habere* + infinitivo. Tal fato no espanhol ocorreu mais tarde, final do século XVI. Assim sendo, a gramaticalização do auxiliar *habere*, como um afixo, é um caso presente tanto francês quanto no espanhol, logo, tal mudança colaborou para tornar a estrutura mesoclítica obsoleta nestas línguas, favorecendo ao movimento de próclise generalizada e ênclise em casos pontuais.

Como se percebe, o verbo “*haver*”, na língua portuguesa, é um reflexo do verbo *habere* do latim, enquanto verbo lexical. Nas demais línguas românicas, tal reflexo pode ser explicitado nas formas: *avoir* (francês), *avere* (italiano), *haber* (espanhol). Quando gramaticalizado, em perífrase do tipo “*cantare habeo*”, *habere* passa a se realizar como um verbo auxiliar lexical.

Diante de tal representação histórica do verbo *habere*, com sucessivas modificações de ordem sintático-morfológica, que se constituiu no percurso de verbo pleno > verbo auxiliar > morfema afixal e, nesse encaminhamento, passou a integrar uma perífrase, influenciando, posteriormente, aos usos indicadores de tempo futuro nas línguas românicas, faz-se relevante tecermos alguns apontamentos sobre os primeiros indícios de sua utilização.

Para tanto, Benveniste (1977) elenca alguns esclarecimentos quanto à utilização da perífrase em seus primórdios, composta por *habere* enquanto verbo auxiliar e a sua não associação, até então, com o futuro. Bem como esclarece sobre a noção de idealização e formação dessa estrutura analítica (vale mencionar que em todas as línguas românicas a estrutura analítica para o futuro continua, só que verbo de movimento + infinitivo) como uma alternativa capaz de coexistir e competir com o futuro sintético.

Assim sendo, o teórico explicita que enquanto a forma sintética possuía valor atrelado à intenção, diferentemente, a perífrase tinha como função indicar predestinação, o que sinalizava uma carga semântica distintiva da proposição de futuro vigente.

Benveniste (1977) indica o início do século III D.C. como o período relacionado ao surgimento do verbo *habere*, compondo uma construção perifrástica nos usos de escritores e teólogos cristãos. Explicita que “*a grande maioria dos exemplos prova que: 1. A perífrase começou com habere e o infinitivo passivo; 2. Foi empregada primeiro com habere no imperfeito; 3. Limitava-se às proposições subordinadas, sobretudo relativas.*”¹⁰ (BENVENISTE, 1977, p.135, tradução nossa).

No tocante a este processo de utilização, competição e possibilidade de substituição da perífrase em lugar da forma sintética de futuro, Benveniste (1977) destaca a necessidade de se reconhecer dois processos distintos, a saber:

¹⁰ La gran mayoría de los ejemplos prueba que: 1. La perífrasis comenzó con *habere* y el infinitivo passivo; 2. Fue empleada primero con *habere* en imperfeito; 3. Se restringia a las proposiciones subordinadas, sobre todo relativas.

1) O sintagma *habere* + infinitivo coexistiu por muito tempo com o futuro antigo, sem cruzá-lo, porque carregava uma noção diferente. Havia assim duas expressões do futuro: uma como intenção (é a forma simples em *-bo*, *-am*), outra como predestinação (é o sintagma: “o que tem de acontecer” > “o que vai acontecer”). Inevitavelmente as duas expressões tiveram que se encontrar, e ser confundidas em várias circunstâncias de uso. Em tal conflito, a forma simples do antigo futuro, já enfraquecida pela sua dualidade formal (*-bo/-am*) e pelas confusões fonéticas com o perfeito (*amabit ~ amavit*), teve que ceder.

2) Ao mesmo tempo, uma redução formal do sintagma é realizada progressivamente, fixando a ordem da sucessão infinitiva + *habere* e pela fusão dos dois membros: entre o fim da vogal dos infinitivos e o início vocálico de *habere*, *h* desaparece e é *abere* a que mais tarde será a forma que carrega a flexão: *essere abetis* “tu serás” (s. VI), carregando *venire (h)abes*, *videre (h)abes* e assim preparando *salverai prinderai* dos juramentos de Estrasburgo. É esta transformação do sintagma em uma forma única que a torna adequada para adotar no paradigma o lugar do velho futuro.¹¹ (BENVENISTE, p.135, tradução nossa).

Como indicado, a locução *habere* + infinitivo surgiu para atender uma função, centrada dentro de um quadro sintático específico e não diretamente conectada a ideia de futuro. No entanto, como a língua é um mecanismo não estanque em si e suas estruturas podem ser condicionadas a novas alternativas de uso instituídas pelas necessidades comunicativas dos falantes, o sentido da perífrase foi, gradativamente, aproximando-se da intenção de futuro e, posteriormente, vindo a estabilizar-se enquanto uma nova forma temporal que suplantaria a antiga (futuro sintético) no latim vulgar.

Diante do exposto até aqui, percebe-se, conforme indicado por Câmara Jr (1956), que as estruturas que colaboram com o futuro verbal vão passando por processos de variação e mudança que, por forças e perdas de expressividade, vão coexistindo e oscilando em usos hora sintéticos e hora analíticos. Sendo assim, tais processos que se repercutiram no latim, vêm se reproduzindo na língua portuguesa de maneira cíclica.

Quanto a este encaminhamento indicado por Câmara Jr (1956), que ilustra um caminho de gramaticalização, Lehmann (2015, p. 191-192, tradução nossa), a seguir, acrescenta que:

¹¹ 1) El sintagma *habere* + infinitivo coexistió largo tiempo con el futuro antiguo, sin cruzársele, porque portaba una noción distinta. Hubo así dos expresiones del futuro: uno como intención (es la forma simple en *-bo*, *-am*), otro como predestinación (es el sintagma: “lo que tiene que ocurrir” > “lo que ocurrirá”). Inevitablemente las dos expresiones tenían que encontrarse, y confundirse en diversas circunstancias de empleo. En tal conflicto, la forma simple del futuro viejo, debilitada ya por su dualidad formal (*-bo/-am*) y por las confusiones fonéticas con el perfecto (*amabit ~ amavit*), debía ceder el puesto.

2) Al mismo tiempo se realiza progressivamente una reducción formal del sintagma por fijación del orden de sucesión infinitivo + *habere* y por fusión de los dos miembros: entre la final vocálica de los infinitivos y la inicial vocálica de *habere* a continuación, desaparece *h*- y es *abere* lo que en adelante será la forma portadora de flexión: *essere abetis* “seréis” (s. VI), acarreado *venire (h)abes*, *videre (h)abes* y preparando así *salverai prinderai* de los Juramentos de Estrasburgo. Es esta transformación del sintagma en una forma única la que lo torna apto para adoptar en el paradigma el puesto del antiguo futuro.

Os dois aspectos principais de um processo completo de gramaticalização são o recrutamento de novo material para a função gramatical e a sujeição desse material a regras gramaticais, levando à sua redução final a zero. Por conveniência, estas podem ser descritas como duas fases subsequentes em uma perspectiva diacrônica. De fato, no entanto, mesmo a primeira implantação de uma formação lexical ou de uma construção livre para cumprir uma função gramatical já envolve uma sujeição incipiente a regras gramaticais. De qualquer forma, os dois aspectos refletem as duas principais forças que impulsionam a gramaticalização: A extravagância (Haspelmath, 1999 após Lehmann 1985^a) é responsável pela incessante reentrada na espiral; a automatização (Lehmann 2004 após Givón 1989) é responsável por sua passagem incessante até o pólo de pura função estrutural. Ambas as forças são direcionadas, o que significa que a gramaticalização assume formas semelhantes em diferentes idiomas e diferentes áreas da gramática. Cada um deles tem um oposto lógico, a saber: eufemismo (ou parcimônia) e reflexão; mas estes estão longe de serem antagonistas em pé de igualdade com os dois primeiros.¹²

Nestes termos, a locução verbal latina composta pelo infinitivo + *habere* percorreu um caminho de gramaticalização e conforme se aproximava de uma acepção mais atrelada ao futuro, comprimia sua composição estrutural. Esse processo de perda de material linguístico suscitou ao desenvolvimento da composição sintética de futuro compartilhada pelas línguas românicas modernas, como pode ser observado na Tabela 3 – Futuro sintético:

Tabela 3 – Futuro sintético

LÍNGUAS ROMÂNICAS MODERNAS	FUTURO SINTÉTICO
Espanhol	Presentará, vivirá, dirá, dará.
Francês	Présentera, vivra, dira, donnera.
Italiano	Presenterà, vivrà, dirà, darà.
Português	Apresentará, viverá, dirá, dará.

Fonte: O próprio autor.

Tal estágio de composição sintética, conforme apontamentos explicitados, ocorreu no decorrer do tempo, quando o verbo auxiliar *habere* (haver) adquiriu *status* de afixo, marcador de futuro, sendo incorporado, mais tarde, ao verbo principal e suscitando

¹² The two main aspects of a complete process of grammaticalization are the recruitment of new material for grammatical function and the subjection of this material to rules of grammar leading to its final reduction to zero. For convenience, these may be described as two subsequent phases in a diachronic perspective. As a matter of fact, however, even the first deployment of a lexical formative or a free construction to fulfill a grammatical function already involves an incipient subjection to rules of grammar. Anyway, the two aspects reflect the two main forces driving grammaticalization: Extravagance (Haspelmath 1999 after Lehmann 1985a) is responsible for the incessant re-entry into the spiral; automatization (Lehmann 2004 after Givón 1989) is responsible for its incessant passage down to the pole of pure structural function. Both of these forces are directed, which means that grammaticalization takes similar forms in different languages and different areas of grammar. Each of them has a logical opposite, viz. understatement (or parsimony) and reflection; but these are far from being antagonists on a par with the former two.

as composições de futuro sintético atual, conforme exemplificado na seguinte passagem relacionada à composição do futuro sintético na Língua portuguesa:

hei de apresentar > apresentar hei > apresentarei

Na passagem explicitada anteriormente, observamos que a estrutura perifrástica “hei de apresentar”, devido ao processo de gramaticalização, foi perdendo material linguístico e reduzindo sua forma com o passar do tempo. Como foi o caso do desaparecimento da preposição, resultando a estrutura “apresentar hei” e, posteriormente, ocasionando a utilização do futuro sintético que temos atualmente “apresentarei”.

Esse estágio sintético resultou do processo de gramaticalização, que fez com que o verbo “haver”, de “apresentar hei”, passasse de verbo auxiliar à morfema desinencial “hei > ei”, aglutinando-se ao verbo principal, compondo uma só estrutura e, conseqüentemente, passando a ser compreendido enquanto afixo e não mais como verbo.

Vale considerar – dentro desse quadro de variação e mudança entre uma forma e outra – que as características da composição latina referente à mobilidade, dentro do constructo perifrástico, entre o auxiliar (*habere*) e o infinitivo do verbo principal, assim como, o fato de ambos os verbos apresentarem-se como formas livres, possibilitaram a intercalação de componentes na perífrase verbal, como foi o caso da preposição presente no estágio “hei de apresentar”, explicitado anteriormente.

Considere-se, também, a possibilidade dos pronomes átonos intercalarem-se entre os verbos auxiliar e o infinitivo, constituindo a formação da composição mesoclítica, como em “conhecê-lo-ei”, tal estrutura, atualmente, é considerada a forma canônica presente nos manuais. Assim sendo, visualizemos, na passagem a seguir, as formas que antecederam e motivaram a constituição da composição mesoclítica:

hei de conhecê-lo > conhecê-lo hei > conhecê-lo-ei

Nesta passagem, a estrutura “hei de conhecê-lo” compõe-se do indicativo do verbo haver, seguido por preposição e pelo verbo principal com pronome átono em posição enclítica. Neste estágio, há a manutenção da herança latina, encaminhada pelo verbo haver (*habere*), enquanto verbo auxiliar e suas flexões. Saliente-se que já se percebe que a perífrase sugere o movimento de ação, iniciada enquanto intenção e exprimindo evento futuro para a efetivação.

Todavia, como o encaminhamento da língua se dá, naturalmente, pelas buscas por manifestações linguísticas que acelerem e facilitem a comunicação, o falante tende à economia linguística. Para tanto, nesse caso, no estágio que sucedeu a estrutura “hei de conhecê-lo > conhecê-lo hei”, houve a supressão da preposição e o verbo auxiliar “haver” passou a suceder o verbo principal, atributo de mobilidade já visualizada na forma latina, no entanto, nesse caso, o uso passou a fixá-lo após o verbo pleno, tendo este o complemento átono em posição enclítica e gerando o aparecimento da estrutura: “conhecê-lo hei”.

Na composição enclítica “conhecê-lo hei”, o clítico apoiava-se no verbo principal, reforçado, inclusive, pela Lei de Tobler-Mussafia (ver também, neste capítulo, subseção 1.1.1), pela qual o pronome átono não poderia ocupar o início da oração. Como se pôde perceber, tal perífrase possuiu uma trajetória de constante alteração morfológica, modificando-se e se acomodando de acordo com os frequentes usos dos falantes. Não diferente disso, a composição “conhecê-lo hei”, por razão de ordem fonético-fonológica, teve sua estrutura alterada, uma vez que a ausência de barreira fonêmica (a letra H, na língua portuguesa, é desprovida de som) permitiu o apagamento da consoante “h” (hei > ei), modificando o verbo auxiliar para morfema desinencial, constituindo uma única composição, agora, mesoclítica e não mais enclítica. Dessa maneira, entende-se a mesóclise enquanto uma variante morfológica da ênclise.

A esta questão, Said Ali (1923, p. 204) complementa:

Isto que hoje nos parece uma forma verbal talhada pelo meio para se encaixar na brecha o pronome complemento, tem explicação histórica muito diversa. O pronome serviu a princípio como enclítico do infinitivo, dizendose em seguida a esta combinação e como vocábulo independente o auxiliar hei, has, etc. Amar-te-hei procede de amar-te, hei; mandar-me-has de mandar-me, has, etc.

Quanto à última estrutura da passagem “conhecê-lo-ei”, percebemos a formação da composição mesoclítica canônica concebida pelos manuais prescritivos atuais de língua portuguesa. Nesta mesóclise, há a intercalação do clítico “lo” entre o verbo principal “conhecer” e a desinência “ei”, resultante do verbo auxiliar latino *habere* que foi sofrendo perda de material linguístico, pelo processo de gramaticalização, passando de verbo auxiliar à morfema desinencial (*habere* > hei > ei).

A seguir, na Tabela 4 – Formas de futuro do latim à mesóclise do português, conferimos a evolução das formas de futuro do latim, sintéticas e analíticas, até a origem da mesóclise no português:

Tabela 4 – Formas de futuro do latim à mesóclise do português

Futuro no latim	cantabo > <i>habeo</i> + cantare > cantare <i>habeo</i> / <i>habeo cantare</i> > <i>cantare hei</i>
Futuro no português	hei de apresentar > apresentar hei > apresentarei
Mesóclise no português	hei de conhecê-lo > conhecê-lo hei > conhecê-lo-ei

Fonte: O próprio autor.

Neste ponto, julga-se interessante apresentarmos os apontamentos de Haffner (2009), que discute sobre a mesóclise no português e espanhol antigos. Nesse contexto, então, o estudioso explicita que, pelo fato de a mesóclise ser uma alternativa à ênclise, não seria possível seu uso em contextos de próclise categórica. Assim como, deixa expresso que tanto as colocações proclíticas quanto as mesoclíticas eram possíveis com o futuro, conforme observamos nos exemplos a seguir, na Tabela 5 – Português e espanhol antigos:

Tabela 5 – Português e espanhol antigos

PORTUGUÊS ANTIGO	Et estas cousas sobreditas avemos nos, e as outras unde non somos certos, sabell <u>o</u> emos unde avemos foro e carta j e enviarvolem ^{os} dizer.
ESPAÑHOL ANTIGO	e <u>dar</u> vos he grant aver
	dezir <u>lo</u> hedes al rey?
	Fallar <u>lo</u> ía muy mondo por esta razón,

Fonte: HAFNER (2009, p. 117).

Já em se tratando do século XVI, transição do português e espanhol antigo para o moderno, utilizando-se textos das obras de Gil Vicente, Haffner (2009) explicita que a mesóclise, tanto nos textos espanhóis quanto nos textos portugueses, é uma colocação em declínio. Tal fato é associado às baixas ocorrências de verbos no futuro, como também, é um fato ainda mais reforçado pela característica herdada do português e espanhol antigos sobre a possibilidade de uso tanto de próclise quanto de mesóclise, no que concerne às ocorrências no futuro.

Assim sendo, essa instabilidade nos usos contribuiu para que a próclise passasse a ocupar a preferência nas ocorrências de futuro. No entanto, alguns usos podem ser conferidos nos textos das obras de Gil Vicente e Lope de Há, elencados na Tabela 6 – Mesóclise no português e espanhol antigos, a seguir:

Tabela 6 – Mesóclise no português e espanhol antigos

EXEMPLOS DOS DRAMAS PORTUGUESES
A hóspeda tem graça tanta far- vos -á tantos favores
Vender- vos -ei nesta feira
Dar- vos -ei tanta pancada c'um remo, que arrenegueis.
Levá- lo -emos à toa e irá desta barcada.
EXEMPLOS DOS DRAMAS ESPANHÓIS
sacrificium dar lo hía
No, mas ver me há vuestra alteza algún dia
I ros heis a su hortelano vestido de subst viles
Contar te he de mi venida

Fonte: HAFFNER (2009, p. 119)

Diante das ideias que foram pontuadas, nos parágrafos anteriores, sobre o contexto mesoclítico no português e espanhol antigos, é relevante mencionarmos que no francês, a queda da mesóclise ocorreu ainda no período arcaico. No espanhol e italiano, a queda da mesóclise ocorreu após o período medieval, fase de transição (séculos XV-XVI) para o período moderno, quando se passaram a privilegiar a ênclise e a próclise, sendo posteriormente, a posição proclítica generalizada enquanto colocação preferencial (HAFFNER, 2009).

Nestes termos, percebe-se que a composição mesoclítica, diferentemente das demais línguas românicas, permaneceu produtiva nos usos da língua portuguesa, principalmente, se considerarmos que, atualmente, sua composição vem se reestruturando e tem adquirido um novo formato. Nesse sentido, reforçemos a discussão sobre a coexistência de usos de futuro por meio de uma estrutura sintética e outra analítica, tal fato na língua portuguesa pode ser constatado pela existência de duas formas para representar o futuro no PB: a sintética (ex: contarei) e a variante analítica (ex: vou contar).

A estrutura sintética é a variante normativa prototípica¹³ (em termos de reunião do maior número de propriedades caracterizadoras desta categoria), menos complexa cognitivamente (possui menor conteúdo estrutural, pois o único verbo engloba as desinências modo-temporais e número-pessoais), porém, é a variante menos regular nos usos (logo, nestes termos, é menos prototípica), principalmente em contextos de uso da língua oral, entre os falantes de língua portuguesa, os quais tendem a substituí-la pela variante analítica.

¹³ Quanto à explicitação pormenorizada sobre prototipicidade, como também, sobre a noção de protótipo que temos vinculado ao nosso trabalho, ver seção 2.1.1 Prototipicidade (pág. 77).

Quanto à variante analítica, é a forma que tem ocupado, massivamente, o lugar da variante sintética, seguindo, então, um encaminhamento histórico, já desenhado com as construções latinas, sintética (*cantabo*) e analítica (infinitivo+*habere*), explicitadas nesta subseção. Assim, a estrutura analítica (vou contar), apesar de ser mais complexa cognitivamente, apresentando mais material linguístico a ser codificado, agrupando dois verbos, um auxiliar (o que possui as desinências de flexão) e um principal (infinitivo), é a variante que colabora para expressar de maneira mais clara (compreensível em termos de interlocução) e concretamente a realização das intenções dos falantes quanto ao tempo futuro. Logo, tem sido mais regular nos usos dos falantes (mais prototípica nestes termos), no entanto, por reunir menos atributos que caracterizam a categoria, afasta-se da forma prototípica de futuro.

Furtado da Cunha e Silva (2016, p. 60) reforçam a discussão, argumentando que:

A forma sintética, eleita como a variedade padrão, é empregada em contextos mais formais da oralidade e ocorre na escrita quando se trata de uma linguagem mais cuidada ou técnica. Constitui-se de um verbo principal ao qual acrescentam-se morfemas de modo, tempo, número e pessoa, como em *levarei*, *construirão* e *falaremos*. A forma concorrente, a analítica, é empregada em maior escala na modalidade oral, independentemente da faixa etária e do grau de escolaridade do falante. É constituída do verbo *ir* no presente do indicativo acompanhado de outro verbo na forma nominal do infinitivo, como em *vou levar*, *vão construir* e *vamos falar*, que, em princípio, podem ser substituídas pelas formas sintéticas *levarei*, *construirão* e *falaremos*. Essa dupla estratégia de representação do futuro já ocorria no latim vulgar, em que havia a forma sintética *amabo* concorrendo com a forma perifrástica [...] infinitivo + *habere* (grifo nosso). Posteriormente, dada a repetição do uso, a forma analítica fundiu-se, resultando, no português, na forma sintética *amarei*.

Como mencionado, na língua portuguesa, ao lado da variante sintética, considerada a variante padrão (FURTADO DA CUNHA; SILVA, 2016), para se referir ao futuro, o falante tem feito uso, também, da locução composta pelo verbo IR + infinitivo que, segundo Câmara Jr (1956), seu surgimento na língua portuguesa remonta aos séculos XIII e XIV.

Vale salientar que, na presença do clítico pronominal, tanto no PB quanto no PE, o falante tem preterido a variante sintética em relação ao uso da locução verbal IR + pronome átono + infinitivo. Deste modo, ao invés de usos como *te contarei*, os usuários, da língua portuguesa, principalmente, na oralidade têm utilizado a composição perifrástica *vou te contar*. Sabe-se que a variante sintética coexistiu nos usos com a forma mesoclítica *contar-te-ei*, cujo uso foi suplantado, inicialmente, pela forma sintética *te*

contarei, a qual vem, atualmente, coexistindo e cedendo espaço para o largo uso da locução verbal, como em *vou te contar*. Assim sendo, teríamos o seguinte encaminhamento de estágios de variação e mudança: conhecer-te-ei > te conhecerei ≥ vou te conhecer.

Acrescente-se que tal construção analítica vem delineando nos usos do PB, o mesmo ocorrido no latim vulgar, no qual a forma sintética foi suplantada pela construção perifrástica latina *habere* + infinitivo, passando *habere* de verbo auxiliar à morfema desinencial. Tal encaminhamento é visto por Câmara Jr (1956) como um ciclo que se reproduz no PB, prosseguindo ao que ocorreu no latim vulgar.

Nesse caminho, agora, na contemporaneidade, o verbo IR, dentro da composição analítica em verbo IR + pronome átono + infinitivo, deixa de ser pleno, perdendo seu sentido de locomoção espacial, passando a ser auxiliar de tempo futuro e designando locomoção temporal. Além disso, tal composição perifrástica espelha os espaços de usos que antes eram relacionados à mesóclise, para tanto, observam-se usos¹⁴ do tipo:

1. Vou me esforçar: trata-se de um uso mais expressivo no PB, visualizado com maior frequência na oralidade e em contextos de informalidade. Nesse contexto, os falantes tendem a optar pelo uso da locução verbal composta pelo “verbo IR + clítico pronominal + verbo principal no infinitivo” em detrimento à opção sintética enclítica “esfoçarei-me” (variante que atende ao padrão normativo da língua) e, principalmente, em substituição ao uso da mesóclise canônica “esforçar-me-ei”. Destaque-se que esta perífrase verbal, com o clítico ao centro, ilustra o nosso objeto de estudo que vislumbra a continuação de um uso mesoclítico no PB. Assim, tal dinâmica de utilização, apresentada nesta subseção, de uma forma de futuro/mesoclítica cedendo espaço a outra, em um movimento cíclico de substituição: forma sintética » forma analítica » forma sintética » forma analítica ... (CÂMARA JR, 1956), reforça nossa tese de que este uso locucional verbal, com o clítico pronominal no meio de dois verbos, se trata de uma composição

¹⁴ Os exemplos e argumentos utilizados nos tópicos 1 e 2 foram idealizados a partir das atividades de pesquisa com o uso do pronome *te*, fase ocorrida no início de nossa investigação, com participantes do PB e do PE. Por meio destas, pudemos verificar usos distintos entre as variedades, colaborando para a constituição dos referidos tópicos.

mesoclítica e estaria atualmente coexistindo nos usos com a forma sintética enclítica de futuro, com potencial encaminhamento de substituição.

2. Vou esforçar-me (ao invés de esforçar-me-ei), mais regular no PE. Os usuários da língua dessa variante tendem ao posicionamento enclítico, enquanto colocação padrão de uso dos clíticos pronominais. Assim, os usos da próclise nessa variante ocorrem em casos específicos, quando da existência de atratores que justificam tal uso. Já a mesóclise, é massivamente substituída por tal posicionamento enclítico, em contextos de usos nos quais ocorrem a presença de clíticos em estruturas locucionais verbais.

Quanto ao processo evolutivo dessa estrutura locucional nos usos dos falantes de língua portuguesa, Hricsina (2011, p. 177) apresenta três fases:

Na primeira fase, foi uma construção sintática – *vou fazer* – com o verbo *ir* no seu pleno significado semântico de *ir* (verbo de movimento). Na segunda fase, o verbo *ir* perdeu o seu valor semântico. A ligação da construção com o presente foi mantida através deste verbo que se encontra no indicativo do presente. O conteúdo da construção terá sido o futuro próximo ou poderíamos designá-lo *pospresente*. Na terceira fase da sua evolução, a construção usava-se cada vez mais frequentemente no valor do futuro, representando assim uma alternativa ao futuro sintético. Ia perdendo por conseguinte o seu sema temporal de proximidade (futuro próximo ou pospresente). Isso levou finalmente à neutralização da oposição temporal entre as formas *vou falar* e *falarei*.

Percebe-se, então, que a composição perifrástica em verbo IR + verbo principal no infinitivo não é uma estrutura nova nos usos da língua portuguesa, conforme mencionamos anteriormente. No entanto, não há previsão nos manuais prescritivos da língua que evidencie o fato de sua utilização enquanto uma variante de tempo futuro, ao lado da forma sintética. Nesse mesmo caminho, não há menção que trate, especificamente, sobre a composição IR + clítico pronominal + verbo principal e a possibilidade de esta espelhar um uso mesoclítico não canônico.

Todavia, um gramático em específico, Carlos Góes (1940, 122-128), apresentou em sua obra de 1940, “*Sintaxe de Construção*”, a distinção da mesóclise em quatro tipos de ocorrências, a saber:

1. No corpo do verbo (tmése): Amar-te-hei, ter-me-há chamado;
2. No meio do tempo composto: Havia-me chamado, tinha-me dito;
3. No meio da locução verbal: a) Entre o verbo no modo finito e outro no modo infinito, quando o pronome pessoal obliquo átono for sujeito do segundo verbo:

Mandei-o sair (mandei que ele saísse), Fiz-lo entrar (fiz que ele entrasse), Ouvia-nos dizer (ouviu que nós dizíamos); b) Entre o verbo no modo finito e o particípio presente, quando aquele for o verbo *ir*, *vir*, *andar*, *estar* (isto é, quando ocorrer uma conjugação perifrástica frequentativa): O sol ia-se pondo, Vou-me refazendo do susto, Ele estava-se deleitando, Andavas-me enganando;

4. Entre dois verbos distintos com regência diferente (dos quais o segundo no infinito impessoal), quando o pronome pessoal oblíquo átono for objeto indireto do primeiro verbo: *Compete-me lutar — Cumpre-lhe estudar — Convém-nos sair*. Para tanto, “me” (a mim) é objeto indireto de *competere*; “lhe” (a ele) é objeto indireto de *cumprere*; “nos” (a nós) é objeto indireto de “*convém*”. Quanto aos infinitos *lutar*, *estudar*, *sair*, são sujeitos, respectivamente, dos verbos unipessoais: *competere*, *cumprere*, *convém*.

Diante do exposto, ao atualizarmos a Tabela 4 – Formas de futuro do latim à mesóclise do português, explicitada anteriormente, acrescentando as formas analíticas de futuro no português composta de verbo *IR* + (áttono) + verbo principal no infinitivo, bem como, a composição mesoclítica não-canônica, apresentamos, a seguir, a Tabela 7 – Formas de futuro do latim à mesóclise do português (canônica e não canônica), que se compõe das formas de futuro do latim até a mesóclise não canônica:

Tabela 7 – Formas de futuro do latim à mesóclise do português (canônica e não canônica)

Futuro no latim	<i>cantabo</i> > <i>habeo</i> + <i>cantare</i> > <i>cantare habeo</i> / <i>habeo cantare</i> > <i>cantare hei</i>
Futuro no português	<i>hei de apresentar</i> > <i>apresentar hei</i> > <i>apresentarei</i> > <i>vou apresentar</i>
Mesóclise canônica	<i>hei de conhecer-te</i> > <i>conhecer-te hei</i> > <i>conhecer-te-ei</i>
Mesóclise não canônica	<i>hei de conhecer-te</i> > <i>conhecer-te hei</i> > <i>conhecer-te-ei</i> > <i>te conhecerei</i> ≥ <i>vou te conhecer</i>

Fonte: O próprio autor.

Na próxima seção, abordamos alguns trabalhos que se debruçaram sobre a colocação pronominal como norte para suas análises, em específico, estudos com foco na posição mesoclítica.

1.3 Pesquisas sobre a mesóclise

Diante de um quadro de desuso da mesóclise nos contextos de uso atual da língua, reforçado, inclusive, pelas gramáticas tradicionais que a enquadram em usos restritos da língua culta e literária, ou quando sequer chegam a abordar as regras que consistem seu uso, apenas mencionando que se trata da “interposição ao vocábulo tônico: Dar-me-ás a notícia”, (BECHARA, 2009, p. 490). Também atestado em trabalhos de pesquisadores da academia como, por exemplo, em Vieira (2007, p. 137), em seu estudo sobre a “Colocação dos pronomes clíticos no PB oral”, conclui ser a mesóclise “inexistente” na modalidade oral e “raríssima (quase inexistente)” na modalidade escrita. Ou, nesse quadro, podemos acrescentar um trecho da declaração publicada por Marcos Bagno, em 2009, quanto ao desuso de alguns fenômenos gramaticais, entre eles, a mesóclise, conforme passagem a seguir: “[...] Isso para não mencionar a jurássica mesóclise, que alguns necrófilos ainda acham que é uma opção de colocação pronominal, desprezando o fato de que se trata de um fenômeno gramatical morto e enterrado na língua dos brasileiros há séculos. [...]”, (BAGNO, 2009, p. 14).

Assim sendo, já esperávamos determinada escassez de pesquisas que vislumbrassem o estudo e análise da mesóclise canônica. Deste modo, esta parte do trabalho possibilita enxergarmos até que ponto o desaparecimento da mesóclise canônica, nos usos dos falantes do PB, pôde estar associado à frequência de seu uso vincular-se a contextos eruditos de uso da língua, fato este tão associado à mesóclise e pontuado nos manuais prescritivos da língua portuguesa.

Nas subseções a seguir, discorreremos, em síntese, sobre os estudos que compuseram esta subseção, elencando-os em ordem cronológica. Na subseção 1.3.1, o trabalho de Nunes (2003) tece discussões sobre a trajetória evolutiva do futuro do presente da língua portuguesa, atribuindo ser este um resultado (ainda em evolução) de processos cíclicos de formas verbais perifrásticas e sintéticas. Na seção 1.3.2, Ribeiro (2004) apresenta uma “análise sobre o fenômeno de colocação do clítico conhecido como mesóclise”, para tanto, discorre sobre as formas perifrásticas e sintéticas advindas do latim como método de resgate e explicação para as formas de futuro atual das línguas românicas. Em seguida, na subseção 1.3.3 Haffner (2009) trata da mesóclise nas variedades medievais do português e do espanhol, contrapondo-as às versões portuguesas e espanholas das obras de Gil Vicente no século XVI. Por fim, na subseção 1.3.4,

Tomanin (2009) estuda a relação do processo de gramaticalização do verbo *ir*, de verbo pleno a verbo auxiliar, associando-o, dentro do constructo verbal, enquanto processo que valida a mesóclise como a colocação de um pronome entre dois verbos (um auxiliar e um nuclear).

A seguir, a Tabela 8 – Trabalhos que compõem o levantamento bibliográfico, que compõe das obras elencadas para a constituição da presente subseção:

Tabela 8 – Trabalhos que compõem o levantamento bibliográfico

AUTOR (ANO)	TÍTULO DO TRABALHO
Nunes (2003)	Evolução cíclica do Futuro do Presente do latim ao português
Ribeiro (2004)	A mesóclise no português arcaico
Haffner (2009)	A evolução da mesóclise
Tomanin (2009)	A cristalização da nova modalidade de mesóclise no português brasileiro

Fonte: O próprio autor.

Seguem-se, então, as respectivas subseções descritas na Tabela 8.

1.3.1 Nunes (2003): investigação sobre o processo evolutivo do futuro do presente da língua portuguesa.

Nunes (2003), realiza um estudo diacrônico sobre a origem e formação da estrutura de futuro do presente do português desde sua origem no latim.

Dois pontos de destaque na investigação de Nunes (2003) podem ser exaltados: um deles diz respeito à relação que é dada no que concerne ao surgimento, ao longo do tempo, de formas perifrásticas, que são constituídas, inicialmente sem nenhuma pretensão de duelar com a variante padrão de futuro sintético, mas acabam se tornando outras possibilidades para expressar o sentido de futuro sintético existente à época. Estas formas perifrásticas tornam-se uma variante da norma de prestígio, no entanto, com a frequência de uso, se sobrepõem à variante padrão, participando de maneira mais regular nos contextos de uso dos falantes, ao ponto de serem gramaticalizadas.

O outro ponto de destaque, necessariamente vinculado ao anterior, está no fato de que tal traço característico de surgimento de formas perifrásticas » coexistência de uso com as formas sintéticas (duelo) » e potencial para suplantam a variante padrão sintética no usos, é atribuído por Nunes (2003) como um processo que vem se repetindo,

paulatinamente na história da língua, em uma trajetória cíclica, que pode ser atestada no momento atual, quando estamos nos deparando com o frequente uso da estrutura perifrástica “ir + infinitivo”, coexistindo com a forma sintética de futuro.

Nesse sentido, demonstra-se que o futuro sintético que se tem atualmente na língua portuguesa é uma herança do latim, da forma perifrástica “Infinitivo do verbo principal + indicativo do *habere*”. Tal forma analítica pertencia aos contextos de uso do latim vulgar, coexistindo e concorrendo nos usos com a forma sintética do latim clássico em -bo ou em -am, tida como um complexo sistema da língua culta.

Indica-se que, da mesma maneira que ocorreu no latim, coexistência e duelo de uma forma sintética “cantabo” (estrutura da língua culta) com uma estrutura analítica Infinitivo do verbo principal + indicativo do *habere*” (latim popular), o mesmo está acontecendo, atualmente, com o uso simultâneo de estruturas para indicar o futuro no português contemporâneo, assim, temos a forma sintética “cantarei” (variante da norma padrão) e a composição analítica “vou cantar” (variante não padrão).

Quanto a este ciclo comparativo, é relevante expor um esquema ilustrativo, apresentado por Nunes (2003, p. 11), que demonstra a trajetória da representação do futuro do presente do latim clássico ao português contemporâneo:

amabo ~ amare habeo > amar’ aio > amar hei > amarei > ...~ vou amar

Ainda permeando esse caminho de mudança, a autora exhibe o Quadro 5 – Evolução de *habere*, no qual visualizamos a evolução do verbo auxiliar *habere*, do latim para as formas utilizadas no português arcaico:

Quadro 5 – Evolução de *habere*

habeo > hei	Estudar hei
habes > has	Estudar has
habet > há	Estudar há
habemus > hemus	Estudar hemus
habetis > heis	Estudar heis
habent > hão	Estudar hão

Fonte: Nunes (2003, p. 56-57).

A partir do Quadro 5 – Evolução de *habere*, Nunes (2003) explicita o fato de que as estruturas perifrásticas no português arcaico herdaram três possibilidades de usos semelhantes as que eram utilizadas no latim, a saber:

1. o auxiliar poderia suceder o verbo principal: “estudar hei”;
2. o auxiliar poderia anteceder o verbo principal: “hei estudar”;
3. a preposição poderia intercalar o verbo principal e o verbo auxiliar: “hei de estudar”.

Quanto a esta última possibilidade de uso, a autora deixa evidente que, apesar de toda a evolução e mudança ocorrida ao longo do tempo relacionada ao futuro, ainda hoje é possível identificarmos a antiga forma arcaica (infinitivo do verbo + hei) por meio da mesóclise como em “estudá-lo-ei”, inclusive, no PE, a partícula “hei-de” seguida do verbo no infinitivo ainda é preservada. Na estrutura “estudá-lo-ei”, observa-se que a desinência (-ei), forma reduzida do verbo auxiliar conforme passagem em “ei < hei < habeo”, está separada do verbo principal, devido a intercalação do pronome (-lo-).

Saliente-se que, conforme reforçado por Nunes (2003), a estrutura mesoclítica pode ser identificada atualmente, contudo, considere-se que tal composição é reconhecida por uma abordagem que se restringe às gramáticas tradicionais da língua portuguesa, quando recorremos a informações sobre a colocação pronominal, uma vez que sua presença é nula em contextos de fala e ínfima em registros escritos de uso da língua. Reforce-se que as mesmas gramáticas tradicionais que insistem em apregoar a mesóclise enquanto possibilidade de presença do clítico ao meio do constructo verbal, é a mesma que atribui que seu posicionamento está em desuso. Além de não explicitarem com clareza as características referentes a sua composição, atribuindo ser apenas uma cisão no meio do verbo, deixando de lado toda uma trajetória histórica de mudança sobre a intercalação de um pronome átono entre um verbo principal e uma desinência que, pelo processo evolutivo da língua, teve sua forma de verbo auxiliar reduzida a tal morfema desinencial.

Diante do exposto, Nunes (2003) reforça que a composição mesoclítica ainda explicitada nos manuais prescritivos da língua, se trata de uma forma contemporânea que evidencia a composição analítica de futuro do português arcaico e esta última advinda do latim. Assim sendo, a estrutura mesoclítica que se atesta atualmente, resultou de um processo evolutivo que iniciou no latim e culminou no português contemporâneo. Desse modo, para Nunes (2003), a forma verbal de futuro e mesóclise que se tem hoje foram estruturas que resultaram de um processo evolutivo

cíclico, no qual formas sintéticas e perifrásticas foram surgindo e coexistindo nos usos. Para a autora, esta trajetória ainda está em andamento, logo, a forma sintética de futuro atual (“partirei”) estaria coexistindo e concorrendo com forma perifrástica de futuro composta pelo “presente do indicativo do auxiliar IR + infinitivo do verbo principal”.

1.3.2 Ribeiro (2004): análise sobre a colocação pronominal mesoclítica no português arcaico e as formas de futuro das línguas românicas.

O estudo de Ribeiro (2004), “A mesóclise no português arcaico”, objetiva endossar as discussões que se há sobre a mesóclise, temática esta que a autora julga ser “um quebra-cabeça para vários linguistas”. Sua investigação tende a colaborar com nossa proposta, uma vez que aborda um debate relevante sobre a constituição da mesóclise, visualizando, para tanto, as composições de futuro do latim que fundamentaram a estrutura mesoclítica do português contemporâneo, assim como, as formas sintéticas do futuro das línguas românicas modernas.

Nesse sentido, os estudos da autora corroboram com o encaminhamento que outros teóricos da academia e linguistas têm apresentado sobre a herança perifrástica do latim (infinitivo do verbo principal + *habere*), enquanto base para as estruturas de mesóclise e futuro contemporâneos. Todavia, ela aponta que esse padrão arcaico disputa, atualmente, com a forma variante de futuro sintético, indicando, nesse caso, as composições nas quais há a presença do clítico, antecedendo o complexo verbal e o infinitivo apresenta-se agregado ao auxiliar.

Outro ponto a ser destacado em Ribeiro (2004) para a reflexão sobre a formação do futuro, é direcionado à explicitação pormenorizada sobre os estágios dessa formação e que julgamos apropriados serem reforçados nesta subseção:

1. estágio analítico: diz respeito à época do latim, nesta, há a disputa entre a forma perifrástica (o infinitivo e o auxiliar eram formas livres) e a sintética de futuro (*cantare habeo/cantabo*),
2. estágio misto: período que corresponde ao romance medieval, ambas as composições, analíticas e sintéticas (aqui, *habere* foi reduzido a afixo), eram utilizadas enquanto recurso linguístico para expressar o futuro.
3. estágio sintético: refere-se ao romance moderno, no qual a forma de futuro restringe-se à redução de *habere* enquanto afixo que indica futuro.

Diante desse apontamento, a autora esclarece que a presença e posicionamento dos pronomes clíticos contribuíram para a identificação de formas sintéticas e analíticas de futuro, para tanto, teríamos o futuro analítico com formas do tipo em “dar-lhe-ia” e o futuro sintético como em “lhe daria”. Não cessando com este esclarecimento, diz-se que a formação da composição mesoclítica só se é possível em um sistema linguístico, no qual o verbo “haver” se consagre como uma forma independente, uma vez que a gramaticalização do verbo haver como afixo indicaria impossibilidade da realização do clítico em posicionamento mesoclítico.

Portanto, levando-se em apreciação tal traço e o fato da mesóclise pertencer, atualmente, como uma colocação pronominal presente na língua portuguesa, considere-se, então, que o verbo “haver”, nessas condições, ainda não se gramaticalizou como afixo na língua portuguesa contemporânea. Logo, evidencia-se que, ao se permitir a intercalação do clítico, o auxiliar derivado de *habere* é uma forma livre.

1.3.3 Haffner (2009): estudo sobre a mesóclise e o caminho percorrido pela língua portuguesa e língua espanhola no sentido da mudança.

Haffner (2009), em “A evolução da mesóclise”, constitui um trabalho de análise em torno da posição mesoclítica nas variedades do português e do espanhol medieval, especificamente, sobre os fatores que condicionam o clítico em frases finitas. Este fato de resgate e levantamento do caminho de mudança nessas variedades, por si só, já a torna relevante. Todavia, a pesquisa vai mais além ao se debruçar e comparar os resultados aos encontrados nos textos de Gil Vicente, sobre as variedades do português e espanhol. Todavia, por se tratar de um representante da linguagem do século XVI, seus estudos configuram-se no período de transição do sistema antigo para o sistema novo (moderno).

Assim, ao trilhar um percurso sobre a origem da mesóclise, Haffner (2009) retorna ao futuro latino, apontando a perífrase verbal composta pelo infinitivo do verbo principal e por *habere*, verbo auxiliar, enquanto estrutura precursora do futuro e, concomitantemente, da mesóclise. Saliente-se que tal construção perifrástica latina foi a precursora para a formação de futuro atual das línguas românicas modernas.

Não diferente dos demais pesquisadores que compuseram esta seção 1.3 e do que já expomos na seção 1.2 sobre a “História da mesóclise”, os apontamentos aqui

reforçam um percurso histórico sobre a mesóclise na língua portuguesa, alicerçada na construção latina de futuro e, principalmente, com destaque à presença do verbo auxiliar *habere* que, ao longo do tempo, em um processo de reanálise, vai se modificando tanto ao nível do léxico, quanto ao sintático e morfológico.

Assim, o encaminhamento de *habere*, fazendo parte da locução verbal, em suma, se dá, de maneira gradual, pelas pressões dos usos. Para tanto, afasta-se do léxico, ainda possuindo maior maleabilidade dentro da composição e se aproxima da gramática, tornando-o mais engessado. Nesse sentido, tal forma, agora, passa a funcionar como afixo, com material linguístico reduzido e compondo uma estrutura sintética e não mais analítica.

Com o intuito de estabelecer uma comparação quanto à origem do futuro em outras línguas, o autor aponta o inglês (com a gramaticalização de *will*) e o grego (a partícula $\theta\alpha$ da construção $\theta\alpha$ + verbo evoluciona do verbo volitivo: $\theta\epsilon\lambda\omega$) que, também, tiveram um conjunto verbal, enquanto formas precursoras do futuro atual.

Interessante indicar o fato de Haffner (2009) enfatizar, nos parágrafos introdutórios da discussão sobre a origem da mesóclise, a presença, nos dias atuais da perífrase IR + Infinitivo, enquanto forma analítica que coexiste com a forma sintética nos usos relacionados ao tempo futuro. Ainda assim, julga-se que, no PE moderno, os falantes têm optado pela forma analítica em detrimento ao uso da mesóclise, quando da presença de um clítico, exemplificando com as seguintes passagens: “vou fazê-lo em vez de fá-lo-ei”.

Ainda sobre a composição perifrástica com *habere*, o autor explica que o surgimento de tal estrutura não foi idealizada para a indicação de tempo futuro. Inicialmente, seu uso estava relacionado à predestinação (“o que tem de ocorrer”), enquanto que o futuro latino se relacionava à intenção (“o que ocorrerá”). No entanto, a coexistência e aproximação de sentido das formas oportunizaram contextos de usos que se confundiam e, ao longo do tempo, o futuro latino foi sofrendo desgaste, cedendo lugar a perífrase que já passava a expressar tempo futuro no século VII.

Haffner (2009), em tom conclusivo, tece alguns comentários sobre as mudanças posteriores ao século XVI, com posicionamentos mais expressivos em relação ao português. Desta maneira, fica-nos evidente que o declínio da mesóclise e o sucessivo aumento de ocorrências com uso proclítico ocorreu no século XVI e XVII. Contudo, só a partir do XVIII que o uso da mesóclise é reestabelecido, aproximando-se do português atual. Por fim, o autor destaca o português brasileiro enquanto língua que passou a ter a

próclise, enquanto colocação dominante, e a perder progressivamente o uso da posição mesoclítica.

1.3.4 Tomanin (2009): análise sobre a gramaticalização da mesóclise e seu uso, tanto na fala quanto na escrita, no PB.

Tomanin (2009), em “A cristalização da nova modalidade de mesóclise no português brasileiro”, estuda o processo de gramaticalização do verbo IR, que deixa de funcionar como verbo pleno e passa a verbo auxiliar de futuro dentro dos constructos verbais perifrásticos. A análise histórica desta trajetória é utilizada pela pesquisadora, enquanto suporte para fundamentar sua proposta de gramaticalização da estrutura mesoclítica.

Os apontamentos de Tomanin (2009) são contributos potenciais para os desdobramentos de nossa proposta de tese, uma vez que a autora parte da noção de que a estrutura mesoclítica não se trata da colocação do clítico no meio de um verbo, mas, de uma composição na qual há a colocação de um clítico no meio de um complexo verbal perifrástico, composto pelo verbo principal + clítico + morfema desinencial, que se gramaticalizou como morfema, contudo sua origem é validada enquanto um verbo.

Para tanto, como medida de fundamentação para sua proposta de que o clítico intercala uma estrutura perifrástica, essencialmente, composta por verbo principal e um verbo auxiliar, a autora recupera registros de usos nos quais ficam explícitos a sua ideia central de composição mesoclítica. A seguir, seguem, no Quadro 6 - Mesóclise no século XIX, os registros da autora retirados de jornais brasileiros do século XIX:

Quadro 6 – Mesóclise no século XIX

FESTA DE Nossa Senhora D’AJUDA Celebrar-se-há no corrente anno (20JB) No domingo 14 effectuar-se há o bando de mascaras (...)
A estreiteza do tempo não tendo permitido publicar hoje as importantes noticias que ultimamente vierão do Algarve, communicar-se-hão ao publico no seguinte Número desta Gazeta

Fonte: Tomanin (2009, p. 14)

Diante dos exemplos, é interessante reforçar o tom crítico de Tomanin (2009) quanto ao fato de que não se trata de um conhecimento novo que o “morfema” em questão é o verbo “haver” em sua forma arcaica. Todavia, os manuais prescritivos da língua não se apropriam de tal origem que, por meio das passagens expostas

anteriormente, não tão remotas, fica evidente a presença do verbo “haver”, compondo o constructo verbal, funcionando como verbo auxiliar.

Aliado a tal ideia, a autora julga que as condições históricas de formação do futuro podem fornecer características sustentáveis de que a composição em IR + pronome + verbo nuclear está se gramaticalizando enquanto uma estrutura de futuro, assim como o que ocorreu, em suas origens, no latim, como o verbo *habere*. Para tanto, considera-se que o verbo IR, dentro do constructo verbal, atuando antes do verbo nuclear, deixa de ser pleno e passa realiza-se enquanto verbo funcional, com atribuições indicativas de pessoa, número, tempo e modo. Tais características funcionais puderam ser verificadas na atuação do verbo *habere* (haver), ao constituir o futuro do presente em estruturas perifrásticas no latim, juntamente com o verbo principal. Com o processo de gramaticalização, o verbo *habere*, passou a se realizar como morfema, integrando o verbo à direita.

Sendo assim, para Tomanin (2009) o verbo IR estaria se gramaticalizando no PB, seguindo os mesmos encaminhamentos que foram conferidos ao verbo haver (*habere*). Vale mencionar um detalhe que se relaciona ao posicionamento, dentro da estrutura perifrástica do verbo IR, que se aloca anteposto ao verbo principal, enquanto que o verbo haver sucedia o verbo nuclear. Reforce-se neste ponto que, em suas origens, ainda coexistindo com a forma sintética de futuro do latim e antes de ser fixado após o verbo nuclear, o verbo *habere* possuía mobilidade de uso, antes ou após o verbo principal, fato este presenciado pelo sistema do latim em outros contextos linguísticos, para além das situações com o verbo *habere*.

É interessante notar que a proposta da autora enfatiza o uso de uma forma perifrástica para a indicação de tempo futuro, todavia, sabe-se que a variante padrão, no PB, é o futuro sintético como em “viajarei”. Quanto a isto, evidencia-se que a utilização das formas analíticas estão duelando com as estruturas sintéticas e predominando em contextos orais de uso da língua.

Tomanin (2009) acrescenta outro destaque de gramaticalização encaminhado pelo verbo *habere*, relacionado, agora, aos futuros sintéticos que provieram das formas analíticas, as quais eram compostas, também, pelo verbo do latim. Nesse sentido, por exemplo, a forma sintética de futuro “viajarei” é uma estrutura que adveio de uma composição analítica como em “viajar hei”, composta por um verbo nuclear e o verbo haver como auxiliar. Tal processo se enquadra na mesma conjuntura de gramaticalização apresentada, anteriormente, sobre o verbo *habere*, sua fase de

morfologização, aglutinação ao verbo nuclear e realização como morfema e não mais enquanto verbo.

A autora, por fim, encaminha algumas considerações que visam ratificar e validar seus argumentos, sobretudo, no que concerne a concepção da mesóclise enquanto colocação do clítico no meio de dois verbos, bem como, a relação e ligação dessa concepção com a gramaticalização do verbo IR. Para tanto, evidencia o caminho unidirecional conduzido pelo verbo, ao passar de menos gramatical (com atribuição semântica de deslocamento no espaço) para mais gramatical (auxiliar de futuro, atributo de função, ausente de significação semântica), aproximando-se da atribuição de um morfema indicador de pessoa, número, modo e tempo.

A seguir, conduzimos algumas linhas de discussão que enquadram os posicionamentos sobre o percurso histórico da composição mesoclítica, dos linguistas e dos pesquisadores da academia que foram elencados para compor as subseções 1.2 e 1.3 e, diante destes, indicamos nossa posição.

1.4 Sintetizando as discussões

As subseções 1.2 e 1.3 colaboraram para constituirmos uma noção mais clara no que concerne ao percurso histórico sobre a formação da composição mesoclítica.

Dessa maneira, os posicionamentos dos linguistas e dos pesquisadores que compuseram as respectivas subseções, além de serem substanciais para o esclarecimento de alguns entraves que surgiram em nosso percurso de investigação sobre a mesóclise canônica, fortaleceram o encaminhamento que estamos trilhando em relação às diferenças de usos da colocação pronominal no PB e no PE e quanto ao tratamento de nosso objeto de estudo sobre a mesóclise não-canônica adjunta ao pronome átono *te* (como expresso em [Vaux *te* Vprin]), demonstrando ser este um uso característico do PB.

Nestes termos, retomemos o apontamento inicial de Benveniste (1977), sinalizado na seção 1.2, que elucida que o futuro das línguas românicas, originário do futuro latino, não deve ser resumido à passagem da perífrase latina para o futuro sintético, como expresso no exemplo: *cantare habeo* > *cantarei*.

Nesse mesmo caminho, fortalecemos o apontamento de Benveniste (1977) ao passo que resgatamos, de Câmara Jr (1956), a passagem na qual é demonstrada o percurso, de fato, que foi trilhado pela perífrase verbal latina e a progressiva substituição

do futuro sintético do latim vulgar, a saber: *cantabo* > *habeo* + *cantare* > *cantare habeo* / *habeo cantare* > *cantare hei*.

Como medida de arremate e prosseguimento das colocações dos teóricos anteriores, procedemos com Roberts e Roussou (2002) que, ao apresentar os três estágios de reanálise do verbo latino *habere*, consagra a noção que consideramos sobre a formação das composições de futuro da língua portuguesa, conforme demonstrado na passagem: “1º *cantare habeo* > *cantare habeo* » 2º *cantare habeo* > *cantar* + *hei* » 3º *cantar* + *hei* > *cantar* + *ei* » *cantarei*”, assim como, valida o percurso que entendemos que suscitou a formação da colocação pronominal mesoclítica canônica, exemplificado na passagem a seguir: “*hei de conhecê-lo* > *conhecê-lo hei* > *conhecê-lo-ei*”.

Norteados por estes esclarecimentos e considerando os apontamentos dos pesquisadores da subseção 1.3, pôde-se analisar que houve uma confluência quanto aos encaminhamentos das ideias que nortearam a execução dos respectivos trabalhos de Nunes (2003), Ribeiro (2004), Haffner (2009), Tomanin (2009). Além disso, percebemos que a conformidade das ideias não cessa quanto à consideração do percurso histórico da mesóclise canônica, mas, também, sinalizam uma reflexão sobre a forma sintética de futuro (*cantarei*, por exemplo), que duela, atualmente, com a forma variante analítica de futuro, composta pelo presente do indicativo do auxiliar IR + infinitivo do verbo principal (*vou cantar*, por exemplo) e que tal demonstração de competição indica o prosseguimento da trajetória cíclica, visualizada nas passagens dos teóricos e ilustrada em Nunes (2003, p. 11): “*amabo* ~ *amare habeo* > *amar*’ *aio* > *amar hei* > *amarei* > ...~ *vou amar*”.

Isto posto, podemos considerar que é assim que entendemos o que seria uma mesóclise canônica e o que passamos a nomear de mesóclise não canônica, ao passo que consideramos a continuidade da trajetória explicitada nas passagens acima e concebemos a passagem a seguir: *hei de conhecer-te* > *conhecer-te hei* > *conhecer-te-ei* > *te conhecerei* ≥ *vou te conhecer*. Agora, estabelecida essa compreensão, julgamos o momento adequado para indicarmos um novo nome para essa mesóclise que estamos chamando de não canônica, desta maneira, por nosso estudo se tratar, em específico, da atuação do átono *te*, intercalado aos complexos verbais e tendo este demonstrado produtividade para os usos de um tipo mesoclítico, passemos a nomear tais ocasiões de uso mesoclítico não canônico como *te* mesoclítico.

A seguir, no Capítulo 2, conduzimos a discussão da presente tese, abordando alguns princípios e subprincípios da Linguística Funcional Clássica, que julgamos oportunos para a constituição de nossa fundamentação teórica.

CAPÍTULO 2

Fundamentos teóricos

Neste capítulo, orientados pela proposta de vanguarda norte-americana, surgida a partir da década de 70 e 80 (HOPPER, 2001; THOMPSON, 1998; GIVÓN, 1979), e por contribuições de estudos nacionais que configuram a LFC (FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003, VOTRE, 2012, LEMOS; MATOS, 2017), tratamos objetivamente sobre essa vertente e alguns de seus princípios que fundamentam nosso objeto de estudo vinculado aos aspectos funcionais do uso da linguagem, a saber: prototipicidade e iconicidade, especificamente, seus subprincípios da quantidade e da integração.

Na seção “Um olhar às bases teórico-metodológicas da Linguística Funcional Clássica (LFC)” apresentamos e discutimos alguns conceitos vinculados à abordagem funcionalista e sua relevância para a condução de nossa proposta, que busca em dados da língua em uso, refletir sobre a colocação do pronome átono *te*, em locuções verbais, configurando um uso semelhante ao mesoclítico.

A esta seção delimitamos duas subseções que se direcionam ao debate da prototipicidade, iconicidade e seus subprincípios da quantidade e da integração. Estes princípios nos dão suporte para explicar o crescente e difundido uso, principalmente no PB, do posicionamento do átono *te*, no interior de locuções verbais, constituindo a variante [Vaux *te* Vprin], concebida aqui como mesóclise não canônica.

A seguir, a seção explicitada acima sobre a LFC.

2.1 Um olhar às bases teórico-metodológicas da Linguística Funcional Clássica (LFC)

Segundo Bybee e Hopper (2001, p. 2, tradução nossa), foi na década de 80 que um número crescente de linguistas passou a enxergar a gramática enquanto “[...] resposta às necessidades do discurso e a considerar seriamente a hipótese de que a gramática ocorre através da adaptação repetida de formas ao discurso vivo”¹⁵.

¹⁵ [...] response to discourse needs, and to consider seriously the hypothesis that grammar comes about through the repeated adaptation of forms to live discourse.

Com essa linha de pensamento, alguns questionamentos passaram a ser, conforme Thompson (1998), o cerne dos estudos relacionados à Linguística Funcional Clássica e impulsionam as investigações que tem como prerrogativa uma visão clássica para a composição de estudos linguísticos funcionalistas, a saber: “O que torna as gramáticas do jeito que são? Que tipos de princípios explicam os padrões gramaticais maciçamente recorrentes que podemos observar nas línguas?”¹⁶ (THOMPSON, 1998, p. 309, tradução nossa).

Nesse sentido, para a linguista, a resposta a estes questionamentos “pode ser encontrada nos padrões interacionais que emergem dos estudos de grandes corpora, supondo que a organização da gramática seja motivada pela maneira como a linguagem é usada.”. E ainda acrescenta que “é no estudo das interações reais que podemos encontrar mais facilmente as funções que são apeladas na linguística funcional.” (THOMPSON, 1998, p. 309, tradução nossa).

Dito isto, a seguir, no Quadro 7, visualizamos alguns princípios, indicados por Givón (1995) que caracterizam a concepção funcionalista:

Quadro 7 – Concepção funcionalista

A linguagem é uma atividade sociocultural;
A estrutura serve a uma função cognitiva ou comunicativa;
A estrutura é não-arbitrária, motivada, icônica;
A mudança e a variação estão sempre presentes;
O significado é dependente de contexto e não atômico;
As categorias não são discretas;
A estrutura é maleável, não rígida;
As gramáticas são emergentes;
As regras da gramática permitem alguns desvios.

Fonte: Givón (1995, p. 9)¹⁷

Partimos dessas premissas para fundamentar a nossa proposta que visualiza um posicionamento peculiar do átono *te*, no meio da locução verbal, compondo

¹⁶ what makes grammars the way they are. what sorts of principles account for the massively recurrent grammatical patterns that we can notice across languages?

¹⁷ Language is a socio-cultural activity; structure serves cognitive or communicative function; structure is non-arbitrary, motivated, iconic; change and variation are ever-present; meaning is context-dependent and non-atomic; the categories are less-than-discrete; structure is malleable, not rigid; grammars are emergent; rules of grammar allow some leakage.

o uso da variante [Vaux *te* Vprin], massivamente, no PB. Para tal feito, participamos dessa análise da língua que a concebe enquanto instrumento de comunicação flexível, dinâmico e suscetível às pressões do próprio sistema, interno à língua, como também, às influências que estão no domínio extralinguístico.

Julgamos um posicionamento peculiar, pois não há prescrição normativa para a disposição do clítico conforme apresentamos. Também, pouco se descreve entre os linguistas sobre a colocação do pronome, flutuando no interior da locução verbal, sem estar atrelado tanto ao verbo auxiliar, em ênclise, quanto ao verbo principal em próclise, logo, configurando uma organização sintática semelhante à mesóclise, a mesóclise não canônica.

Trata-se de um comportamento particular, também, pois a mesóclise não canônica vem participando regularmente de contextos informais de uso da língua oral, desmistificando a noção sobre a composição mesoclítica de que estaria em desuso e de que sua utilização é restrita a ambientes formais de uso escrito da língua, como os registros literários e os preenchimentos pontuais nos textos acadêmicos.

Como o ponto de partida da LFC é o uso da língua, a percebemos enquanto uma vertente capaz de justificar esse uso tão frequente do pronome *te*, flutuando no interior das locuções verbais e assemelhando-se à mesóclise. Assim, observamos e analisamos o uso da colocação do clítico para explicar sua estrutura e não o inverso.

Logo, refletimos que a língua de fato não é apenas o sistema em si, uma vez que só conseguimos explicar a organização da mesóclise não canônica, quando passamos a considerar também os falantes, o contexto, a interação, o discurso, fatores estes intimamente ligados ao domínio linguístico e que, conseqüentemente, influenciam a forma da língua, em nosso caso, a estrutura da mesóclise não canônica. Tal reflexão advém da perspectiva teórica de Givón (1995), que julga que as condições de ordem social, histórica, cultural, comunicativa, discursiva e cognitiva são capazes de induzir a codificação gramatical.

Martelotta e Areas (2003, p.18) acrescentam sobre a LFC, expondo que:

[...] De acordo com essa concepção, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso. Ou seja, a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva. Desta maneira, para compreender o fenômeno sintático, seria preciso estudar a língua em uso, em seus contextos discursivos específicos, pois é neste espaço que a gramática é constituída.

A língua, vista como produto social, é passível de ser analisada e compreendida a partir dos contextos de interação que são desenvolvidos pelos falantes. Desta maneira, é compreensível corroborar com a afirmação de Givón (1979, p.208-209) que elucida o fato de que “a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem”.

Sejam internos ou externos, estes fatores colaboram para a concretude do uso da língua e são fundamentais para explicar o fenômeno da linguagem. Trata-se de um caminho automático que perpassa no falante, no momento da construção linguística, seja antes do falar, durante a execução da fala e, até mesmo, depois, enquanto produto do que se manifestou por meio do uso, envolvendo tudo que está a sua volta e que preenche e avoluma suas intenções de fala, transcendendo, assim, os limites estáticos do sistema pelo sistema.

Em nosso caso, o produto que se tem manifestado no uso entre os falantes é a variante [Vaux *te* Vprin]. Esta composição vem preenchendo, com grande frequência, os usos dos falantes que intencionam expressar a ação com indicação de realização em tempo futuro. Dito isto, enquanto funcionalistas, investigamos, por meio da regularidade do uso de tal estrutura analítica, as motivações linguísticas que encaminham a frequência e manutenção daquela forma, em detrimento ao uso da variante sintética normativa do futuro do presente.

Quanto a isto, Lemos e Matos (2017, p. 27) argumentam que:

[...] o funcionalista busca compreender as regularidades no uso linguístico a partir dos contextos comunicativos e através destes é que são construídas as generalizações, assim, não será algum critério do sistema que explicará as construções linguísticas, mas os aspectos comunicativos que permitirão entender as influências que levam o falante a fazer uso de determinada construção linguística.

A linguística funcional possibilita, então, compreendemos que os usuários da língua, a partir da interação social, exercem influências que podem vir a alterar o sistema linguístico. Se a língua é instrumento de interação social, não há como defini-la e analisá-la independente de seu uso ou controlar este uso, concebendo regras que engessam o discurso dos falantes de uma língua.

Prova disso são as manifestações de uso com a variante analítica em estudo [Vaux *te* Vprin]. O usuário da língua, convenientemente, a tem utilizado com maior frequência, nos âmbitos de fala, ao invés da variante sintética imposta pelo sistema como regra normativa para o uso relacionado ao futuro, reforçando a noção da impossibilidade de se engessar o discurso do falante. A inserção dessa nova variante nos contextos de fala

sugere uma competição de uso entre as formas que passam a coexistir enquanto estruturas indicadoras de tempo futuro.

Deste modo, como “[...] a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p.29) e levando em consideração as características da Tabela 8, podemos vislumbrar que a coexistência e confronto de uso das estruturas, com o tempo e por meio da regularidade de utilização de uma das formas, pode ocasionar o apagamento e posterior desuso da composição menos utilizada. Acreditamos que este encaminhamento sinaliza a mesma trajetória ocorrida com a forma de futuro sintética da língua portuguesa advinda do latim, quando as formas sintéticas do futuro clássico passaram a competir com a estrutura perifrástica do latim vulgar, ocasionando, gradativamente, o desuso da forma sintética e posterior substituição pela forma analítica, fato este já explicitado no capítulo 1, seção 1.2.

Nesse contexto, além dos níveis fonológico, morfológico e sintático, que são julgados como inerentes à análise funcionalista da linguagem, são essenciais outros níveis para explicar toda essa organização que não é estanque na estrutura em si, a saber, a semântica e, especialmente, a pragmática. A visão funcional não analisa a frase de modo isolado, mas, relacionando todos os seus agentes neste processo: quem a pronuncia, para quem pronuncia, o modo que pronuncia, em que contexto, em qual situação e com qual intenção.

Tais circunstâncias, por exemplo, colaboram para compreender que a variante [Vaux *te* Vprin] que estamos estudando e que espelha um comportamento mesoclítico, pode apresentar diferentes tipos de uso. Em outras palavras, observamos que nesta composição sintática de mesóclise não canônica, o pronome oblíquo átono *te*, flutuando ao centro da locução verbal, promove a apresentação de diferentes usos, dependendo de quem a pronuncia, para quem pronuncia, o modo que pronuncia, em que contexto, em qual situação e com qual intenção.

Ilustremos a explicitação acima com a composição verbal “Vou te contar”, que foi a mais regular encontrada nas ocorrências retiradas de nosso *corpus* do Português: Web/Dialetos. Em nosso caso, essa estrutura, nos dados de usos retirados do *corpus*, apresentou 4 (quatro) tipos de usos, os quais os classificamos como: Tipo I – *TE* mesoclítico simples; Tipo II – *TE* mesoclítico oracional; Tipo III – *TE* mesoclítico discursivo final; Tipo IV – *TE* mesoclítico discursivo inicial. Para cada tipo mesoclítico, o pronome *te* tende a exercer um papel funcional específico, logo, para estes casos,

dependendo da situação e dos agentes que explicitamos acima, a composição mesoclítica, ao ser empregada no uso pelo falante, pode adquirir um viés mais gramatical (Tipos I e II) ou mais discursivo (Tipos III e IV). (Discussões pormenorizadas sobre cada tipo mesoclítico são abordadas no Capítulo 4 que corresponde as nossas análises).

À vista disso, Votre (2012, p.18) esclarece que “quanto ao método de trabalho, em nossa abordagem, vamos normalmente do particular ao geral, porque o próprio critério que permite a descoberta do que ocorre e recorre, de forma regular, e que nos permite construir a generalização, é o papel comunicativo, e não algum critério formal”.

Este caminho da LFC é fundamental para compreendermos as irregularidades, pois na busca de se explicar o que é regular, encontramos o que não o é. Desta maneira, o funcionalista entende que, por meio da recorrência de uso dos falantes, determinados elementos linguísticos podem ir se regularizando e se tornando mais frequentes na fala.

O fato de estudarmos e apresentarmos uma abordagem funcional, de perspectiva clássica do pronome substantivo, pessoal, oblíquo *te*, traz a tona não apenas suas características formais, como também, sua regularidade de uso. É nesta investigação dos usos regulares que vamos identificando a ação do falante sobre a forma *te* e a aproximação ou distanciamento da ordem dos constituintes da sentença, das possibilidades sintáticas, dos sentidos possíveis, todos, sob uma ótica inicialmente prevista, mais canônica. No entanto, para além desta identificação inicial, também vai permitir verificar as saliências e reentrâncias que surgem no relevo gerado nos textos e discursos a partir dos usos menos canônicos, ainda que com algum grau de regularidade.

Isto posto, as possibilidades estruturais do *te* no interior de uma locução verbal e as possibilidades funcionais que esta combinação pode gerar são compreensíveis com a perspectiva da LFC. Por isto, observar o uso do *te*, considerando a regularidade e os usos menos regulares é um caminho promissor para se perceber, por exemplo, no caso do átono *te*, que mesmo não havendo transformações formais do pronome, sua posição esperada no PB já se consolida em outro ponto da sentença e sua atuação no interior de locuções verbais (aqui admitidas como uma possibilidade mesoclítica) não podem ser desconsideradas. Outrossim, não surpreende que tais modificações sejam geradas por usos menos previstos e por funções menos prototípicas.

Diante do exposto, um dos princípios da LFC que colabora para fundamentar nosso objeto de estudo é a prototipicidade. Tal princípio contribui para

embasar as pesquisas funcionalistas que propõem investigar os usos linguísticos, refletindo-se tanto em termos de suas frequências quanto em relação à quantidade de atributos que um determinado membro linguístico pode ser identificado em relação a uma dada categoria linguística. A seguir, então, apresentamos o princípio da prototipicidade: alguns conceitos e argumentos.

2.1.1 Prototipicidade

Fundamentados pela LFC, analisamos a estrutura linguística estandardizada pela gramática normativa. Todavia, tal análise é embasada em termos funcionais que consideram o uso da língua configurado no discurso. A função linguística prescrita pela via estrutural não é observada como um processo estanque em si, assim, um funcionalista, partindo do uso da língua, vislumbra a possibilidade de confluírem variadas funções linguísticas para uma determinada categoria linguística.

Assim sendo, tomemos o nosso objeto de estudo, o pronome oblíquo átono *te* que, para a gramática normativa, atua como complemento verbal e desempenha as funções de objeto direto ou indireto. Tal definição é, inclusive, prescrita para a atuação deste pronome dentro da locução verbal “Vou te contar”, ou seja, continua sendo complemento verbal e funcionando como objeto direto ou indireto, independentemente, do contexto discursivo que participa. No entanto, enquanto funcionalistas, a perspectiva discursiva é um caminho precípuo para análise da língua, possibilitando percebemos, neste caso, que esse pronome adquire outras funções linguísticas, além das previstas pelos compêndios gramaticais, quando o consideramos como parte integrante de uma estrutura locucional verbal, que se acomoda no interior da composição, flutuando entre os constituintes verbais, para atender a uma adequação de uso e um determinado propósito comunicativo do falante.

Nesse sentido, é que entendemos a relevância do princípio da prototipicidade para a reflexão do papel comunicativo das diferentes funções linguísticas que podem ser associadas a uma determinada estrutura linguística, quando esta participa dos âmbitos de fala dos usuários da língua.

Quanto a este princípio, recorremos a Bybee (2010, p. 79, tradução nossa) que explana sobre:

Exemplos de categorias construídas através da experiência (em vários domínios) exibem efeitos prototípicos. Os efeitos de protótipo derivam da categoria de membros classificados: alguns exemplos são membros centrais da categoria, enquanto outros são mais marginais. Essa propriedade é frequentemente ilustrada com categorias naturais como PÁSSARO: algumas aves, como tordos ou pardais, são consideradas mais centrais para a categoria do que outras, por exemplo, águias ou pingüins. Essa categoria de membros graduados foi revelada em contextos experimentais, usando categorias naturais e culturais. Membros da mesma cultura podem escolher um “melhor exemplar” consistente da categoria, reagir mais rapidamente quando perguntados se um membro central pertence à categoria em comparação a um mais marginal e produzir rankings consistentes de grau de afiliação na categoria.¹⁸

Conforme explicitado, ao final da seção anterior, a prototipicidade pode ser analisada tanto em termos de frequência quanto no que se refere à quantidade de propriedades/atributos que podem ser identificados em relação a uma categoria linguística. Quanto a este último, a noção de protótipo pode ser empregada em direção àquele membro linguístico que representa determinada categoria, a partir do acúmulo considerável de propriedades que o caracterizam e o fazem representante mais prototípico dessa dada categoria. Assim sendo, mediante este exemplar prototípico, passa-se a avaliar os demais membros, considerando-os em níveis de escalaridade, ou seja, (+) prototípicos: aqueles que se aproximam da categoria prototípica ao possuir mais traços/propriedades/atributos que o caracterizam como tal; (-) prototípicos: aqueles que tendem a afastar-se do exemplar prototípico, uma vez que reúnem um menor número de propriedades caracterizadoras dessa dada categoria.

Em nosso caso, para se estudar a flutuação do pronome átono *te*, no interior de locuções verbais, com características semelhantes à posição mesoclítica, partimos da observação da frequência das locuções verbais em que o *te* aparece. Além disso, consideramos a análise desta locução verbal mais frequente em termos de reunião de atributos e que o caracterizam como modelo mais prototípico da categoria de pronome.

Nesta direção e na mesma medida que temos da noção de protótipo, enquanto reunião de atributos, avaliamos as demais locuções verbais, também, mediante uma escalaridade de frequência, sendo, portanto, (+) prototípicas: aquelas locuções que

¹⁸ Exemplar categories as built up through experience (in various domains) exhibit prototype effects. Prototype effects derive from graded category membership: some exemplars are central members of the category while others are more marginal. This property is often illustrated with natural categories such as BIRD: some birds, such as robins or sparrows are judged as more central to the category than others, for example eagles or penguins. This graded category membership has been revealed in experimental settings, using natural and cultural categories. Members of the same culture can pick out a consistent "best exemplar" of the category, react faster when asked if a central member belongs to the category compared to a more marginal one and produce consistent rankings of degree of membership in the category.

tendem a se aproximar da locução verbal prototípica em número de frequência no *corpus* em que o *te* aparece e que reúnem o número de propriedades que se aproximam da locução verbal prototípica. E (-) prototípicas: aquelas locuções que se afastam da locução verbal prototípica em número de recorrência no *corpus* em que o *te* aparece e que possuem menor número de atributos em relação à locução verbal prototípica. Vale salientar que, em nossa opinião, de alguma maneira, o fato de uma determinada locução verbal ser muito mais frequente que as outras, tendenciosamente, já sugere maior reunião de atributos de uma categoria.

Nestes termos, foram constatados uma maior frequência de usos do pronome *te*, intercalando quatro locuções verbais, consagrando-se enquanto um movimento semelhante ao mesoclítico, a saber: “vou *te* contar”, “vou *te* dar”, “vou *te* falar”, “vou *te* mostrar”. A presente pesquisa, a partir da análise de nossos dados, retirados do *corpus*, possibilitou constatar com alguma exatidão em qual destas locuções, o pronome *te* configurou, pela recorrência de frequência no *corpus* e pelo acúmulo de propriedades, enquanto representante prototípico desta categoria. Também, foram avaliados, pela mesma caracterização de frequência e reunião de atributos, as demais locuções e a frequência de recorrência do átono em relação a estas, sendo consideradas, portanto, (+) prototípicas e (-) prototípicas. Nesta pesquisa, conforme já apontando, o pronome *te* é mais atuante na locução “vou *te* contar” que, por isso, é a mais prototípica.

A discussão acima pode ser complementada com as considerações de Bybee (2010, p. 79, tradução nossa) que diz:

Dado que as construções são objetos lingüísticos convencionais e não objetos naturais que inerentemente compartilham características, parece que a frequência de ocorrência pode influenciar significativamente a categorização em linguagem. Considerando também que o uso da linguagem é uma questão de acessar representações armazenadas, aquelas que são mais fortes (as mais frequentes) são acessadas mais facilmente e podem, assim, ser mais facilmente usadas como base de categorização de novos itens.¹⁹

Visto que estamos tratando de língua dinâmica e flexível aos usos e interferências dos falantes e constatada a locução em que o *te* tem maior frequência,

¹⁹ Given that constructions are conventional linguistic objects and not natural objects that inherently share characteristics, it seems that frequency of occurrence might significantly influence categorization in language. Considering also that using language is a matter of accessing stored representations, those that are stronger (the more frequent ones) are accessed more easily and can thus more easily be used as the basis of categorization of novel items.

ratificamos que foram encontradas 4 (quatro) diferentes funções do *te* no interior da locução “vou *te* contar”, a saber: Tipo I – *TE* mesoclítico simples; Tipo II – *TE* mesoclítico oracional; Tipo III – *TE* mesoclítico discursivo final; Tipo IV - *TE* mesoclítico discursivo inicial. Logo, é importante reforçar que, apesar do representante prototípico compartilhar a mesma base estrutural com os outros não prototípicos, no discurso, estes podem adquirir uma nova roupagem de ordem sintática, semântica e pragmática.

E, embora, reconheçamos que as categorias, de base estrutural mais gramatical – como é o caso do Tipo I: *TE* mesoclítico simples e o Tipo II: *TE* mesoclítico oracional – tendem a figurar enquanto representante mais prototípico de uma dada categoria da língua, isso não seria fator determinante e caracterizador para que, em nosso caso e em nosso *corpus*, a categoria com essa base, se mantivesse enquanto representante, de fato, prototípico. Como o fator frequência e a reunião de propriedades foram os parâmetros para a seleção do protótipo do *te*, intercalado à locução verbal, acreditamos que outra locução, diferente de uma base estrutural mais gramatical e aproximado de uma base mais discursiva – Tipo III: *TE* mesoclítico discursivo final e o Tipo IV: *TE* mesoclítico discursivo inicial – possa ser bastante frequente, também, no *corpus* investigado. (O “Capítulo 4 – Análises” contempla os quatro tipos de *TE* mesoclítico, aponta o mais prototípico e apresenta exemplificações que os diferenciam.).

Dessa maneira, recorrendo-se, mais uma vez, às orientações clássicas da Linguística Funcional, fortalecemos a ideia de que a gramática se estabelece a partir dos usos que os falantes desenvolvem nas interações reais da língua. Assim sendo, percebemos que, para atender ao processo comunicativo dos falantes, a língua vai se moldando às circunstâncias de seus usos, ficando a forma/estrutura motivada pelas regularidades que vão ocorrendo durante esse processo interativo de uso da língua.

Nesta seção, portanto, elencamos o conceito de protótipo, admitindo sua validade para a presente pesquisa. Na próxima seção, trataremos de outro conceito, também de vertente funcionalista, que compõe o conjunto teórico que sustenta e direciona este trabalho: o princípio da iconicidade, principalmente, os subprincípios da integração e quantidade.

2.1.2 Iconicidade e os subprincípios da quantidade e da integração

Embora estejamos interessados, especificamente, em alguns dos subprincípios da iconicidade, supomos adequado fazer uma breve discussão sobre a iconicidade. Assim, citemos a menção de Bolinger (1977, p. x, tradução nossa) que considerou que: “[...] a condição natural da linguagem é preservar uma forma para um significado e um significado para uma forma [...]”²⁰.

Para Givón (1985), a citação acima é considerada como o meta-princípio da iconicidade e do isomorfismo na língua, além de ser um suporte para se trabalhar com uma série de outras questões empíricas. Todavia, tal pressuposto é considerado exagerado, quando Bolinger (1977) o redimensiona, sugerindo que a associação entre forma e significado é igualmente forte em ambas as direções.

Na obra “Funcionalismo e Gramática”, uma década após suas discussões sobre iconicidade e isomorfismo na língua, Givón (1995) esclarece que o isomorfismo não deve ser tomado como um fim explicativo para a iconicidade, mas como um caminho necessário para a compreensão desta, para tanto, refina seu apontamento inicial, indicando que:

[...] Na linguagem humana, a polissemia (ambiguidade) é bastante comum, mas seu inverso, sinonímia, é raro. Além disso, a iconicidade (fidelidade) do código linguístico, particularmente o código gramatical, está sujeita a pressões diacrônicas corrosivas de ambas as extremidades da equação semiótica. O código (forma) é constantemente corroído pelo desgaste fonológico, levando a um aumento da ambiguidade. E a mensagem (função) é constantemente remodelada pela elaboração criativa, de modo que um erro é estendido a diferentes funções - novamente produzindo maior ambiguidade. Ambos os processos diacrônicos criam a mesma pressão para uma correlação entre forma e significado: menor previsibilidade de forma para função (um para muitos), mas maior previsibilidade de função para forma (um para um).²¹ (GIVÓN, 1995, p.321, tradução nossa)

²⁰ The natural condition of language is to preserv one form for one meaning and one meaning for one form.

²¹ In human language polyssemy (ambiguity) is quite common, but its converse, synonymy, is rare. What is more, the iconicity (fidelity) of the linguistic code, particularly the gramatical code, is subject to corrosive diachronic pressures from both ends of the semiotic equation. The code (form) is constantly eroded by phonological attrition, leading to increased ambiguity. And the message (function) is constantly reshaped by creative elaboration, so that a for mis extended to different functions – again yielding increased ambiguity. Both diachronic processes thus create the same pressure toward a biased form-meaning correlation: lower predictability from form to function (one-to-many), but higher predictability from function to form (one-to-one).

Nesse sentido, Furtado da Cunha; Costa; Cezário (2003), quanto à questão biunívoca (uma para um) relacionada ao isomorfismo de Bolinger (1977), reforçam que esta noção radical foi sendo reformulada à medida que pesquisas em torno da variação e mudança linguísticas passavam a verificar a possibilidade de o usuário da língua poder utilizar diferentes estruturas linguísticas para expressar uma mesma ideia. Para tanto, esclarecem que:

[...] Na língua que usamos diariamente, especialmente na língua escrita, existem por certo muitos casos em que não há uma relação clara, transparente, entre forma e conteúdo, há contextos comunicativos em que a codificação morfosintática é opaca em sua função. Tomadas sincronicamente, determinadas estruturas exibem acentuado grau de opacidade em relação aos papéis que desempenham. Assim, encontramos correlação entre uma forma e várias funções, ou entre uma função e várias formas. [...] (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2003, P. 31)

Ilustremos a citação acima com o nosso objeto de estudo, assim, conforme explicitado na seção anterior 2.1.1 Prototipicidade, verifica-se que, dentre as locuções verbais, a variante prototípica foi “Vou *te* contar”. Como exemplo, tomemos esta forma, o pronome átono *te* que, prototipicamente, em sua essência, condiz com uma forma que se refere a um participante do discurso, atua como complemento do verbo e exerce função sintática de objetos direto e indireto. Todavia, seguindo a reflexão dos autores acima, constatamos que o *te*, intercalado a esta locução, em nosso *corpus*, pode apresentar 4 funções de usos distintos. Dito isto, a seguir, visualizamos na Tabela 9, a tipologia que propomos para as 4 (quatro) funções distintas, já constatadas da análise do pronome mesoclítico *te*.

Tabela 9 – Uma forma, quatro funções

1 (UMA) FORMA » vou <i>te</i> contar	4 (QUATRO) FUNÇÕES DISTINTAS
[10] [...] Vou <i>te</i> contar uma coisa que só quem está em o leito de morte sabe: aqui em essa cama o pensamento nos leva a refletir basicamente sobre três coisas. [...]	Tipo I - <i>TE</i> mesoclítico simples: neste tipo o pronome <i>te</i> funciona como complemento verbal; é uma locução mais gramatical, podendo o átono exercer função sintática de objeto direto ou indireto do verbo principal “contar”.
[11] [...] Vou <i>te</i> contar que mais uma vez vc me abençoou sem saber. Exatamente ontem a a noite eu precisava ler isso. [...]	Tipo II - <i>TE</i> mesoclítico oracional: aqui o pronome o pronome <i>te</i> também funciona enquanto complemento verbal e se relaciona com o argumento do verbo direto que, neste caso, atua em estrutura oracional.

[12] [...] Além de ser um carro raro de achar, quando eu achava um, era cada aberração que vou te contar . [...]	Tipo III - <i>TE</i> mesoclítico discursivo final: diferente dos tipos I e II, esta locução verbal possui viés mais discursivo, mas não atua como tópico. Estando no plano do discurso, entendemos que ao nível semântico e pragmático, sua atuação é válida apenas, organizando-se em verbo auxiliar + <i>te</i> + verbo principal.
[13][...] Segundo: O rejunte. Vou te contar , inicialmente deu um trabalhão para limpar! Não fazia ideia... Vamos olhar essa foto, comparando o rejunte de as pastilhas e o de a cerâmica original. [...]	Tipo IV - <i>TE</i> mesoclítico discursivo inicial: assemelha-se ao tipo III com viés mais discursivo, mas, aproximando à porção tópico do texto. Organiza-se também em verbo auxiliar + <i>te</i> + verbo principal, nos termos contextuais expressos no discurso do falante, colaborando ao uso com expressividade interjectiva.

Fonte: Lemos; Matos (2020, no prelo)

A Tabela 9 já sinaliza que o pronome mesoclítico *te* tem alta produtividade no PB, principalmente, ao integrar a locução verbal “vou *te* contar”. Esta composição nos usos pode apresentar 4 (quatro) funções: 2 (duas) com viés mais gramatical (Tipo I - *TE* mesoclítico simples e Tipo II - *TE* mesoclítico oracional) e 2 (duas) com viés mais discursivo (Tipo III - *TE* mesoclítico discursivo final e Tipo IV - *TE* mesoclítico discursivo inicial).

Furtado da Cunha e Bispo (2013, p.62) complementam o debate, explicando que:

[...] existem padrões que mantêm uma correlação aproximada com o sentido que eles designam, sendo, portanto, perceptíveis os laços entre forma e função. Em contrapartida, há casos em que essa relação não é nítida, revelando-se aparentemente arbitrária e impossibilitando o estabelecimento da conexão entre o plano da expressão e o do conteúdo. Ou seja, tomadas sincronicamente, determinadas estruturas exibem um acentuado grau de opacidade em comparação com os papéis que desempenham.

Quanto a isso, Givón (1995) articula a relação de processamento na produção e na percepção da fala. Para ele, a atividade do falante, no uso da língua (forma para função), é um fator mais determinístico, pois este já presume o que se tem em mente. Logo, espera-se que haja um uso mais condizente com a relação um-para-um, afastando-se da noção de um uso desregrado para se empregar qualquer termo linguístico que achar conveniente. Até porquê, por outro lado, o ouvinte, no pareamento de forma para função,

tende a permitir um grau de ambiguidade ao associar o código ao sentido, fato este resolvido ao se recorrer a noção situacional.

Situado nosso apontamento sobre iconicidade e sua relação enquanto princípio relevante para a reflexão de nosso objeto de estudo, ratificamos nosso caminho de uma proposta de iconicidade numa orientação funcionalista e, para tanto, nos aproximamos da noção indicada por Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2016, p.60) ao explicitarem que:

Mais coerente com a realidade da língua, em sua formulação atual, a iconicidade é tratada numa perspectiva de *continuum*, ajustando-se melhor à concepção de língua como uma estrutura fluida, no sentido de ser resultante de um conjunto de fatores que envolvem, ao mesmo tempo, motivação e arbitrariedade, padrões regulares e idiossincrasias.

Conforme mencionado no início desta seção e a partir das explicitações sobre iconicidade, buscamos respaldo teórico em três subprincípios que estão correlacionados ao princípio da iconicidade, a saber:

1. O **subprincípio da quantidade**, quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma, de tal modo que a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do conceito que ela expressa. Isso significa que a complexidade de pensamento tende a refletir-se na complexidade de expressão: aquilo que é mais simples e esperado se expressa com o mecanismo morfológico e gramatical menos complexo.
2. O **subprincípio da integração** prevê que os conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação – o que está mentalmente junto, coloca-se sintaticamente junto.
3. O **subprincípio da ordenação linear** diz que a informação mais importante tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática, de modo que a ordem dos elementos no enunciado revela a sua ordem de importância para o falante. (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p. 32).

Pontualmente, estamos interessados no subprincípio da quantidade e no subprincípio da integração. Esta escolha se deve, pois, cada um destes subprincípios pode ser relacionado ao que chamamos de flutuação do pronome *te*.

Vale acrescentar que, quanto ao subprincípio da quantidade, Givón (1994) menciona que podemos constatar sinais deste subprincípio em um vasto campo sintático, para tanto, relaciona-o à atribuição de um maior tamanho da estrutura, como também, pode ser refletido por meio de uma entonação mais elevada à informação que é, ao nível semântico, maior, mais imprevisível ou mais importante.

Este subprincípio também pode ser constatado, segundo Givón (1994), em relação à proporção de tamanho das palavras lexicais derivadas quando comparadas às primitivas, como por exemplo em: flor» flora » floral » floricultura. No mesmo caminho, quando o falante relata com minuciosidade as ações que foram realizadas, por exemplo, para realizar uma atividade de leitura (Eu peguei o livro, sentei no sofá e comecei a ler), estas tendem a ser mais extensas, demandando estruturas mais longas do que o relato de uma única ação (Eu li o livro.).

Ainda sobre o subprincípio da quantidade, Rohdenburg (2002, p. 264, tradução nossa) acrescenta que:

Informalmente, o princípio da quantidade pode ser capturado por meio do slogan “mais forma - mais informações / informativo. Comparando elementos gramaticais ou palavras funcionais com elementos lexicais semanticamente mais ricos ou mais específicos, descobrimos repetidamente que as palavras de função relativamente inespecíficas tendem a ser muito mais curtas em todas as línguas do que o resto do vocabulário. Por exemplo, isso é verdade para os artigos e a maioria dos pronomes, que geralmente constituem as palavras mais curtas nas línguas naturais. [...]”²²

No que concerne ao nosso objeto de estudo, o subprincípio da quantidade se reflete ao verificarmos que o pronome átono *te* desloca-se do lugar esperado (a ênclise), conforme a ordenação dos constituintes do português em SVO e passa a compor outro tipo de estruturação, tendo em vista que, ao intermediar a relação dos dois verbos da locução, desconstrói a previsão SVO, por algo do tipo SvOV. Na mesma direção, o pronome *te* acaba compondo um conjunto estrutural maior, fato que sugere, conforme este subprincípio, maior quantidade de informação. Ressalte-se, inclusive que, prototipicamente, o pronome *te* se relaciona com uma única estrutura verbal. Este

²² Informally, the quantity principle may be captured by means of the slogan “more form – more information/informative. Comparing grammatical elements or function words with semantically richer or more specific lexical elements we find again and again that the relatively unspecific function words tend to be very much shorter in all languages than the rest of the vocabulary. For instance, this is true of articles and most pronouns, which generally constitute the shortest words in natural languages.

combinado, em que o pronome participa da locução verbal, já indica que algo está acontecendo em termos de iconicidade.

No tocante ao subprincípio da integração, Givón (1994) explicita que este pode ser justificado pela proximidade que é exercida entre as formas livres e sua relação com as formas dependentes e as formas presas. Assim sendo, o usuário da língua, nos contextos de fala, tende a posicionar as formas dependentes ou presas, próximas às formas livres, seja pela relevância que estas exercem para a constituição das formas livres, seja em relação à coerência que deve ser estabelecida. Por exemplo, o morfema desinencial (-mos), forma presa, junta-se ao verbo cantar (forma livre) para a constituição do uso da frase: “Nós canta(-mos). Podemos ilustrar também com o nosso objeto de estudo, o pronome átono *te* (forma dependente), tende a agrupar-se próximo ao verbo ou aos verbos, do qual é complemento, como na passagem do *corpus*: [83] Amanhã, vou *te* dar o dinheiro, hein.

Também podemos admitir que o *te*, aproximando-se da locução, integra-a cognitivamente, oportunizando um maior nível de ligação morfossintática, assim sendo, conjecturamos que esta ligação estrutural sugere novas funções, conforme demonstramos na Tabela 9, para o tipo prototípico da locução “vou *te* contar”, na qual o *te* é mais atuante, conforme nosso *corpus*.

Por fim, sobre este subprincípio, é relevante citar a passagem de Givón (1994, p. 54, tradução nossa) que esclarece que:

A base cognitiva do princípio é bastante transparente. A contiguidade temporal do código de entidades mentais conceitualmente contíguas ou conceitualmente relevantes reflete os requisitos gerais da memória associativa, disseminando a ativação e o *priming*. No momento, não se pode garantir que entidades mentais conceitualmente mais próximas sejam armazenadas em locais contíguos no cérebro. No entanto, se a ativação de um conceito de fato inicia a ativação de conceitos intimamente relacionados, então codificar conceitos relacionados em momentos contíguos de fato garantiria um processamento mais rápido, dada a memória associativa e o *priming*.²³

Diante do exposto, ratificamos a relevância dos fundamentos teóricos aqui apontados, uma vez que colaboram para refletirmos sobre a existência, por meio da

²³ The cognitive basis of principle is fairly transparent. The temporal code-contiguity of conceptually-contiguous or conceptually relevant mental entities reflects the general requirements of associative memory, spreading activation and priming. One cannot for the moment guarantee that conceptually-closer mental entities are stored at contiguous locations in the brain. However, if the activation of a concept indeed primes the activation of closely related concepts, then to code related concepts at contiguous times would in fact guarantee faster processing, given associative memory and priming.

frequência de usos, que há um tipo mesoclítico diante do pronome átono *te*. Assim, estabelecido este aporte teórico, passamos, no próximo capítulo, a tratar sobre os procedimentos metodológicos da presente investigação.

CAPÍTULO 3

Metodologia

Nesta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos da presente pesquisa. Esta nasceu dos estudos realizados na dissertação de mestrado, “O uso do pronome Te: reflexões numa perspectiva clássica da linguística funcional”, dedicada à investigação sobre o uso prototípico do pronome átono *te* e suas manifestações não regulares, a partir da coleta e análise de dados em contextos reais de interação do uso da língua, por meio do *corpus* C-Oral Brasil²⁴.

Foi durante a análise dos dados da pesquisa de mestrado que verificamos uso significativo do pronome *te*, intercalando uma locução verbal. Quantitativamente, tais usos corresponderam a 36% dos usos, deste total, 38% referem-se a um conjunto específico de combinações verbais. Nesse sentido, é válido explicitar que:

Ainda que haja 68 (sessenta e oito) ocorrências do pronome *te* com locuções verbais é possível verificar que há um conjunto menor de locuções com as quais o pronome *te* se relaciona. Assim, há 32 (trinta e duas) locuções verbais para 68 ocorrências. Uma proporção média de 2,1 ocorrências para cada locução verbal. [...] No mesmo caminho, contudo, é possível afirmar que destas 32 (trinta e duas) locuções verbais apenas 4 (quatro) – “vou te contar”, “vou te dar”, “vou te falar”, “vou te mostrar”, [...] – representam 38% das ocorrências. Isto quer dizer que, das 68 (sessenta e oito) ocorrências do pronome *te*, 26 (vinte e seis) ocorrências dão-se com as quatro locuções verbais mencionadas. (LE MOS; MATOS, 2017, p. 45).

Esse uso mereceu atenção, uma vez que estamos tratando de uso de estruturas locucionais verbais que, teoricamente, demandam maior complexidade estrutural e cognitiva. O princípio da iconicidade, especificamente, o subprincípio da quantidade, colabora para compreendermos este fato, relacionado ao pronome agrupar-se à uma composição estrutural maior, indicando uma demanda maior de quantidade de informação e requerendo maior processamento da informação a nível cognitivo.

Tal movimento de destaque nos usos tornou-se ainda mais intrigante quando comparamos com os números de ocorrências referentes à colocação pronominal, de tal modo que não foram encontradas ocorrências de uso do *te* em posição enclítica.

²⁴ Este banco de dados foi criado pelo projeto C-Oral-Brasil que se dedica ao estudo da fala espontânea do português brasileiro, através da compilação de um *corpus* de textos orais produzidos em contexto natural. Diz respeito a um amplo banco de dados, contendo 263.645 palavras disponibilizadas em textos de oralidade transcrita (trechos, frases, parágrafos), produzidas em conversas informais e acessível pela linguateca (uma espécie de biblioteca virtual pública, disponível à pesquisa por processamento computacional através do projeto AC/DC).

Como já apontado, o movimento do *te*, no interior da locução verbal, consagra-se enquanto um movimento semelhante ao mesoclítico.

Dentro deste eixo locucional verbal, observamos que houve algumas estruturas locucionais verbais que ocorreram mais do que outras, foram elas: “vou *te* contar”, “vou *te* dar”, “vou *te* falar”, “vou *te* mostrar”.

As ocorrências²⁵, a seguir, retiradas do *corpus* supracitado, ilustram esse movimento mesoclítico como um tipo de flutuação, em que o pronome *te* não deixa transparecer o seu maior grau de conexão com quaisquer dos verbos:

[82] **Vou *te* contar**, velho.

[83] Amanhã eu **vou *te* dar** o dinheiro, hein.

[84] Aí, chegou de manhã e tal, ele levantou, e falou, eu **vou *te* falar** outra coisa, hein.

[85] Tem uma igreja aqui, eu **vou *te* mostrar** onde é que é.

Diante de tal quadro expressivo de usos e cientes, até então, de que a mesóclise está praticamente extinta no PB e restrita a registros pontuais de usos escritos, movemo-nos do interesse de investigar essas estruturas que, principalmente, vêm preenchendo os discursos dos falantes do PB em âmbitos de informalidade. Para tanto, apesar de observarmos as questões estruturais que definem e aproximam a mesóclise canônica da mesóclise não-canônica, concebida neste estudo (*te* mesoclítico), debruçamo-nos na intenção de promover uma análise que preveja que tal organização sintática é motivada por fatores discursivos.

A seguir, discorreremos sobre os dois estudos que compõem a pesquisa.

3.1 Aspectos metodológicos

O primeiro estudo, a partir de questionários aplicados com participantes do PE e do PB, foi dedicado ao levantamento de dados sobre os usos do pronome átono *te*, em locuções verbais, constituindo uma composição mesoclítica não-canônica do tipo [Vaux *te* Vprin].²⁶

²⁵ Os exemplos que constam no presente trabalho foram retirados do capítulo “Abordagem sintático-discursiva sobre o uso prototípico do pronome *te*”, de Lemos e Matos (2017). Assim, mantivemos a respectiva numeração, uma vez que já foi utilizada e compõe o *corpus* do projeto C-Oral-Brasil.

²⁶ Vale salientar que as ocorrências que compuseram o questionário são amostras retiradas do *corpus* C-Oral Brasil.

Intencionamos com este estudo reforçar que a mesóclise não-canônica faz parte dos usos do PB e que no PE ocorre um movimento de uso diferente, vinculado, preferencialmente, ao posicionamento do pronome átono enclítico ao verbo principal do complexo verbal. Além disso, por meio deste estudo, levantamos as locuções verbais mais frequentes “vou *te* contar”, “vou *te* dar”, “vou *te* falar”, “vou *te* mostrar” para, posteriormente, na segunda etapa, como medida de recorte, selecionarmos a locução mais prototípica e realizarmos as análises sobre o *te* mesoclítico.

Em nosso segundo estudo, analisamos as amostras de ocorrências retiradas do *Corpus do Português: Web/Dialetos*²⁷ com as locuções mais frequentes no PB “vou *te* contar”, “vou *te* dar”, “vou *te* falar”, “vou *te* mostrar” e, em seguida, selecionamos a locução mais prototípica “vou *te* contar” para seguirmos com as avaliações e confirmarmos que o *te* mesoclítico é muito produtivo nos contextos de uso do PB, bem como, apontar que sua organização estrutural pode desempenhar diferentes tipos de usos, ao passo que consideramos os níveis sintático e discursivo.

Apresentamos, a seguir, Questionários I (PE) e II (PB), os respectivos informantes, participantes dos questionários no PE e no PB.

3.1.1 Questionários I (PE) e II (PB)

A fim de redimensionarmos os indícios de usos do pronome átono *te*, em semelhança à posição mesoclítica, julgamos produtivo avaliar se esses usos, encaminhando-se para o interior de locuções verbais do tipo [Vaux *te* Vprin], também, fazem parte da realidade dos falantes do Português Europeu (PE).

Assim sendo, como método de análise, constituímos questionários com ocorrências retiradas do *corpus* C-Oral-Brasil, para que os participantes pudessem utilizar o átono *te* em posição que julgassem adequada para sua comunicação, não se atendo às regras prescritivas da gramática. Para tanto, os questionários foram organizados com lacunas entre os verbos, permitindo que os participantes alocassem o pronome *te* onde

²⁷ Criado pelo Professor Mark Davies, BYU (Brigham Young University). Financiado pelo National Endowment for the Humanities – NEH, (2004, 2015), permitindo atualizar o original do *Corpus do Português* (2006), que também foi financiado pelo NEH. Faz parte da coleção *corpora* da BYU. Este *corpus* contém aproximadamente um bilhão de palavras em Português, retiradas de mais ou menos um milhão de páginas de *web* de quatro países que falam Português (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique). Este *corpus* permite que analise o Português mais recente (os textos foram recolhidos entre 2013-14), e comparar entre os diferentes dialetos. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/xp.asp?c=3>. Acesso em: 22 mai. 2019.

avaliassem conveniente para seu uso, conforme exemplo a seguir, retirado do questionário e presente nos anexos desta pesquisa: “1) [74] Mas eu vou ____ contar ____, viu.”. Dessa maneira, manteríamos a intenção de validar os usos desses participantes a partir de ocorrências reais de uso da língua.

Vale mencionar que, apesar de já possuímos dados que sinalizassem um tipo de uso mesoclítico com o pronome átono *te*, no PB, advindo das análises no *corpus* C-Oral Brasil, consideramos como medida de equidade, realizarmos um questionário, também, com os participantes do PB. Nesse sentido, o questionário do PB nos auxilia como medida para validar que há um tipo de uso mesoclítico diante do pronome *te*, e o questionário do PE²⁸ contribui para ratificarmos que o mesmo uso não ocorre nessa variedade.

Dito isto, no Questionário I (PE) há 16 (dezesesseis) itens (ver Anexos), estes estão elencados e enumerados conforme disposição presente no *corpus* C-Oral Brasil. As ocorrências retiradas do mencionado *corpus* foram escolhidas mediante o fator frequência, uma vez que nestas estão previstos os usos das locuções verbais mais regulares. As ocorrências estão organizadas com espaços, entre a locuções verbais, para serem completados com o pronome átono *te*, mediante opção de escolha do falante, possibilitando o uso da posição do pronome onde julgar adequado: enclítico ao verbo principal, enclítico ao verbo auxiliar ou entre os verbos.

No Questionário II (PB) há 20 (vinte) itens que também obedecem à sequência e enumeração conforme sua visualização no *corpus* C-Oral Brasil. Da mesma maneira que no Questionário I (PE), as ocorrências selecionadas possuem as locuções verbais com usos mais frequentes em relação à presença do pronome átono *te*. Seguem também a mesma organização com espaços entre as locuções verbais, para que o falante opte em utilizar o pronome átono *te*, conforme sua opção de escolha: enclítico ao verbo principal, enclítico ao verbo auxiliar ou entre os verbos.

²⁸ Considere-se a relevante contribuição da Professora Doutora Otília Sousa, da Universidade de Lisboa e do Instituto Politécnico de Lisboa, que colaborou sobremaneira para a efetivação da referida pesquisa, aplicando os questionários com os participantes do PE, localizados em diferentes regiões de Portugal. Outrossim, vem colaborando com a presente investigação como um todo, uma vez que faz parte do processo de coorientação, integrando, juntamente com o professor orientador, o Prof. Denilson Matos, uma parceria que transcende os limites geográficos desde o ano de 2015, no SIMELP Itália. Essa trajetória tem permitido estreitar os laços entre as universidades, por meio de pesquisas como, também, pelas trocas de experiências na difusão dos estudos que os pesquisadores, aqui, vêm desenvolvendo e difundindo por meio de projetos, eventos e congressos, tornando possível ampliarmos as investigações sobre a língua portuguesa à luz de uma perspectiva luso-brasileira.

3.1.1.1 Informantes

Para avaliar o modo como o *te* é usado em locuções verbais do tipo [Vaux *te* Vprin] foi adotado um desenho transversal. Nesse sentido, foram envolvidas características como: delimitação da população de interesse; análise do comportamento linguístico da população por meio de amostragem.

Assim sendo, resolveu-se avaliar população instruída, por isso, nos 2 contextos (PE e PB) foram escolhidos estudantes do ensino superior.

Os participantes da pesquisa no Questionário I (PE) são, majoritariamente, indivíduos originários da capital de Portugal, Lisboa (33 indivíduos), cursando Ensino Superior e com idade entre 20-34 anos. Outros números consideráveis fazem referência a indivíduos originários de diferentes cidades de Portugal, a saber: Almada (1), Cascais (2), Funchal (1), Barreiro (1), Caldas da Rainha (1), Santarém (1), Abrantes (1), Coimbra (1), Guarda (1), Torres Vedras (2), Setúbal (2), Vila Franca de Xira (1), Faro (2), Campo Grande (1), Évora (1). Pontualmente, houve 3 (três) casos de escolaridade não informada e 1 (um) não informou a localidade.

Os participantes da pesquisa Questionário II (PB) são, majoritariamente, indivíduos originários de cidades do Estado da Paraíba, entre elas, Guarabira (20), Cacimba de Dentro (3 indivíduos), Bayeux (1), Areia (1), Solânea (4), Belém (2), Serraria (1), Bananeiras (1), Araruna (2), Mamanguape (2), Marí (1), Sapé (1), Esperança (1), Alagoa Grande (2), Campina Grande (1). Alguns indivíduos são oriundos de cidades de outros Estados, a saber: São Paulo-SP (2), Belford Roxo-RJ (1), Brasília-GO (1), São José do Egito- PE (1), Rio de Janeiro (RJ). A faixa etária está compreendida entre 18 e 36 anos, sendo que 27 indivíduos possuem entre 18-23, 15 indivíduos entre 24-29 e 11 indivíduos entre 30-36. Quanto à escolaridade, os indivíduos estão cursando o Ensino Superior. Pontualmente, houve 2 (dois) casos de escolaridade não informada e 2 (dois) não informam a localidade.

A seguir, sintetizamos em tabelas os perfis dos participantes de Portugal e do Brasil.

Tabela 10 – Perfil dos participantes de Portugal

IDADE	ESCOLARIDADE	CIDADE
20-34	Ensino Superior	Lisboa, Almada, Cascais, Funchal, Barreiro, Caldas da Rainha, Santarém, Abrantes, Coimbra, Guarda, Torres Vedras, Setúbal, Vila Franca de Xira, Faro, Campo Grande, Évora.

Fonte: O próprio autor.

Tabela 11 – Perfil dos participantes do Brasil

IDADE	ESCOLARIDADE	CIDADE
18-36	Ensino Superior	Guarabira, Cacimba de Dentro, Bayeux Areia, Solânea, Belém, Serraria, Bananeiras, Araruna, Mamanguape, Marí, Sapé, esperança, Alagoa Grande, Campina Grande, São Paulo, Belford Roxo, Brasília, São José do Egito- PE, Rio de Janeiro.

Fonte: O próprio autor.

Apresentamos, em seguida, o nosso segundo estudo.

3.1.2 *Corpus* do Português: Web/Dialetos

Convém ressaltar que a escolha do *Corpus* do Português: Web/Dialetos seguiu-se tendo em vista que, embora sejam dados na modalidade escrita (textos do ciberespaço), por diversas ocasiões, transparece a influência da oralidade em suas construções linguísticas. Nesse sentido, os traços de fala que se reproduzem na escrita, permiti-nos estar convictos de que tal *corpus* representa um banco de dados muito propício a usos não previstos nos cânones linguísticos, como também, à ocorrência compatíveis ao *te* do tipo mesoclítico em estado de flutuação. Tal *corpus* visa reforçar a existência, por meio da frequência de usos, de que há um tipo de *te* mesoclítico, nas interações do PB. Como também, indicar que este tipo mesoclítico pode desempenhar diferentes usos, ao passo que consideramos os aspectos sintáticos e discursivos.

3.1.3 Procedimentos

No próximo capítulo, apresentamos nossas análises. Primeiramente, são conduzidas as análises referentes aos questionários I (Portugal) e II (Brasil), dispostos anteriormente, por meio dos quais, apresentamos os dados que comprovam a existência

da mesóclise não-canônica do tipo [Vaux *te* Vprin] como um uso característico do PB e não do PE, tendo em vista que nesta variedade ocorre um uso diferenciado do pronome átono *te* diante de estruturas locucionais verbais organizadas em [Vaux + Vprin].

São apresentados gráficos e recortes de exemplos dos questionários, nos quais demonstram os usos dos participantes e ilustram as diferentes posições de usos do pronome *te*. Reforce-se que, conforme já apontamos anteriormente e agora de posse dos dados dos questionários I e II, indicamos usos variados em relação ao posicionamento do pronome *te* no PE e no PB.

Assim, no que concerne ao Questionário I (PE), analisamos o uso do pronome átono *te*, considerando os posicionamentos que se seguem, como medida de ilustração, com exemplos de usos dos participantes do questionário:

1º Sua posição enclítica ao verbo principal:

9) [corpus 1] é, eu vou _____ contar -te dois casos a respeito disso

(Participante 1)

2º Sua posição entre os verbos:

6) [85] Tem uma igreja aqui, / eu vou te mostrar _____ onde é que é.

(Participante 4)

3º Seu posicionamento enclítico ao verbo auxiliar ou entre verbos:

5) [83] Amanhã eu vou -te dar _____ o dinheiro, / hein.

(Participante 7)

4ª Seu posicionamento enclítico ao verbo principal, entre os verbos e enclítico ao verbo auxiliar.

5) [83] Amanhã eu vou _____ dar -te o dinheiro, / hein.

1) [74] Mas eu vou te contar _____, viu.

3) [80] Depois eu vou -te mostrar _____ essas coisas.

(Participante 16)

Quanto ao Questionário II (PB), avaliamos o pronome *te*, observando seu uso, a partir dos posicionamentos que se seguem acompanhados de exemplos retirados do *corpus*:

1º Seu uso em interlocução verbal (*te* mesoclítico):

17) [corpus 4] É bem uma questão pessoal, mas eu vou te contar _____ depois, é, eu vou explicar depois por que.

(Participante 42)

2º Sua posição enclítica ao verbo principal:

19) [corpus 6] Cê quer + vou _____ dar -te moeda, tá, filhote. Então vou _____ dar _____ de vinte e cinco.

(Participante 42)

3º Seu uso em interlocução verbal e enclítico ao verbo principal:

23) [corpus 10] Primeiro modelo que eu vou te mostrar _____, né.

24) [corpus 11] Pode vim aqui que eu vou _____ mostrar -te.

(Participante 42)

Demonstrado que o uso da mesóclise não canônica com o *te* mesoclítico é uma característica de ocorrência do PB, em seguida, conduzimos os procedimentos de análises de dados por meio do *Corpus* do Português: Web/Dialetos, ilustrando a busca realizada no *corpus*:

1º Acesso ao sítio <https://www.corpusdoportugues.org/> e clicar no link “Web/Dialetos”, item 2 na imagem.

The screenshot shows the website 'o corpus do português'. The header includes a map of Portuguese-speaking countries and the title 'o corpus do português'. A sidebar on the left lists navigation options: 'Os corpora', 'Tamanho dos corpus', 'Comparar', 'Recursos', 'Problemas (Inglês)', and 'Contatar'. The main content area features a table with the following data:

Corpus	Tamanho	Criado	Mais informação
1 Gênero / Histórico	45 milhões de palavras	2004-06	Info
2 Web / Dialetos	1 mil milhão de palavras	2015-16	Info
3 NOW (2012 - 2019)	1,1 mil milhão de palavras	2018	Info
4 WordAndPhrase	40.000 palavras principais	2017	Info

Below the table, there is a paragraph about the 2016 addition to the Corpus do Português, mentioning it contains a base of data with nearly 1 million words from the web of four Portuguese-speaking countries (Brazil, Portugal, Angola, Mozambique). It also notes that the new corpus is much larger than the previous one, with 50 times more words for the modern Portuguese corpus (1 million words) compared to the 20 million words of the 1900 original corpus.

Fonte: <https://www.corpusdoportugues.org/>

2º Digitação da locução com o pronome *te* e clicar em pesquisar.

Corpus do Português: Web/Dialetos

PESQUISAR FREQUÊNCIA CONTEXTO AJUDA

Lista Gráfico Colocados Comparar PCEC

vou te contar [POS]

Pesquisar Apagar

☐ Seções Virtual Ordem/Limite Opções

(OCULTAR AJUDA) NÃO ESTÁ LOGADO

Este corpus contém aproximadamente mil milhão de palavras em Português, retiradas de mais ou menos um milhão de páginas de web de quatro países que falam Português (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique). O corpus está a ser financiado por - US National Endowment for the Humanities - e assim permitindo-nos atualizar o original do Corpus do Português (2006), que também foi financiado pelo NEH.

Clique em qualquer um dos links a sua esquerda para ajuda sensível de contexto, e para poder ver a variedade que o corpus oferece. De realçar, é a comparação de dialetos e os novos corpora virtuais, que na criação personalizada e coleções de textos relacionados a uma área específica de interesse.

Ajuda específica para o ficheiro:
 Examinação da variação entre os vários dialetos
 O efeito do tamanho do corpus (comparado com o CdP anterior).
 Ajudar a melhorar o corpus (e ganhar créditos)

[1]

Fonte: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>

3º Clique na locução pesquisada:

Corpus do Português: Web/Dialetos

PESQUISAR FREQUÊNCIA CONTEXTO AJUDA

VER CONTEXTO: CLIQUE NA PALAVRA (TODAS AS SEÇÕES), NO NÚMERO (UMA SEÇÃO), OU [CONTEXTO] (VÁRIAS) [AJUDA...]

	CONTEXT	ALL FORMS (SAMPLE) : 100 200 500	FREQ
1	☐	VOU TE CONTAR	897

1.016 seconds

Fonte: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>

4º Clique no número para mais visualização de detalhes.

Corpus do Português: Web/Dialetos

PESQUISAR FREQUÊNCIA CONTEXTO AJUDA

SECCÕES: NÃO HÁ LIMITES
AMOSTRA: 100 200 500
PÁGINA: << < 1 / 9 > >>

CLIQUE NO TÍTULO PARA MAIS CONTEXTO ☐ [7] SHOW DUPLICATES

1	G BR	100grana.wordpress.com	A B C	em si é um ato de inserção? "« Eu não acho que vou te contar sobre isso ", disse o diretor. Pôster não utilizado bacanão do filme
2	G BR	abr-casa.com.br	A B C	Casa. com.br Minha columbeia-peixinho, a pequena rabo-de-tatu e a palmeira areca-bambu Vou te contar , assim como você que lê a revista, nós, de
4	G BR	ameaquequeroser.wordpress.com (1)	A B C	Amamentei os outros dois exclusivamente até os 6 meses. Mas, vou te contar , acordar de madrugada pra amamentar, toda noite, por noites a fio...
5	G BR	amelhordasincoas.wordpress.com	A B C	forte, loiro, olhos claros... Mas era tarado, viu? Vou te contar! O cara não parava! Achei até que ele tinha uns 30 braços!
7	G BR	analistati.com (1)	A B C	não sermos mais um viciado em tecnologia. Abraços e Sucesso! Vou te contar , há tanta oferta de produtos similares que chega a causar um efeito
8	G BR	apenas1.wordpress.com	A B C	mais para a vida do que para a morte. Curioso isso. Vou te contar uma coisa que só quem está no leito de morte sabe: aqui em
9	G BR	apenas1.wordpress.com	A B C	que Deus te dá. Compartilhe este post: Curtir isso: "« Vou te contar uma coisa que só quem está no leito de morte sabe: aqui em
10	G BR	apenas1.wordpress.com	A B C	que se pode dizer que todo o segmento é de aquele modo. Vou te contar um segredo: a pessoa que tuitou que "« o pecado supremo dos engélicos
11	G BR	apenas1.wordpress.com	A B C	consideramos trigo. Eu nunca vi ninguém chegar e dizer "« olha, vou te contar uma coisa, eu sou joio ". Todo mundo se acha trigo. Até
12	G BR	apenas1.wordpress.com	A B C	contexto em que está se torna mais ou menos insuportável. E, vou te contar um segredo: a esmagadora maioria das pessoas é diferente de você. L
13	G BR	apenas1.wordpress.com	A B C	que Jesus ensina aos seus discípulos... chega de isso.... Vou te contar que mais uma vez vc me abençoou sem saber. Exatamente ontem à noite.
14	G BR	apenas1.wordpress.com	A B C	me perdoar pela minhas transgressões, pelos meus pecados ". Vou te contar um segredo: Ele pode. Mais ainda: Ele quer. Jesus veio a
15	G BR	apenas1.wordpress.com	A B C	espera de você que não siga a tentação e não peque. E vou te contar um segredo: é exatamente a mesma coisa que ele espera de mim e de
16	G BR	arionetorres.blogspot.com	A B C	16:3 Que Deus abençoe a sua vida!!! 23 comentários: Vou te contar uma coisa, em esse dia do amigo! Tenho um carinho especial por
17	G BR	artigos.gospelprime.com.br	A B C	mas nos dá a certeza e clareza quanto ao nosso futuro! Vou te contar a história dum homem chamado Nabote. Esse homem morava numa cidade
18	G BR	asagadoapartamento.wordpress.com	A B C	pastilhas de vidro, não há problemas. Segundo: O rejunte. Vou te contar , inicialmente deu um trabalho para limpar! Não fazia ideia... Vamos olhar
19	G BR	ntididatadonizar.wordpress.com	A B C	é errado como se tivesse escrito por Enzo, um carbonero. Não vou te contar o final, mas vale a pena. Chama muito e é também lembrança.

Fonte: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>

5º Visualização dos detalhes de cada ocorrência.

Corpus do Português: Web/Dialetos

PESQUISAR FREQUÊNCIA CONTEXTO CONTEXTO +

FONTE:

Data	Brasil: General
Título	Christopher Nolan fala sobre o final de A Origem 100Grana
Fonte	http://100grana.wordpress.com/2010/12/01/christopher-nolan-fala-sobre-o-final-de-a-origem/

Contexto ampliado:

fato de Cobb não estar olhando para o pião em o final? "« O importante é que Cobb não está olhando para o pião. Ele não se importa ". Mas é se só o fim é um sonho e Saito e Cobb estão presos e construíram um mundo próprio? "« Não é assim que eu teria lido o filme ". E a expressão "salto de fé", repetida muitas vezes durante o filme, que fez o público acreditar que o filme inteiro em si é um ato de inserção? "« Eu não acho que **vou te contar** sobre isso ", disse o diretor. Pôster não utilizado bacanão de o filme Esperto ele. É melhor não explicar nada ou dar desdóbro, mesmo. Por mais que o final tenha parecido espertalhão (o que ele negou, dizendo que sabe a resposta mas não vai revelar), o filme é muito bom e funciona sem falhas. Sobre o futuro de a possível franquia, Christopher Nolan disse que está se concentrando mais em o game do que em uma sequência, o que não descarta. Porém

Fonte: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>

Realizadas as etapas acima no *Corpus do Português: Web/Dialetos*, fez-se, então, a contagem de cada locução com o pronome *te*: “vou *te* contar”, “vou *te* dar”, “vou *te* falar”, “vou *te* mostrar”. Vale destacar que para chegarmos ao total de cada uso de coleta dessas locuções, eliminamos as ocorrências do português de Angola, Portugal e Moçambique, tendo em vista que todas estão no mesmo *corpus*, todavia, só nos interessava, nessa parte do *corpus*, os usos do português do Brasil.

Em seguida, foi identificada a locução mais prototípica das 4 (quatro) elencadas: “vou *te* contar”, uma vez que esta locução foi a mais frequente entre as ocorrências. A partir desta locução foram observados 4 (quatro) tipos de usos do *te* (uma forma para quatro funções), a saber: *Te* mesoclítico simples; *Te* mesoclítico oracional; *Te* mesoclítico discursivo final; *Te* mesoclítico discursivo inicial. São apresentados gráficos e exemplos de ocorrências retirados do *corpus*, demonstrando cada tipo de uso do *te* mesoclítico.

Os passos explicitados acima nos encaminharam para a verificação do ambiente sintático que ocorrem tais usos, como também, para o tratamento dos atributos discursivos no sentido de compor um conjunto de propriedades que confirmam a existência, por meio da frequência de usos, que há um tipo de mesóclise não-canônica, nas interações do PB, impulsionada pelo uso do pronome *te* em locuções verbais do tipo [Vaux *te* Vprin]. Assim, nomeado por nós enquanto *te* mesoclítico, pôde-se verificar também que este tipo mesoclítico desempenha 4 (quatro) usos diferentes com a locução verbal “Vou *te* contar”, dois ao nível sintático e dois ao nível discursivo.

No próximo capítulo, conduzimos nossas análises.

CAPÍTULO 4

Análises

O procedimento a ser realizado para as análises segue o sinalizado na Metodologia. Para tanto, constituímos neste capítulo as duas etapas que compõem esta pesquisa e nos fornecem dados para confirmarmos que os usos mesoclíticos com o pronome átono *te* é uma característica do PB.

Nesse sentido, na seção 4.1 Questionários I (PE) e II (PB), visualizamos a primeira etapa de análise dos dados advindos dos questionários aplicados com participantes do PE e do PB. Por meio destes, ficou perceptível que há um uso acentuado do *te* mesoclítico entre os falantes do PB (91% dos usos), sendo, portanto, uma realidade desta variedade, visto que, em contrapartida, verificamos que o mesmo não ocorre no PE, pois os dados de usos do pronome átono *te*, em locuções verbais, não constituem uma composição mesoclítica.

Dito isto, na seção 4.2 *Corpus* do Português: Web/Dialetos, seguimos no mérito da análise de dados que derivam do levantamento das 2215 ocorrências realizado no *corpus* do Português: Web/Dialetos, com o intuito de ratificarmos a nossa tese de que os usos mesoclíticos com o pronome átono *te* é um atributo do PB.

A seguir, discorreremos sobre as análises dos dados dos Questionários I (PE) e II (PB).

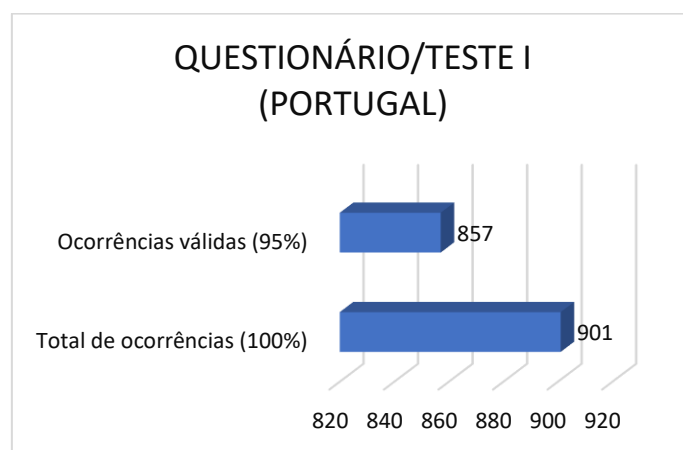
4.1 Questionários I (PE) e II (PB)

Nesta seção, apresentamos os dados das análises realizadas nos Questionários I (PE) e II (PB). Primeiro, discorreremos sobre as análises do Questionário I, realizado com os participantes do PE e, em seguida, encaminhamos as análises em relação aos dados do Questionário II, desenvolvido com participantes do PB.

4.1.1 Questionários I (PE)

O Gráfico 1 - QUESTIONÁRIO/TESTE I (PORTUGAL) demonstra as 901 (novecentas e uma) ocorrências de usos do pronome *te* nesta variedade. Este número é resultante dos 53 (cinquenta e três) participantes e das 17 (dezessete) ocorrências de uso por questionário que estes informaram em seus questionários. No entanto, 18 (dezoito) lacunas não foram preenchidas e 26 (vinte e seis) não foram consideradas por estarem em posição proclítica ao verbo auxiliar²⁹, sendo, efetivamente, 857 (oitocentas e oitenta e três) ocorrências analisadas:

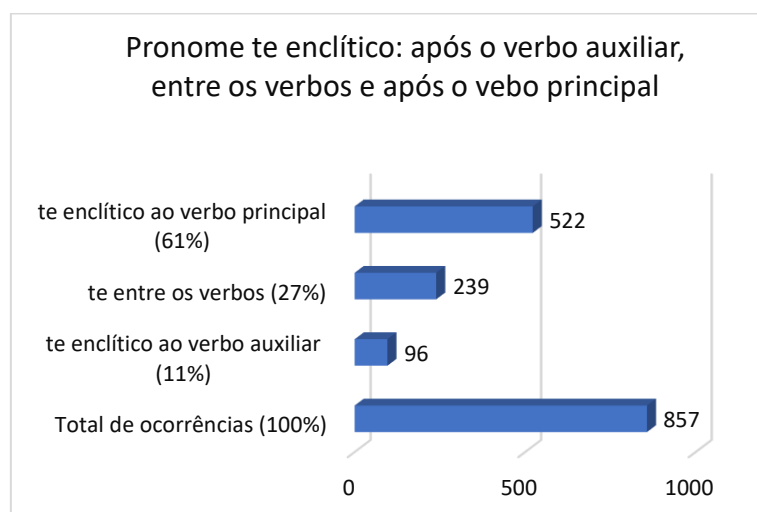
Gráfico 1 - QUESTIONÁRIO/TESTE I (PORTUGAL)



Depois do preenchimento das lacunas previstas e sinalizadas no Gráfico 1 - QUESTIONÁRIO/TESTE I (PORTUGAL), apresentamos, a seguir, o Gráfico 2 que demonstra as ocorrências gerais dos dados pelos tipos de uso do *te* com suas respectivas exemplificações. Logo após, seguem-se os gráficos com a frequência destes dados em cada caso de uso específico. Todos os gráficos estão organizados em número de porcentagem e em número absolutos.

²⁹ Considerando a ocorrência muito baixa de 3% e a posição fora do previsto e do objetivo da pesquisa que é o funcionamento do pronome *te* entre verbos, registramos tal uso, todavia, desconsideramos a quantidade, enquanto dado.

Gráfico 2 – Pronome *te* enclítico ao verbo auxiliar, entre os verbos e enclítico ao verbo principal



A seguir, ilustramos os tipos de usos do *te* que foram constatados nesta variedade:

- Ênclise ao verbo principal 61%, como em “vou contar *te*”:

4) [82] Vou _____ contar *te* /, velho.

(Participante 3)

- Pronome entre os verbos 28%, como em “vou *te* contar”:

1) [74] Mas eu vou *te* contar _____, viu.

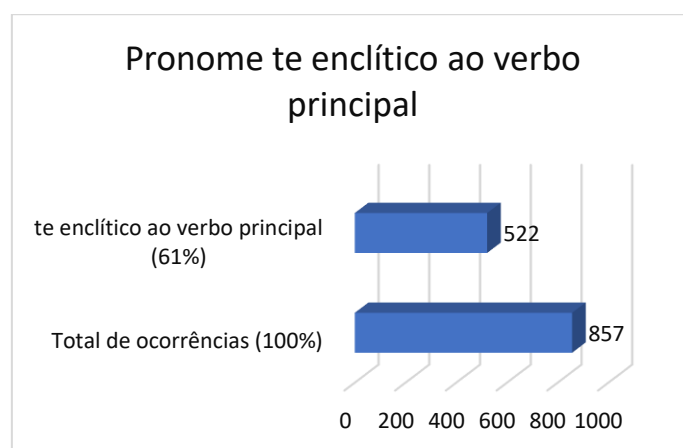
(Participante 2)

- Ênclise ao verbo auxiliar 11%, é o caso de “vou-*te* contar”:

1) [74] Mas eu vou -*te* contar _____, viu.

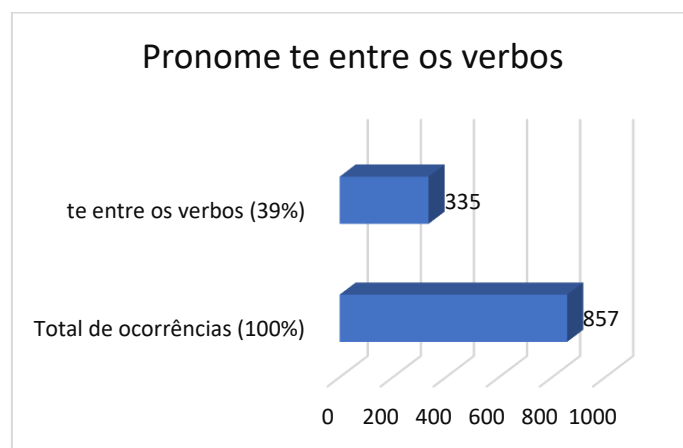
(Participante 31)

No gráfico 3, visualizamos os dados advindos dos usos do *te* com posição enclítica em relação ao verbo principal.

Gráfico 3 – Pronome *te* enclítico ao verbo principal

Os dados do Gráfico 3 demonstram que, de um total de 857 (oitocentas e cinquenta e sete) ocorrências analisadas, 522 (quinhentas e vinte e duas) ocorrências foram visualizadas com o pronome *te* em posição enclítica. Ou seja, aproximadamente 61% das ocorrências são com o pronome *te* enclítico, após o verbo principal.

Vejamos agora o Gráfico 4 que trata dos usos do *te* entre os verbos:

Gráfico 4 – Pronome *te* entre os verbos

Os dados do Gráfico 4 apontam que, de um total de 857 (oitocentas e cinquenta e sete) ocorrências analisadas, 335 (trezentas e trinta e cinco) ocorrências foram visualizadas com o pronome *te* entre os verbos. Diante disto, cerca de 39% das ocorrências são do pronome *te* entre os verbos.

Vale salientar que tais dados, que estão ilustrando o Gráfico 4, levam-nos a considerar que esse percentual do *te* entre os verbos são ocorrências inesperadas, uma vez que, apesar dos participantes terem utilizado o átono nesta posição entre os verbos,

seu posicionamento, de fato, está muito mais vinculado ao verbo auxiliar, ficando, assim, o pronome átono *te* enclítico a tal verbo.

Nesta direção, observou-se que o *te*, em termos estruturais, nas 335 (trezentas e trinta e cinco) ocorrências que ficaram em posição entre os verbos, não estaria atuando com os dois verbos, mas, morfossintaticamente, o *te* está muito mais relacionado ao verbo auxiliar.

É possível comprovar o argumento anterior, pois isso se confirma por meio de questões do uso do pronome: em cerca de 11% dos usos há a marcação do hífen ao lado esquerdo do pronome *te*, situação que identifica, em termos morfossintáticos, a conexão estrutural, logo, sintática, do pronome e o verbo auxiliar, destarte, diferente do previsto no PB. Vejam-se exemplos a este respeito conforme participantes (1, 6 e 17):

2) [75] Começou dar contração / já vou -te dar _____ anestesia.

8) [96] Primeiro modelo que eu vou -te mostrar _____, né.

(Participante 1)

4) [82] Vou -te contar _____ /, velho.

(Participante 6)

3) [80] Depois eu vou -te mostrar _____ essas coisas.

(Participante 17)

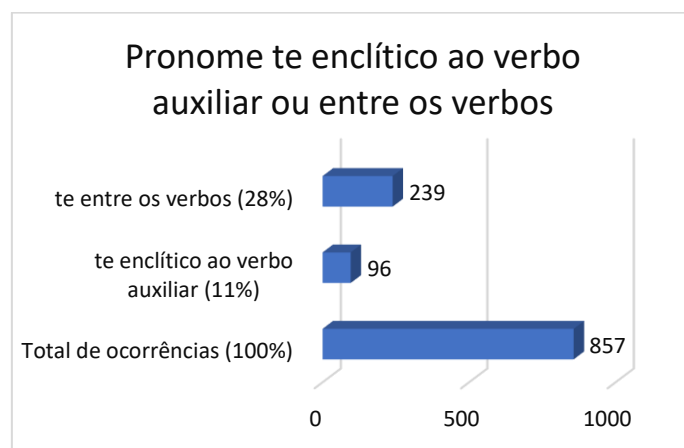
Nesta acepção, a questão fonética já sinalizada no capítulo 1³⁰ corrobora no sentido de que o *te*, como nestes casos ilustrados acima, traz muito mais características de um *te* em uso enclítico em relação ao verbo auxiliar, do que um *te* entre os verbos com traços de flutuação.

³⁰ Com o mesmo encaminhamento defensivo ao estabelecimento de uma norma de colocação pronominal na Língua Portuguesa, menciona que esta tem a forma normal enclítica e quando esta não se configura, a antecipação do clítico ao regente ocorre por atração fonética, tratada como um deslocamento por força de outro vocábulo. Para o autor, o distanciamento entre as pronúncias do PB e do PE contribuem para as divergências entre estas variantes, associando, para tanto, à diferença fonética entre PB e PE (SAID ALI (2008[1908])).

O percentual de 39%, do total dos 857, é entre verbos. Destes, 11 % tem a marcação do hífen. Assim sendo, optamos por considerar que os outros 28% também estão vinculados ao verbo auxiliar. Todavia, esta afirmação é questionável na medida em que não é possível garantir que estes 28% sejam ênclise ao verbo auxiliar. De toda maneira, o percentual de 28% dos usos do *te*, entre verbos, é infinitamente menor que os 72% que não estão entre os verbos. Logo, o que ocorre no PE é diferente do que ocorre no PB.

Diante do exposto, propomos substituir o Gráfico 4 pelo Gráfico 5, tendo em vista que, de fato, consideramos que o *te* está ligado ao verbo auxiliar e não entre os verbos:

Gráfico 5 – Pronome *te* enclítico ao verbo auxiliar ou entre os verbos



A partir da observação dos Gráficos 1, 2, 3, 4 e 5, é possível notar que os dados levantados dos questionários apontam na direção de que no PE não está havendo o predomínio do uso do pronome átono *te* no interior das locuções verbais. Tais dados indicam que os usos do pronome *te* preenchem um discurso aos moldes previstos pela gramática normativa, bem como cedem às pressões fonéticas do PE. Também, confirmam a consonância com usos que privilegiam a posição enclítica, quando não há um atrator que permita o motivo de uso da próclise.

Reforce-se, então, que o uso do pronome oblíquo átono *te* em flutuação, semelhante ao posicionamento mesoclítico é um fenômeno generalizado no PB. Como estamos tratando da flutuação de um termo, há de se admitir as possibilidades desse movimento variar novamente e flutuar para outra posição na sentença. Todavia, a atual

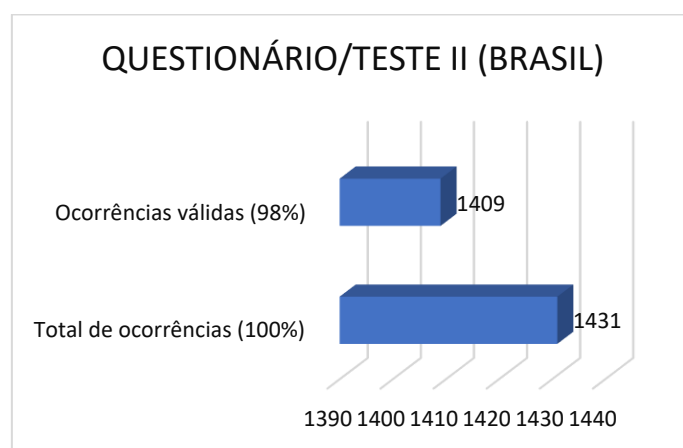
conjuntura de flutuação vem validando que este átono se acomode no interior da locução verbal, com nítidos sinais de um processo de gramaticalização.

A seguir, discorremos sobre a análise dos dados do QUESTIONÁRIO/TESTE II (BRASIL) com os participantes do PB. Para tal, utilizamos questionário com bases semelhantes ao QUESTIONÁRIO/TESTE I (PORTUGAL).

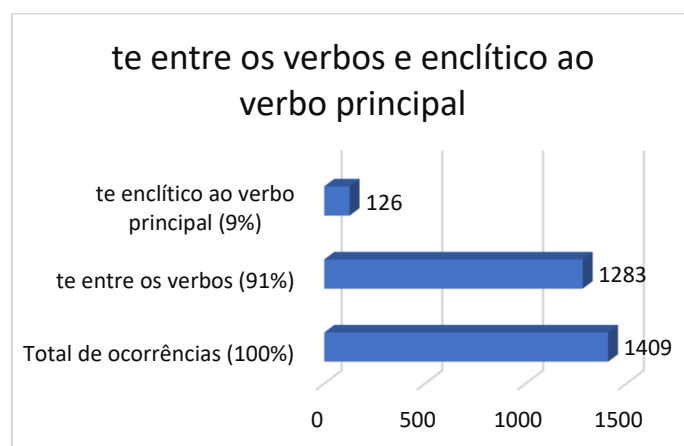
4.1.2 Questionários II (PB)

No Gráfico 6 - QUESTIONÁRIO/TESTE II (BRASIL), observamos que foram 53 (cinquenta e três) participantes, 27 (vinte e sete) ocorrências de uso por questionário, totalizando 1431 (mil quatrocentos e trinta e uma) possibilidades de usos do pronome *te*. No entanto, 22 (vinte e duas) ocorrências deixaram de ser preenchidas, sendo, efetivamente, 1409 (mil, quatrocentas e nove) ocorrências analisadas:

Gráfico 6 - QUESTIONÁRIO/TESTE II (BRASIL)



A seguir, o Gráfico 7 demonstra as ocorrências gerais dos dados pelos tipos de uso do *te*: entre os verbos e enclítico ao verbo principal, com suas respectivas exemplificações. Depois, são apresentados os gráficos com a frequência destes dados em cada caso de uso específico.

GRÁFICO 7 – Pronome *te*: entre os verbos e enclítico ao verbo principal

Os exemplos que se seguem ilustram os tipos de usos do *te* que foram constatados nesta variedade:

- Pronome *te* entre os verbos (91%), como em “vou *te* contar”:

3) [74] Mas eu vou *te* contar _____, viu.

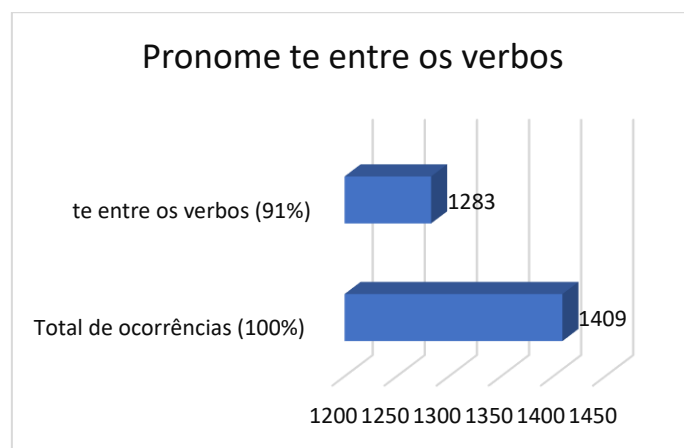
(Participante 9)

- Pronome *te* enclítico ao verbo principal (9%), como em “vou contar-*te*”:

6) [80] Depois eu vou _____ mostrar *-te* essas coisas.

(Participante 28)

No Gráfico 8 - Pronome *te* entre os verbos (tipo de mesóclise), visualizamos a maior quantidade de usos do pronome nesta posição.

GRÁFICO 8 – Pronome *te* entre os verbos (tipo de mesóclise)

A partir do Gráfico 8, podemos perceber que de um total de 1409 ocorrências, 1283 deram-se com o pronome *te* entre os verbos, ou seja, aproximadamente, 91% das ocorrências apontam que os participantes usam o átono no interior da locução verbal.

Neste ponto, o subprincípio da quantidade reforça o deslocamento que o pronome átono *te* faz de seu lugar esperado (em ênclise), conforme a ordenação dos constituintes do português em SVO e passa a compor outro tipo de estruturação, tendo em vista que, ao intermediar a relação dos dois verbos da locução, desconstrói a previsão SVO para uma organização em SvOV. Este encaminhamento permite que o pronome *te* passe a compor um conjunto estrutural maior, fato que sugere maior quantidade de informação. Ressalte-se, inclusive que, prototipicamente, o pronome *te* se relaciona com uma única estrutura verbal. Esta combinação na qual o pronome participa da locução verbal sugere um encaminhamento em termos de iconicidade.

Seguem alguns exemplos destas ocorrências segundo os usos dos participantes (17 e 32):

7) [82] Vou te contar _____ /, velho.

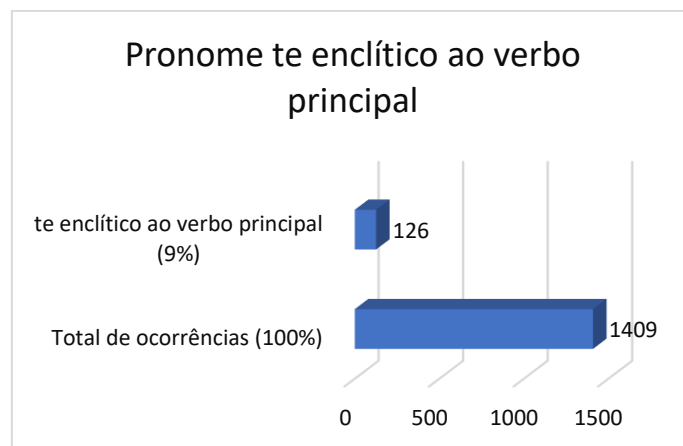
(Participante 17)

13) [96] Primeiro modelo que eu vou te mostrar _____, né.

(Participante 32)

Já no Gráfico 9, os dados indicam os usos do pronome *te* enclítico ao verbo principal:

GRÁFICO 9 – Pronome *te* enclítico ao verbo principal



Neste Gráfico 9, por outro lado, demonstra uma possibilidade já esperada quanto aos usos do pronome *te*, uma vez que apenas 126 ocorrências de uso, de um total de 1409, com o referido pronome foram em posição enclítica ao verbo principal, indicando que 9% dos participantes optaram por utilizar a ênclise:

12) [87] Vou _____ dar -te moeda, tá, filhote.

(Participante 42)

A partir da observação dos Gráficos 6, 7, 8 e 9, é possível notar que os dados levantados dos questionários apontam que no PB está havendo, de fato, a flutuação do pronome átono *te* no interior das locuções verbais, já que nenhum participante incluiu o hífen ao lado esquerdo do pronome *te*, bem como a fonética da colocação pronominal no PB é diferente do PE (conforme já informado no Capítulo 1, seção 1.1.1).

Assim, conforme esperado e apontado no *corpus* supracitado, constatamos que há uma preferência dos falantes do PB em alocar o pronome *te* no interior das locuções verbais, uma vez que, massivamente, os participantes do questionário fizeram o uso desse pronome na posição que julgamos semelhante à mesoclítica.

No entanto, houve poucos casos de usos com o pronome em posição enclítica. Estes foram visualizados como pontuais e há a possibilidade de que os

participantes tenham cedido à influência da norma padrão. Nesse sentido, seria plausível admitir-se que o falante do PB (especificamente) e qualquer falante, em termos gerais, refletem, a partir dos usos linguísticos, comportamento político-cultural estabelecido na sociedade, a partir de registros escritos.

Na próxima seção 4.2 *Corpus* do Português: Web/Dialetos, apresentamos a análise do *Corpus* do Português: Web/Dialetos, visando reforçar a existência, por meio da frequência de usos, de que há um tipo de mesóclise presente nas interações do PB diante do pronome átono *te*.

4.2 *Corpus* do Português: Web/Dialetos

Seguindo nossas prerrogativas teóricas em torno do princípio da prototipicidade, enfatizamos que as análises no *Corpus* do Português: Web/Dialetos são conduzidas a partir da identificação daqueles usos mais regulares. Logo, as observações, quantificações e reflexões partem das locuções verbais que são mais frequentes, mais usadas nas ocorrências elencadas, sugerindo, então, um ambiente de prototipicidade.

Ressalte-se que a maior frequência, que se está fazendo menção, diz respeito ao grupo das 4 (quatro) locuções que remanesceram da primeira pesquisa realizada na conclusão do mestrado e que também compõem os Questionários II (PB), a saber: “vou te contar, vou te dar, vou te falar, vou te mostrar”. Neste sentido, seria possível encontrar outras locuções semelhantes com verbos principais distintos, porém tais verbos estariam fora do recorte proposto neste trabalho, uma vez que optamos pelas locuções com maior frequência de usos apresentados em nosso *corpus*, no PB.

Vale salientar, também, que para chegarmos ao total de cada uso de coleta das locuções neste *corpus*, eliminamos as ocorrências do português de Angola, Portugal e Moçambique, tendo em vista que todas estão no mesmo *corpus*, todavia, só nos interessa os usos do português do Brasil.

Outro ponto que merece ser destacado quanto a este levantamento diz respeito a atuação do pronome *te* que, nos usos do PB referentes à segunda pessoa, duela com a existência dos usos do pronome *lhe*. Todavia, por mais que estejamos cientes de um uso significativo deste pronome em relação à segunda pessoa, em nossa proposta, atuamos no sentido de entender que se trata de uma questão não do pronome, mas da própria composição mesoclítica. Assim sendo, por hora, por uma razão de delimitação

teórica e metodológica, decidimos não considerar esses usos para nossas análises, no entanto, enxergamos que este é um caminho que pode ser percorrido em outro momento, no qual vislumbramos como um desdobramento profícuo para futuras pesquisas.

Dito isto, por meio do levantamento das 2029 ocorrências com as locuções verbais mais frequentes no PB (“vou *te* contar”, “vou *te* dar”, “vou *te* falar”, “vou *te* mostrar”), foi possível chegar a um resultado de ocorrências das locuções em estudo no *corpus*, conforme a seguir (para cada locução verbal um conjunto de exemplos a partir do *corpus*):

a) 702 (setecentas e duas) ocorrências de “vou *te* contar”:

[14] [...] O importante é que Cobb não está olhando para o pião. Ele não se importa "». Mas e se só o fim é um sonho e Saito e Cobb estão presos e construíram um mundo próprio? "« Não é assim que eu teria lido o filme "». E a expressão `salto de fé', repetida muitas vezes durante o filme, que fez o público acreditar que o filme inteiro em si é um ato de inserção? "« Eu não acho que **vou te contar** sobre isso "», disse o diretor. [...]

[15] [...] O lugar oferece delícias portuguesas e um café saborosíssimo, além de estar entre belíssimos marcos arquitetônicos de a cidade! João Victor Franco é editor de arte de a revista Casa Claudia Luxo desde 2010 e trabalha com design gráfico há 12 anos. Adora música e fotografia e dedica seu tempo livre a essas outras artes. Além de destilar seu talento com as artes gráficas, é um pianista de uma sensibilidade ímpar. quarta-feira, 17 de julho de 2013 -- por Casa. com.br Minha columbeia-peixinho, a pequena rabo-de-tatu e a palmeira areca-bambu **Vou te contar**, assim como você que lê a revista, nós, de a redação, também nos inspiramos por os ambientes lindos que recheiam as páginas -- e ficamos morrendo de vontade de aplicar as ideias em nossas casas. [...]

[16] [...] Minha meta é amamentar meu filho até os 2 anos. Por enquanto, estamos indo muito bem. Aconselho um bom exercício de paciência a todas que querem seguir esse caminho. Eu acumulei essa virtude durante a vida inteira para usar- la toda agora e tem valido muito a pena! adorei o lance de a cereja e de a bolinha de ping pong. Olha, estou amamentando exclusivamente o meu terceiro filho, está com uns 30 e poucos dias agora. Amamenteei os outros dois exclusivamente ate os 6 meses. Mas, **vou te contar**, acordar de madrugada pra amamentar, toda noite, por noites a fio... eu sempre penso em uma mamadeira em a madrugada... é fácil não, viu? facil nao... mas eu insisto. [...]

[17] [...] [...] Eu era obrigada a esperar: tinha ido de carona com uma amiga, que estava pegando um ex- e não queria acabar com a graça de a garota. Aí, um "« global de geladeira "» (gato pacarai) chegou em mim. Ele estava loucaço e eu, nem aí. Trocamos umas 10 palavras, no máximo, e caímos em o amasso. Ui, que delícia! Homem alto, forte, loiro, olhos claros... Mas era tarado, viu? **Vou te contar**! O cara não parava! Achei até que ele tinha uns 30 braços! [...]

[18] [...] Já por aqui, digamos que nosso ar tropical não deva estar em os planos imediatos de o Wildfire. Conheça outros aparelhos que usam o Sistema Operacional Android da Google. 2 Responses te o "« Smartphone=HTC=com=Android=2.1 "» Verdade, a internet

e a tecnologia está mudando a maneira de nos relacionar. São tantas novidades, ferramentas que tornam nossa vida, uma eterna correria para não perder tudo que rola em a rede. Temos que nos desviar para não sermos mais um viciado em tecnologia. Abraços e Sucesso! **Vou te contar**, há tanta oferta de produtos similares que chega a causar um efeito oposto. [...]

b) 646 (seiscentas e quarenta e seis) ocorrências de “vou te dar”:

[19] [...] Volta para a faculdade e vai procurar uma mulher para curar suas frustrações, cara! Se preocupa mais com você!!! Seu mané..... Paula.... Quem é vc para dizer que eu estou humilhando alguém aqui? Você é quem deve ter problemas amorosos e deve ter entrado em a menopausa... **Vou te dar** um exemplo sua quadrupede de 3 patas... 2 pernas e uma lingua comprida! [...]

[20] [...] Olha querida, eu imagino que ele deve ter menos de 50 anos e bebe há mais de vinte anos, não é isso? E você por não aguentar mais conviver com o alcoolismo dentro de casa decidiu dormir em quarto separado, a crise financeira chegou como era de se esperar, e o seu filho também iniciou- se em a bebida, mas parou, e agora você precisa de uma orientação. O lado bom de essa história é que você se entregou a Jesus. **Vou te dar** uma orientação espiritual e um procedimento médico. Faça uma campanha de jejum e oração específica para esse fim, de que ele se entregue a Jesus e seja liberto de esse mal. [...]

[21] [...] Hoje eu sei que não seria esta pessoa sem rumo e sem destino se a tivesse junto de mim. Onde a senhora estiver, olhe e peça a Deus por mim, nunca me abandone e esteja sempre junto de mim para me dar a segurança que a senhora sempre me deu. Saiba que eu TE AMO muito e sempre vou TE AMAR com todo meu coração. Saiba que sempre trago o seu cheirinho gostoso com mim e que sei que um dia vamos nos encontrar e aí eu **vou te dar** o beijo e o abraço que agora queria muito te dar. Até um dia Mamãe e saiba que EU TE AMO MUITO. [...]

[22] [...] para minha mae que hoje esat juntinha de deus; thereza maria de oliveira pires. se eu pudece vou a o tempo juro que voltaria, se pudece te trazer de volta juro que te traria. olha maezinha sua falta em minha vida hoje é uma dor muito forte, queria eu poder te trazer novamenet mais isto é impossivel, então te carregarei em meu coração ate nosso proximo encontro, pois de o mesmo modo que jesus te levou um dia ira me levar ai então ja saberei o valor que **vou te dar** novamente. te amo minha maezinha e paizinho. a minha maezinha que hoje esta ao lado de deus pai; thereza maria de oliveira pires. Mae fico triste so em pensar que não vou te ver. [...]

[23] [...] Esse argumento de que só famílias pobres e miseráveis praticam aborto é tão ridículo como desinformado.. Mas provavelmente gente educada, polida, gentil e cheia de palavras de edificação, além de argumentos tão bem embasados como vc devem estar certos. Você e pessoas como Adolf Hitler, que fez um grande favor a 6 milhões de judeus exterminando- os e assim livrando- os de tanto sofrimento que há em o mundo.. **Vou te dar** duas sugestões: 1. Em vez de abortar crianças em a barriga de a mãe como um covarde, espere ela nascer e mate- a a bordoada, olhando bem dentro de os olhos de ela e ouvindo seu choro, para livras- la de a miséria de viver em este mundo tão cruel. Por a sede de sangue que suas palavras demonstram vc ia adorar fazer isso. 2.

Converse com algumas dezenas de pessoas que teriam sido abortadas, alguém conseguiu convencer seus pais a das- los pra a [...]

c) 522 (quinhentas e vinte e duas) ocorrências de “vou *te* falar”:

[24] [...] Faço isso porque amo a Jesus, e tenho que preservar minha imagem como mulher d Deus, afinal temos q ser corretos diante de Deus e de os homens né! Espero q vc tenha entendido minha posição caro irmão... Deus o abençoe, e continue a postar coisas edificantes! Fique em a paz de Cristo! seu comentário não impactou, apenas me levou a uma reflexão, que compartilhei em o ultimo post. Minha querida, por favor entenda que tudo o que **vou te falar** é em amor e não há nenhum tom agressivo em a minha voz, ok? Não sei em que cidade vc vive ou que denominação frequenta. [...]

[25] [...] Estou passando por uma situação que esta me matando por dentro, eu tenho 29 anos de idade, solteiro, e em o mundo em que vivemos por incrível que pareça eu ainda sou virgem, sou uma pessoa que sempre quis fazer as coisas de a forma correta, mas hoje em dia eu **vou te falar** que me arrependi, porque eu me guardei esse tempo todo e fico com a sensação que tudo isso foi em vão, de que não adiantou de nada, ainda não encontrei a pessoa certa, namorei 5 anos mas não deu certo, respeitei a garota, tive temor por Deus, mas hoje em dia me sinto arrependido tenho vergonha de as pessoas um dia descobrirem que ainda sou virgem, isso acaba com mim, acredito que todas as pessoas a minha volta não são mais, e sou [...]

[26] [...] Parabéns por o conteúdo. Namasté! Olá, tenho acompanhado seu blog em os últimos meses. E realmente concordo com tudo o que vc escreve sobre o que está acontecendo bem embaixo de os nossos narizes. Sobre o Sol, entrei em o site recomendado e percebi (assustada) que realemnte em o dia 5 houve uma explosão. Minha pergunta é: leva 5 dias pra essa "« radiação "» atindir a Terra? Não sei se estou sendo muito ignorante, mas estou tentando aprender um pouco de o que está acontecendo e **vou te falar**, não é nada fácil né. Um grnde abraço e continue nos informando. [...]

[27] [...] Como eu disse, demorei pra pegar o ritmo de a leitura, tanto, que estava até com medo de não gostar de o livro, mas em determinado momento, quando o enredo cresceu, não consegui largar até acabar as páginas, hehe. Por ser um livro inicial em a carreira de ele, dá pra perceber que o Patrick tem uma grande carga literária embasando seu texto, por isso o livro é tão surpreendente. Agora, um livro por dia é foda, mal consigo um por semana, hehe. **Vou te falar**, Sérgio. Desde a primeira vez que vi, me interessei por esse livro. [...]

[28] [...] Espero uma resposta pois estou desnorteada, pois o amo muito e sei q ele é p ser meu Que Deus o abençoe Veja querida irmã, a família é um de os planos de Deus para cada um de nós, vemos que satanás tenta atrapalhar estes planos de todas as formas e com isso ocorre o adultério que Deus abomina e é uma de as formas que se pode acabar com um casamento. **Vou te falar** como a Igreja Adventista, que é a que eu frequento, trata de o assunto. Você poderia se batizar normalmente, se estiverem morando juntos não seria possível, pois é necessário que sejam casados entendeu. [...]

d) 129 (cento e vinte e nove) ocorrências de “vou *te* mostrar:

[29] [...] Só para citar um exemplo: Quando os meninos começaram a fazer sucesso, meu filho Marcos estava em o bar e começou a tocar a música de os meninos em a rádio, e um de os caras que estava em o bar não sabia que o Marcos era irmão de o Dinho e esse cara falou " Esse vocalista que está cantando essa música é bicha ", o Marcos pegou o cara e falou assim " Agora eu **vou te mostrar** quem é o bicha " e deu um soco em o cara de o homem. O Marcos só não morreu junto em o acidente porque a produtora não deixou ele ser segurança de o Dinho, porque se tivessem aceitado eu teria perdido os dois filhos. [...]

[30] [...] Todo esse caos, desastre natural artificial, guerras, genocídios têm um propósito. São tudo cuidadosamente planejados por alguns de os homens em os bastidores de o poder, em o alto de a sociedade secreta, acima de qualquer estrutura de poder que o cidadão comum nunca imaginaria existir. Tudo foi planejado para destruir o mundo atual e criar um novo Governo Mundial de a AOM com essas pessoas em cima, fazendo o resto de nós seus escravos. Eu **vou te mostrar** que o resultado final de um acontecimento político, não importa em quem você votou, já estava completamente delineada e prevista antes de a eleição, não por os políticos em si, mas por o poder real por trás de a cena, o "« Governo Sombra "», invisível para o público em geral. [...]

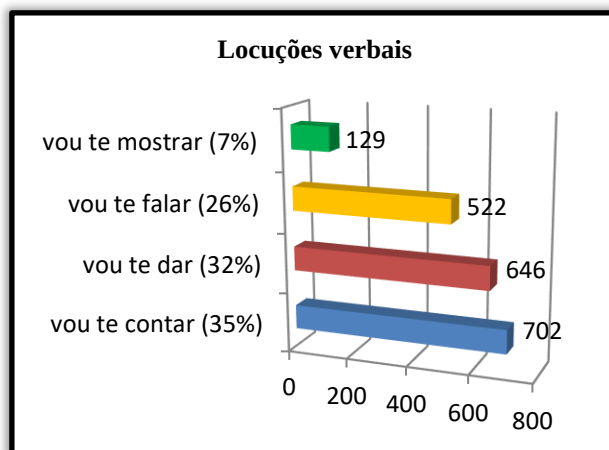
[31] [...] encaixar aqui tem que ter QI Saber entrar e sair, humilde é nós, ai Pacificadores colando com os manos de o lado de lá É nós que tá, Planaltina, é nós que tá Em o radinho a pilha ou em o celular, demorou chegar Tamo envolvido em a carreta de os playboy, em os barraco de os bandidos Refrão (Wlad Borges) Acho que eu te o certo, ache o que quiser Achei o que eu quero, ache o que você quer Encontre o seu momento, viaje em o meu mundo Que eu **vou te mostrar** o que eu acho de isso tudo 2X Look Quem procura sempre acha, aqui foi sempre de esse jeito Sabe o que eu acho que pra muitos é defeito Muitos se acharam, vida loka se racharam Sempre em o mesmo time porque acha o resultado Ó fí, te o em a Planalta, me achei Tem em o comércio bagui, fica de olho em as biloca Que acha os bagui, eu sei Não te o em essa pra agradar, fí, acho o que achar Racho o que rachar [...]

[32] [...] Mas acelere o crescimento de esse filho da puta e sintam-se descobrindo vida alienígena. Eu poderia te mostrar fotos sobre isso o dia todo, mas antes de você assistir esse vídeo e velo pulsando como se fosse um animal morrendo, e se expandindo de forma que cubra tudo em o caminho, você nunca viu algum medo REAL em a sua vida. **Vou te mostrar** mais um, de essa vez focado apenas em a pulsação: Urgh! Olha essa bizarrice! Pulsando como se tivesse respirando. Parece que foi arrancado de um filme de terror -- como se se você tivesse que abaixar-se para tocar-lo, ele levantaria e enrolaria seu braço, sugando você e te digerindo lentamente enquanto você grita em vão. [...]

[33] [...] Saiamos de as fortalezas que nos protegem. Deus é a nossa proteção. 1462121 Menu Como o Segredo da Produtividade do Seinfeld resolveu minha procrastinação Fiquei muito tempo sobrecarregado por uma lista pesada de objetivos que deveriam ser feitas, sem sucesso, todo ano em uma lista de longo prazo. Então eu resolvi usar um pequeno truque que resolveu meu problema crônico. Por mais chamativo que possa parecer, eu resolvo tudo que eu determino em apenas uma hora por dia. **Vou te mostrar** como você pode fazer isso também. Eu me exercito todos os dias. Meu apartamento está sempre limpinho e arrumadinho. Terminei mais projetos em os últimos 2 meses do que em 2011 inteiro. [...]

Considerando o total de ocorrências, o Gráfico 10, a seguir, ilustra a quantidade de usos linguísticos com as respectivas locuções verbais com o *te*:

Gráfico 10 – Locuções verbais



Assim sendo, a locução mais frequente no *corpus*, das 4 (quatro) elencadas, é “Vou *te* contar”, pois esta aparece em 35% do total das ocorrências, enquanto há 32% das ocorrências com “Vou *te* dar”, 26% com “Vou *te* falar” e 7% com “Vou *te* mostrar”. Diante do exposto, as análises, que se seguem, são feitas na locução verbal “Vou *te* contar”, tendo em vista sua maior frequência nos usos do PB presentes no *corpus*.

Explicitamos, a seguir, a análise que segue a rotina:

- 1º Apresentamos as possibilidades e as proposições que justificam a abordagem e nomenclatura;
- 2º Apresentamos a respectiva quantidade de ocorrências, a partir do número de análises;
- 3º Apresentamos os gráficos que ilustram o percentual exposto;
- 4º Apresentamos exemplos de usos, respectivos ao tipo identificado.

Em nossas análises, constatamos 4 (quatro) possibilidades de usos que devem ser destacados em relação ao *te* no interior da locução “vou *te* contar”. Na mesma direção, acompanham cada identificação do tipo de *te* mesoclítico as conjecturas elencadas com vista a sustentar as análises. Na tabela 12 que se segue, apresentamos os 4 (quatro) tipos de *te* mesoclítico, as suas respectivas definições e ilustrações com dados retirados do *corpus* do Português: Web/Dialetos:

Tabela 12 - Tipos de *te* mesoclítico

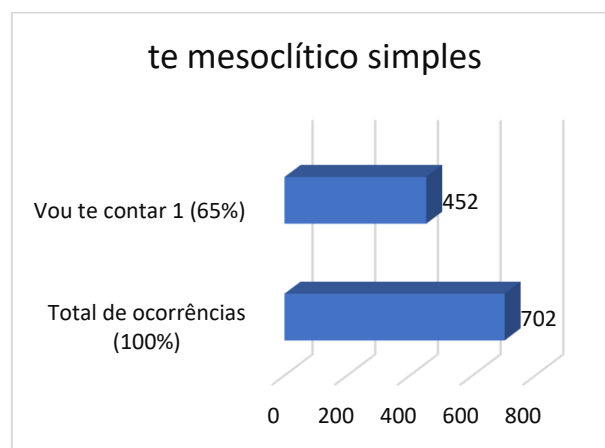
Tipo I: <i>te</i> mesoclítico simples	É uma locução mais gramatical, na qual o átono pode exercer função sintática de objeto direto ou indireto do verbo principal “contar”. O uso deste verbo, nos trechos em que aparece, exerce a ação literal de dizer/expor/falar algo para alguém. Nestes termos, por reunir tais atributos, em termos de prototipicidade, este tipo é considerado o mais prototípico dos tipos que constatamos. Ainda assim, prevemos que a intercalação do átono entre os verbos da locução favorece um comportamento semelhante ao mesoclítico, uma vez que este pronome flutua de sua posição enclítica e acomoda-se (atualmente/temporariamente) no interior da locução verbal, já sugerindo uma mudança na ordenação dos constituintes de SVO para SvOV. [34] vez, que os textos aqui publicados são obras de ficção. No entanto, qualquer semelhança com a realidade não terá sido mera coincidência! 41 comentários: Mera coincidência?! É isso mesmo, uma coincidência com o nosso dia-a-dia! Falar verdade.. nem sei se quero me apaixonar mais, pq tenho dúvida, se permanecer normal é bom ou se é melhor continuar sendo idiota! Amiga, mandou bem demais!!! Bjs!!! Brena querida Vc vcscrive muito e a imaginação é fertilíssima. Eu nunca me apaixonei tanto assim... <u>you te contar</u> um segredo (rs) só tive um grande amor em a minha vida. Mas nem foi perfeito... pq ele não me amava assim como eu esperava que fosse. Tudo é perfeito quando a gente ama! Pode linkar meu flog bebeth... ele é meu xodó e minha força de seguir. Já estou me sentindo honrada! Eu não podia deixar de comentar... Prima Pinduris... seus textos são melhores impossivel!!! eu viajo lendo cada um de eles, e acho impressionante como me acho um
Tipo II: <i>te</i> mesoclítico oracional	Assim como o uso do “Vou <i>te</i> contar” tipo I (<i>te</i> mesoclítico simples), aqui, a relação do pronome com o verbo principal é estritamente de dizer/expor/falar algo para alguém. No entanto, no uso do “Vou <i>te</i> contar” tipo II (<i>te</i> mesoclítico oracional) há uma relação maior de complexidade, uma vez que o falante utiliza a locução, ligando-a a uma estrutura oracional. [35] [...] Com relação a os canais de a mídia em que os pastores pregam eu já exclui até o Silas Malafaia em o início ele pregava com a bíblia, agora ele só sabe gritar e se defender de acusações, se a palavra de Deus diz que Deus não é Deus de confusão se temos um advogado junto a o Pai pra que tanta agressividade em as suas palavras até xingamentos que Deus tenha misericórdia... kd a mansidão..... que Jesus ensina a os seus discípulos... chega de isso.... <u>You te contar</u> que mais uma vez vc me abençoou sem saber. Exatamente ontem a a noite eu precisava ler isso. Nem um dia antes, nem um dia depois. E Deus falou mto com mim em esta madrugada através de este post. [...]

Tipo III: <i>te</i> mesoclítico discursivo final	Este tipo de locução, pertencendo mais ao plano do discurso, permiti-nos entender que sua relação só é exercida e eficiente quando sua organização estrutural se der em verbo auxiliar + <i>te</i> + verbo principal. Isso se comprova, pela intenção do falante, ao utilizar esta locução (com o átono <i>te</i> entre os verbos), afastando-se de seu sentido literal de dizer/expor/falar algo para alguém e se aproximando de um sentido mais interjectivo. Não sendo possível, portanto, desfragmentar tal construção, por exemplo, usando o átono em sua posição prototípica ou, por exemplo, em próclise ao verbo auxiliar, uma vez que perderia sua expressividade e a distanciaria da real intenção de comunicação do falante. [36] [...] Bem... gostaria de dar minha contribuição sobre alguns assuntos. Tenho carro 1.0 (corsa VHC a gasolina) não por opção, mas por necessidade. Quando o adquiri 0 Km em 2003, minha intenção era adquirir um carro mais potente e confortável usado. Meu sonho em a época era uma Parati bolinha 1.6=MI completinha. Passei 2 meses caçando esse carro em toda a região metropolitana de Porto Alegre. Além de ser um carro raro de achar, quando eu achava um, era cada aberração que <u>vou te contar</u>. Por ser técnico em mecânica não cai em nenhum golpe, mas tentaram me enfiar até carro com longarina soldada como se fosse "« semi-novo "». Resultado: me desiludi e comprei um carro zero por o preço que podia pagar. [...]
Tipo IV: <i>te</i> mesoclítico discursivo inicial	Este tipo possui traços semelhantes ao tipo III (<i>te</i> mesoclítico discursivo final), ou seja, viés mais discursivo, todavia, aqui, aproximando à porção tópico do texto. Na mesma medida, sua organização em verbo auxiliar + <i>te</i> + verbo principal, nos termos contextuais expressos no discurso do falante, favorece ao uso com expressividade interjectiva. [37] em as três horas que me faltavam para entrar em o trabalho. Eu era obrigada a esperar: tinha ido de carona com uma amiga, que estava pegando um ex- e não queria acabar com a graça de a garota. Aí, um "« global de geladeira "» (gato pacarai) chegou em mim. Ele estava loucaço e eu, nem aí. Trocamos umas 10 palavras, no máximo, e caímos em o amasso. Ui, que delícia! Homem alto, forte, loiro, olhos claros... Mas era tarado, viu? <u>Vou te contar</u>! O cara não parava! Achei até que ele tinha uns 30 braços! E eu, morrendo de sono, tendo que fazer a maior ginástica para impedir o cara de me comer ali, na frente de todo mundo. Marcamos de sair. Fomos tomar um café no meio de a tarde e nos pegamos de novo. Nada de muito amasso: ele sóbrio era mais tranquilo. Em a semana seguinte, ele passou para me buscar (no meio de a tarde de novo) e eu logo

Fonte: O próprio autor.

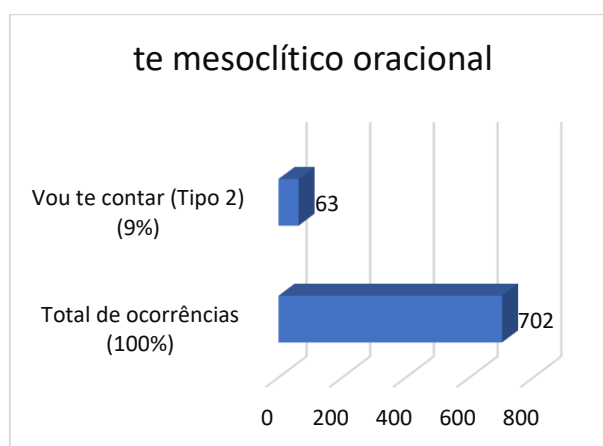
Ilustramos, em seguida, por meio de gráficos os números de usos para cada tipo de *te* mesoclítico e seus respectivos exemplos com ocorrências no *corpus*. Vale mencionar que, nos anexos do trabalho, se pode visualizar uma amostra com aproximadamente 10% do total das ocorrências encontradas para cada tipo de *te* mesoclítico que explicitamos a seguir.

Gráfico 11 – Tipo I: *TE MESOCLÍTICO SIMPLES*



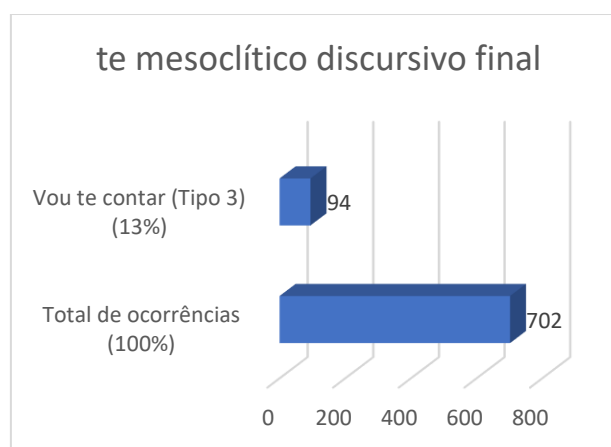
Exemplo:

[38] mundo e depois Lúcifer ter feito Jesus, e por aí vai... 2 -- A auto proclamação, são inválidas para provar que Lúcifer não está envolvido, pois o próprio Deus não se expressou a respeito, devido a o fato de que não existem provas a respeito de Deus ligado a a Bíblia (são meras alegações). Lúcifer pode ter escrito a Bíblia e vindo e ressuscitar para fomentar guerras religiosas, logo é necessário primeiro provar que Deus é realmente o autor de a Bíblia, para depois querer provar que Jesus tem ligação com Deus. **Vou te contar** uma estória logicamente FORMAL e que voce pode acreditar já que voce acredita em qualquer coisa: O planejador de Lúcifer, lhe apresenta um plano, assim, "« senhor, vamos mandar um messias bom, ele curará pessoas, vai dizer que é filho de Deus e ressuscitará para provar que é filho de Deus "» Lucifer responde: "« pediu a cabeça, se converteu? O planejador responde: "« Não senhor, pensa bem, é preciso investir um pouco de bondade para obter uma maldade maior (guerras

Gráfico 12 - Tipo II: *TE MESOCLÍTICO ORACIONAL*

Exemplo:

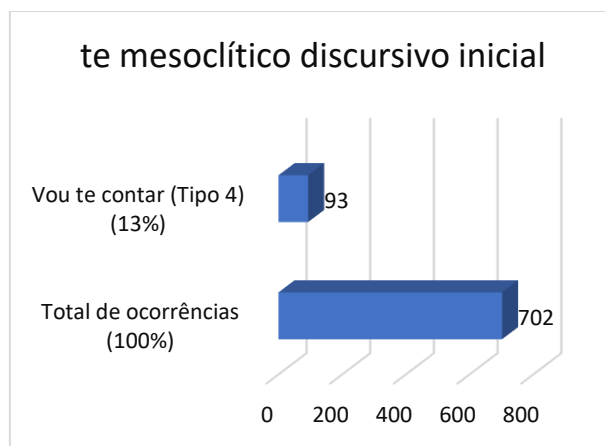
[39] pra caber em mim. Pra piorar, em a escola ainda me apelidavam de magrela, seca, vara pau entre outros. Hoje me vejo com um corpo bonito, apesar de ser muito magra, mais me aceito assim. Sei que se eu tivesse dado importância para pressão de as pessoas talvez estivesse aqui gorda, sem saúde, tomando remédios e vitaminas para engordar. Mas eu não fiz isso, a gente tem que se amar em primeiro lugar, e se às vezes o problema é você achar que nunca vai conseguir encontrar um namorado, vou te contar que está muito enganada, eu conheço vários garotos que amam garotas magrinhas (tipo eu) e também garotos que preferem as "« gordinhas "». Esse é um texto de auto-ajuda que mais parece uma conversa entre amigas! Eu ainda não cheguei a a parte de aceitar a pancinha com carinho, mais já cheguei a o ponto de que você tem que se amar primeiro, mais sou a favor de que se você é infeliz lute para mudar isso. Quero emagrecer de forma saudável porque sinto falta de quando

Gráfico 13: Tipo III - *TE MESOCLÍTICO DISCURSIVO FINAL*

Exemplos:

[40] o carrinho de os comissários, é a água que é servida quente! Se o passageiro pede gelo, até `ganha' algumas pedrinhas, mas o olhar de os funcionários congela o passageiro. Nem cafezinho a pessoa tem direito, eu hein! A PERGUNTA QUE NÃO QUER CALAR Qual a diferença entre falta e ausência? Ao que parece, para os conselheiros de o Tribunal de Contas do Estado (TCE) existe muita diferença, e bote muita em isso, é mole? COPACABANA E PONTA NEGRA Não nãoeu para entender (tá difícil, **vou te contar!**) a comparação feita por o secretário Manoel Ribeiro: os afogamentos em a praia de Copacabana (que tem até helicóptero em finais de semana) com os de a Ponta Negra. E ainda completa: "« As mortes são normais "». Pega! **NEGÃO ESTÁ VOLTANDO!** Amazonino Mendes chega dia 6 de outubro, vota em o dia 7 e reassume a Prefeitura dia 8. Tudo certo, certíssimo. Este é o Mazoca, novinho em folha! Deveria ser constitucional que os políticos e seus parentes

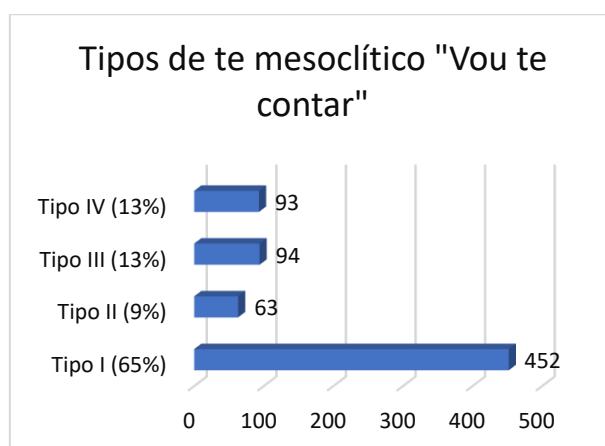
Gráfico 14: Tipo IV - *TE MESOCLÍTICO DISCURSIVO INICIAL*



Exemplos:

[41] quando eu comprei o allure o preço de o new fiesta mexicano era um estupro. Além disso, eu não estava disposto a pagar mais por um carro automatico / automatizado e eu nunca precisei nem de airbag de joelho e nem de p (sem menosprezar a importância de esses itens, espero nunca precisar de eles), já minha central multimídia e meu teto panorâmico eu uso todo dia. Tive um Tiida SL, e muita gente perguntava "« Porque não comprou um Punto, Golf, Bravo, etc... " Era cada pergunta incoerente. Mas **vou te contar**.. oh carrinho que me dava prazer de dirigir! Era um carro com um motor muito esperto.. me deixou saudade. Bati, e tive que comprar outro. Hoje tenho um Civic que todo mundo fala "« ahh, assim quero bater também, melhorou muito "».. que nada.. oh saudade de o meu Tiida. Coitado do Civic perto de o Tiida.. me sinto dirigindo um carro 1.4 com consumo de V6 que não tem uma porcaria de um item de série,

No Gráfico 15, a seguir, visualizamos os quatros tipos de *te mesoclítico* que podemos encontrar nos usos com a locução verbal “vou *te contar*”, suas respectivas quantidades e porcentagens presentes no *corpus*:

Gráfico 15: Tipos de *te* mesoclítico “vou *te* contar”

Diante do exposto, podemos considerar os seguintes pontos:

1. As 452 (quatrocentas e cinquenta e duas) ocorrências com o uso do Tipo I, representando um percentual de 65% das ocorrências de usos da locução verbal “Vou *te* contar”, em que o pronome *te* funciona enquanto complemento verbal, aponta que este tipo de uso é o mais prototípico, em termos de frequência, dentre os apresentados no *corpus* trabalhado. Faz-nos refletir, também, que a alta frequência deste uso, colabora para apontar que o falante ainda vem utilizando tal locução com traços mais prototípicos, logo, mais ligada ao nível gramatical, embora esteja reforçado em seu uso o abandono da colocação pronominal prevista nos compêndios gramaticais. Assim sendo, o Tipo I, no *corpus* trabalhado, *Corpus* do Português: Web/Dialetos, se consagra como o mais prototípico tanto em termos de frequência quanto em termos de reunião de propriedades que caracterizam essa locução verbal, como uma composição mesoclítica, todavia, tratando-se de usos que preservam seus traços puramente em termos de ordem sintática. Neste caso, em relação ao Tipo I - *te* mesoclítico simples, se admitirmos a existência de uma mesóclise, ela é estritamente posicional e sintática conforme a reordenação dos constituintes de SVO (Sujeito+Verbo+Objeto) para SvOV (Sujeito+verbo auxiliar+Objeto+Verbo principal). Segue exemplo de ocorrência deste tipo de uso:

[42] e minha e minha mãe sempre me fizeram devolver o que não era meu, inclusive troco a mais. Suaram muito suas camisas pra que eu tivesse o mínimo de educação e eu tive, mas quando cresci fiquei decepcionada a o saber que não eram todos que tinham esse direito... e um dia eu acabei sendo vítima de o país sem educação que vocês criam: fui roubada, assaltada e até mantida refém. Veja só! Pudera, né Dilma? Seu país não tá preocupado com desenvolvimento, e de aí que essas coisas acabam acontecendo. **Vou te contar** outra, veja como sou privilegiada: tenho marcado consultas regularmente e tenho sido atendida a contento por os médicos que procuro. Não, deixa de

graça, Dilma! Claro que não é em o SUS, eu pago meu plano de saúde, mas não deveria, né?! Já que saúde também é obrigação de o estado segundo a tal de a Constituição. E por falar em isso, essa tal aí, assim como o seu governo, é uma piada de muito mal gosto. Ah,

2. Há 63 (sessenta e três) ocorrências com o Tipo II - *te* mesoclítico oracional. Este tipo também possui viés mais gramatical assim como o Tipo I, funcionando o pronome *te* como complemento verbal e se relacionando com o argumento do verbo direto que atua em estrutura oracional. Nesse sentido, o percentual de usos de 9% de ocorrências constatadas no *corpus* é significativo, tendo em vista que se trata de uma locução que acompanha um grupo oracional, logo, consideravelmente, de maior complexidade. Logo, em termos de iconicidade e considerando o subprincípio da quantidade, o fato do pronome agrupar-se à uma composição estrutural maior, indica uma demanda maior de quantidade de informação. A seguir, apresentamos exemplo de ocorrência desse uso:

[43] tão mau quanto eles. E espero também que acorde enquanto é tempo e não vá fazer companhia a eles em o inferno). Você é tão burro e preconceituoso que continua chamando a Idade Média de Idade das Trevas, dizendo que foi a época de negror e trevas espirituais e intelectuais de a humanidade! Isso mostra que você deve ser estudante universiOtário de alguma de essas faculdades de quintal que proliferam atualmente em este mundo de luzes e de gênios intelectuais (tipo Marilena Chauí e Paulo Coelho!). Você é burrinho demais, Erick. Nem **you te contar** que foi em a "« Idade das Trevas »" que surgiram as Universidades e as escolas públicas, com ensino universal e gratuito para todas as crianças. E os hospitais para cuidar gratuitamente de os doentes. E que foi em a Idade Média que se produziram os maiores gênios filosóficos e literários de todos os tempos. Para que contar isso a um miserável estudante universiOtário que só acredita em o que fala um professorzinho ateu e comunista? Como não podia faltar, vem a questão de as imagens: "« Não

3. Já com o Tipo III - *te* mesoclítico discursivo final são 94 (noventa e quatro) ocorrências visualizadas. Neste Tipo, os usos da locução verbal “Vou *te* contar” possuem um viés mais discursivo, todavia, não atuando enquanto tópico. Desta maneira, em termos de prototipicidade, os Tipos III e IV (a seguir), em uma escala, afastam-se do modelo mais prototípico por reunirem menos propriedades caracterizadoras e por apresentarem níveis de usos percentuais menores que o modelo prototípico. Mesmo assim, podemos indicar que o percentual de 13,4% das ocorrências do *corpus* com o “*te* mesoclítico discursivo final” é fator de atenção quanto aos usos desta locução com este viés, uma vez que sinaliza um fluxo de usos consideráveis ao que propomos enquanto mesóclise. Nesse mesmo caminho, o subprincípio da integração nos permite analisar que o fato do pronome *te* aproximar-se da locução verbal, integrando-a cognitivamente, suscita um maior arranjo

morfossintático, acontecimento este ao nível estrutural, que possibilita o aparecimento destas novas funções, destaque-se os Tipos III e IV, uma vez que juntos ocupam um número de uso significativo aos moldes expressos. Tal tipo de uso pode ser verificado no exemplo a seguir:

[44] por WO, pois os adversários se ausentaram em a hora "« H "» e pq eram pontos corridos. É arrogante e ultrapassado, a maioria de os jogadores não gostam de ele, hj é um cara comum e com salários exorbitantes. Não assisti a o programa... Mas concordo com você... O Muricy, estando "« em o mercado "» (termo mais `chique' que desempregado... rs...) vira `arroz de festa' em tudo que é programa esportivo de TV, passa a ter uma educação e uma paciência que ` **you te contar**', chega até a expor seu modo de ver o futebol, a evolução tática de o mesmo (que ele não aplica, aliás...), enfim... Chega, aliás, a dar uma longa entrevista, até bem humorada, contando sobre os bastidores de os times (em especial de o SPFC -- clube para o qual ele torce...)... E também concordo... Todos os jornalistas esportivos, via de regra, só `colocam uma escada' para os convidados subirem... Colocar- los em

4. Por fim, as 93 (noventa e três) ocorrências que se apresentam com os usos da locução verbal “Vou *te* contar”, Tipo IV - *te* mesoclítico discursivo inicial, representando um percentual de 13,3% das ocorrências do *corpus*, devem ser ressaltados, principalmente, como explicitado no anteriormente, se admitirmos um somatório com o percentual do Tipo III - *te* mesoclítico discursivo final, resultando, assim, em 26,7% dos trechos, nos quais os falantes utilizam tal locução em termos do plano do discurso do que ao nível gramatical, mais prototípico. Segue exemplo de ocorrência com esse tipo de uso:

[45] , afirma a Liga Contra Esportes Cru? is em sua p? gina em a internet. "« A morte de a raposa, per si, muito embora violenta e cruel, pode ser relativamente r? pida. A verdadeira crueldade de a ca? a? raposa reside em a exaust? o, terror e trauma infligidos? v? tima "». 608990 19 maio 2012 O meu food revolution & Fail O meu dia de hoje merece um post em o blog, porque olha **you te contar** a luta que foi... As meninas de o blog Mundo Ovo estavam preparando um piquenique em baixo de a mangueira para hoje as 10:30 até as 14:00h O que seria o Food Revolution? "« Food Revolution Day "»? Teremos em o dia 19 de maio, uma chance para pessoas que amam comida se juntem e troquem informações, talentos e recursos, e transmitam seu conhecimento e enfatizem os problemas alimentares mundiais. Por todo o globo pessoas estarão trabalhando em conjunto para fazer a diferença. "« Food Revolution Day

A seguir, tecemos nossas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso estudo propôs uma análise em torno do pronome átono *te* e seu uso intercalado, necessariamente, com o verbo IR e o verbo principal no infinitivo, como apontamos na composição [Vaux *te* Vprin], uma vez que tal composição demonstrou quantidade de usos expressivos em pesquisas anteriores. Esta composição, ratificada pelo percurso da presente investigação, apresentou-se como desenho muito produtivo para a formação da mesóclise não-canônica em locuções verbais com expressiva frequência de usos no PB, a saber: “Vou *te* contar”, “Vou *te* dar”, “Vou *te* falar” e “Vou *te* mostrar”.

Assim sendo, pudemos verificar que o pronome átono *te* colabora positivamente, nos *corpora* trabalhados, para a composição de estruturas locucionais verbais que se assemelham a composição mesoclítica. Fato este, ainda mais ratificado, por meio de nosso recorte com a locução verbal mais prototípica “Vou *te* contar”, que demonstrou quatro tipos de usos com funções sintáticas e discursivas. Tal fato permitiu-nos atribuir à mesóclise não-canônica, novas concepções que abrangessem as diferentes manifestações de usos e suas distintas funções sintáticas e discursivas, para tanto, propomos identificar esses usos, concebendo-os como *te* mesoclítico simples, *te* mesoclítico oracional, *te* mesoclítico discursivo final e *te* mesoclítico discursivo inicial.

Dito isto, constatamos que a mesóclise não-canônica é um movimento de uso particular do PB, pois verificamos, no *corpus* advindo dos questionários, que a maioria dos participantes do PE, 61% optaram por usos do *te* enclítico ao verbo principal, indicando que os usos deste pronome preenchem um discurso mais subordinado ao que está previsto pela gramática normativa, bem como cedem às pressões fonéticas do PE e confirmam a consonância com usos que privilegiam a posição enclítica, quando não há um atrator que permita o motivo de uso da próclise.

Em contrapartida, visualizamos que a mesóclise não-canônica ocorre com altíssima frequência nos usos do PB, pois 91% das ocorrências se deu com usos do pronome *te* entre os verbos, demonstrando que no PB está havendo a flutuação deste pronome no interior das locuções. Percebe-se, então, que há uma preferência dos participantes do PB em alocar o pronome *te* no interior das locuções verbais, uma vez que os dados levantados dos questionários apontaram que estes fazem uso desse pronome na posição que julgamos semelhante à mesoclítica.

Já no que concerne aos diferentes tipos de *te* mesoclítico apresentados com usos da locução “Vou te contar”, ainda que tenhamos estruturas locucionais com o *te* mesoclítico, funcionando ao nível discursivo, há uma predominância do pronome átono *te*, funcionando sintaticamente da mesma maneira que atuaria se estivesse em posição enclítica, uma vez que constatamos que os usos com o Tipo I - *te* mesoclítico simples foram verificados em 64,4% das ocorrências no *Corpus* do Português: Web/Dialetos, sendo, portanto, considerado como tipo prototípico de *te* mesoclítico. Logo, neste caso, em relação ao Tipo I - *te* mesoclítico simples, se admitirmos a existência de uma mesóclise, ela é estritamente posicional e sintática conforme a reordenação dos constituintes de SVO (Sujeito+Verbo+Objeto) para SvOV (Sujeito+verbo auxiliar+Objeto+Verbo principal).

No caso do Tipo II - *te* mesoclítico oracional, também, de características muito próximas ao Tipo I - *te* mesoclítico simples, pois, da mesma maneira, preenche o espaço do segundo argumento do verbo, no entanto, estabelece uma relação com o grupo oracional. O que, para nós, talvez fosse a possibilidade de uma situação mais complexa, logo, menos prototípica. Sendo mais suscetível a transformações do que o Tipo I - *te* mesoclítico simples. Assim sendo, o percentual de 9% de ocorrências de usos com o Tipo II ao serem somadas com o percentual de 64,4% das ocorrências de usos com o Tipo I representam 73,4% das ocorrências do *te* mesoclítico com viés mais gramatical.

Reforce-se que nestes dois tipos, a função sintática prototípica do pronome átono *te* permanece a mesma, objeto indireto, seguindo a prototipicidade presente, inclusive, nos usos com verbos simples, conforme pesquisa “Abordagem sintático-discursiva sobre o uso prototípico do pronome *te*”, (LEMOS; MATOS, 2017, p. 37).

Nas locuções do Tipo III - *te* mesoclítico discursivo final e Tipo IV - *te* mesoclítico discursivo inicial repousam a função que tem nos interessado sobre o pronome átono *te*, numa posição que sugere outro tipo de mesóclise, que se assemelha à mesóclise canônica, em termos estruturais, no entanto, distinta da canônica, em termos discursivos, uma vez que vem participando de ambientes informais de uso da língua, como, também, estar desempenhando diferentes funções, atendendo aos interesses comunicativos dos falantes. Em relação a estes tipos, as ocorrências de usos apresentadas no *corpus* corresponderam, respectivamente, aos percentuais 13,4% e 13,3%, totalizando 26,7% das ocorrências de usos nas quais o *te* mesoclítico rompe as barreiras de uma nomeação estritamente sintática enquanto complemento do verbo e se manifesta enquanto composição de uso interjectivo no discurso do falante.

Vale salientar que, nestes dois casos, o pronome *te* não poderia ser retirado para uma posição proclítica como ocorre com o “Tipo I - *te* mesoclítico simples” e com o “Tipo II - *te* mesoclítico oracional”. Sendo assim, os Tipos III e IV pertencem muito mais ao campo do discurso do que ao campo da sintaxe, por exemplo. Afinal, só será possível compreendê-las se observadas no todo, ou seja, verbo auxiliar + pronome átono *te* + verbo principal, ou seja, [Vaux *te* Vprin].

É neste sentido que acreditamos numa existência de uma mesóclise com características diferentes, mas que também não poderia ser desmembrada sem o comprometimento do nível discursivo da sentença, nem poder-se-ia mudar a posição do *te* na locução, fato que comprova a participação desse pronome no complexo verbal, bem como seu papel indispensável a sua função gerada, a partir dela, no plano do discurso. Assim, muito mais aproximada de uma interjeição, o Tipo III – *te* mesoclítico discursivo final e o Tipo IV - *te* mesoclítico discursivo inicial atuam com intensidade discursiva muito distante do que se observa com o Tipo I - *te* mesoclítico sintático simples e com o Tipo II - *te* mesoclítico sintático oracional.

De toda maneira, o fato do tipo IV estar em posição de tópico, indica que sua volatilidade, em termos discursivos, o coloca no tipo mais distante de uma mesóclise tradicional, como, também, da função do *te* mais esperada: complemento verbal. Ainda assim, podemos atribuir que o percentual de 26,7% das ocorrências com esses dois tipos de *te* mesoclítico é um fator significativo, sinalizando fato linguístico relevante sobre a existência, por meio da frequência de usos, de que há um tipo de mesóclise presente nas interações do PB diante do pronome átono *te*, em composições do tipo [Vaux *te* Vprin], e materializada pelo uso da locução “Vou *te* contar”, demonstrando a existência de diferentes funções sintáticas e, principalmente, discursivas.

Por fim, vale sinalizar que fica o incentivo para a condução de novos estudos que se proponham a enveredar esse caminho e discutir a produtividade de uma mesóclise não-canônica com outros pronomes átonos e/ou complexos verbais formados com verbos distintos aos estudados em nossa pesquisa.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. Deixem eu ser brasileiro!. **Caros Amigos**, São Paulo, n. 143, p. 14, fev. 2009.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BECHARA, Evanildo. **O futuro românico considerações em torno de sua origem**. Tese apresentada à congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Estado da Guanabara, para concurso de Livre Docência de Filologia Românica, 1962.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística General**. Editorial SIGLO XXI, EDITORES, 1977.

BIAZOLLI, C. C. **Clíticos pronominais no português de São Paulo: 1880 a 1920 - uma análise sócio-histórico-linguística**. 2010. 230 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.

BIAZOLLI, C. C. **Posição de clíticos pronominais em duas variedades do português: inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho - Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara). Araraquara, 2016.

BRITO, A. M.; DUARTE, I.; MATOS, G. Tipologia e distribuição das expressões nominais. In: MATEUS, M. H. M. et al. (Orgs.). **Gramática da língua portuguesa**. 6. ed. Lisboa: Caminho, 2003, p. 797-867.

BYBEE, Joan L.; HOPPER, Paul J. Introduction to frequency and the emergence of linguistic structure. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul J. (org.). **Frequency and the Emergence of Linguistic Structure**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2001.

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CÂMARA JR., J. M. **Uma forma verbal portuguesa – estudo estilístico e gramatical**. Tese apresentada no concurso para cadeira de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio & Cia, 1956.

CARNEIRO, Z. de O. N. **Cartas brasileiras (1809-1904): um estudo linguístico-filológico**. 2005. 2329 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Dicionário de dificuldades da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012

CORRÊA, C. M. M. de L. **Cliticização pronominal na região metropolitana do Rio de Janeiro: a interface sintaxe-fonologia**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras (Dissertação de mestrado), 2012.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Belo Horizonte: Bernardo Alvares S. A., 1971.

CYRINO, S. M. L. Observações sobre a Mudança Diacrônica no Português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 163-175, 1996.

FIGUEIREDO, C. de. **O problema da colocação de pronomes**: suplemento às gramáticas portuguesas. 3. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1917.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Revista do GELNE**, Natal/RN, V.15, Número Especial: 53-78, 2013.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Orgs.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2003.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SILVA, José Romerito; BISPO, Edvaldo Balduino. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. **Revista Linguística** / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume Especial, dez de 2016, p. 55-67.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SILVA, Maria Aparecida. A gramaticalização do verbo ir: implicações para o ensino. IN: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; TAVARES, M. A. (Orgs.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2016.

GIVÓN, Talmy. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.

- GÓES, Carlos. **Sintaxe de construção**. 3. ed. Petrópolis: Edição do autor, 1940.
- HAFFNER, Ildikó. A evolução Da mesóclise. **Acta Hispanica**, vol. 14, Janeiro, p. 113-121, 2009.
- HRICSINA, J. A evolução do tempo futuro em português é cíclica? **Études Romanes de Brno**, v. 41, 2011, p. 171-180.
- KLAVANS, J. L. The independence of Syntax and Phonology in cliticization. **Language** 61(1), p. 95-120, 1985.
- LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In Paulston, C. B. e Tucker, G. R. (org.). **Sociolinguistics: the essential readings**, 234-250. Oxford: Blackwell, 2003.
- LEMOS, Cléber A. **O uso do pronome Te**: reflexões numa perspectiva clássica da linguística funcional. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba – UFPB/CCHLA – Centro de Ciências Humanas Letras e Artes. João Pessoa, 2015.
- LEMOS, Cléber A.; MATOS, Denilson P. de. Abordagem sintático-discursiva sobre o uso prototípico do pronome *TE*. In: MATOS, Denilson P. de. (Org.). **Morfossintaxe e léxico: abordagens funcionalistas**. 1 ed. João Pessoa: Editora da UFPB, v. 1, 2017.
- LEMOS, Cléber A.; MATOS, Denilson P. de. **Possibilidades funcionais nos usos mesoclíticos (Vaux *te* Vprin)**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2020. No prelo.
- LOBO, T. **A colocação dos clíticos em Português: duas sincronias em confronto**. Lisboa: Universidade de Lisboa (Dissertação de Mestrado), 1992.
- LUFT, Celso Pedro. Moderna gramática brasileira. 2. ed. São Paulo: Globo, 2002.
- MAGRO, C. **O fenómeno de subida de clítico à luz de dados não-standard do PE**. Seminário Temas de Sintaxe II, 2004.
- MARTELOTTA, Mário E.; AREAS, Eduardo K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003, p. 17 – 28.
- MARTINS, A. M. A posição dos pronomes pessoais clíticos. In: RAPOSO, E. B. P. et al. (Orgs.). **Gramática do português**. v. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 2231-2302.
- MARTINS, A. M. **Clíticos na história do Português**. Lisboa: Universidade de Lisboa (Tese de Doutorado), 1994.
- MATEUS, M. H. M. et al. (Orgs.). **Gramática da língua portuguesa**. 6. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

NARO, Anthony Julius; VOTRE, Sebastião Josué. **Mecanismos Funcionais do uso da língua: função e forma.** In: VOTRE, Sebastião Josué. (Org.). A construção da gramática. Niterói: Editora da UFF, 2012.

NUNES, C. da S. **Um estudo sobre a ordem dos clíticos em complexos verbais no PB e no PE.** Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras (Dissertação de mestrado), 2009.

NUNES, Rosane. **Evolução cíclica do Futuro do Presente do latim ao português.** Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 100 f., 2003.

PAGOTTO, E. G. **A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico.** 168 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português.** 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do Português.** 6. ed. São Paulo: Ática, 2010.

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PETERSON, M. S. **A ordem dos clíticos pronominais em lexias verbais simples e complexas em cartas de leitor: uma contribuição da Sociolinguística Variacionista.** 2010. 210f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

RAPOSO, E. B. P. et al. (Orgs.). **Gramática do português.** v. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

RAPOSO, E. B. P. Verbos auxiliares. In: _____. et al. (Orgs.). **Gramática do português.** v. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 1221-1281.

RIBEIRO, Ilza Maria. A mesóclise no português arcaico. In: COSTA, Sônia Bastos Borba e MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes (orgs.). **Do português arcaico ao português brasileiro.** Salvador: EDUFBA, p. 193-212, 2004.

ROBERTS, Ian.; ROUSSOU, Anna. The History of the Future. In: LIGHTFOOT, David W. (ed.). **Syntactic Effects of Morphological Change,** Oxford, University Press, Oxford/New York, 2002.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa.** 49.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da Língua Portuguesa.** 44.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

SAID ALI, M. **Dificuldades da língua portuguesa.** 7. ed. Rio de Janeiro: ABL/Biblioteca Nacional, 2008.

SAID ALI, M. **Dificuldades da língua portuguesa**. 7. ed. Rio de Janeiro: ABL/Biblioteca Nacional, 2008.

SAID ALI, Manoel. **Gramática Secundária da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Proprietária Companhia Melhoramentos, 1923.

SARAIVA, L. M. S. **A colocação dos pronomes átonos na escrita culta do domínio jornalístico e nos inquéritos do Projeto NURC: uma análise contrastiva**. 2008. 108 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SCHEI, A. **A colocação pronominal do português brasileiro: a língua literária contemporânea**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2003.

THOMPSON, Sandra A. A discourse explanation for the cross-linguistic differences in the grammar of interrogation and negation. In: SIEWIERSKA, Anna; SONG, Jae Jung. **Case, Typology and Grammar: In honor of Barry J. Blake**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1998

TOMANIN, Cassia Regina. **A cristalização da nova modalidade de mesóclise no português brasileiro**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 153 f., 2009.

VIEIRA, M. de F. **A cliticização pronominal em lexias verbais simples e em complexos verbais no Português Europeu oral contemporâneo: uma investigação sociolinguística**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ/ FL/ Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2011.

VIEIRA, Maria de Fatima. **A ordem dos clíticos pronominais nas variedades urbanas europeia, brasileira e são-tomense: uma análise Sociolinguística do Português no início do século XXI**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ/ FL/ Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa), Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2016.

VIEIRA, S. R. **Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em Português**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. (Tese de Doutorado em Língua Portuguesa), 2002.

VIEIRA, S. R. Colocação pronominal. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Org.) **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 121-146

VOTRE, S. J. (Org.). **A construção da gramática**. Niterói: Editora da UFF, 2012.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística** / Uriel Weinreich, William Labov, Marvin I. Herzog; tradução Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco; posfácio Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ANEXOS

Figura 1 - Questionário I (Portugal)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA UNIVERSIDADE DE LISBOA INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA			
Data preenchimento deste teste: ____/____/____. Idade: ____ anos. Escolaridade: _____ Cidade de nascimento: _____			
QUESTIONÁRIO/TESTE I (PORTUGAL): Considerando os usos do pronome pessoal oblíquo átono <i>te</i>, solicitamos que preencha as lacunas, aplicando o pronome te em uma das duas posições disponíveis em cada trecho selecionado de situações reais de comunicação em língua portuguesa:			
1) [74] Mas eu vou ____ contar ____, viu. 2) [75] Começou dar contração / já vou ____ dar ____ anestesia. 3) [80] Depois eu vou ____ mostrar ____ essas coisas. 4) [82] Vou ____ contar ____ /, velho. 5) [83] Amanhã eu vou ____ dar ____ o dinheiro, / hein. 6) [85] Tem uma igreja aqui, / eu vou ____ mostrar ____ onde é que é. 7) [87] Vou ____ dar ____ moeda, tá, filhote. 8) [96] Primeiro modelo que eu vou ____ mostrar ____, né. 9) [corpus 1] é, eu vou ____ contar ____ dois casos a respeito disso 10) [corpus 2] Hoje eu vou ____ contar ____ . Que ela falou que vinha aqui pra te pagar, aí eu já levo duma vez. 11) [corpus 3] Mas depois eu vou ____ contar ____ porque. 12) [corpus 4] É bem uma questão pessoal, mas eu vou ____ contar ____ depois, é, eu vou explicar depois por que . 13) [corpus 5] Eu falei, mas eu n tem mais / eu n tenho mais dinheiro, como é que eu vou ____ dar ____ . 14) [corpus 6] Cê quer + vou ____ dar ____ moeda, tá, filhote . Então vou ____ dar ____ de vinte e cinco . 15) [corpus 10] Primeiro modelo que eu vou ____ mostrar ____, né. 16) [corpus 11] Pode vim aqui que eu vou ____ mostrar ____ .			

Figura 2 - Questionário II (Brasil)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA



Data preenchimento deste teste: ____/____/____.

Idade: ____ anos. Escolaridade: _____

Cidade de nascimento: _____

QUESTIONÁRIO/TESTE II (BRASIL):

Considerando os usos do pronome pessoal oblíquo átono *te*, solicitamos que preencha as lacunas, aplicando o pronome *te* em uma das duas posições disponíveis em cada trecho selecionado de situações reais de comunicação em língua portuguesa:

- 1) [32] (es) Tô ____ falando ____ com (vo) cê que morreu /, uai.
- 2) [67] é o que eu tô ____ falando ____ que n pode.
- 3) [74] Mas eu vou ____ contar ____, viu.
- 4) [75] Começou dar contração / já vou ____ dar ____ anestesia.
- 5) [77] Tem um aqui que vou ____ falar ____ uma coisa.
- 6) [80] Depois eu vou ____ mostrar ____ essas coisas.
- 7) [82] Vou ____ contar ____ /, velho.
- 8) [83] Amanhã eu vou ____ dar ____ o dinheiro, / hein.
- 9) [84] Aí, chegou de manhã e tal /, ele levantou,/ e falou, / eu vou ____ falar ____ outra coisa, / hein.
- 10) [85] Tem uma igreja aqui, / eu vou ____ mostrar ____ onde é que é.
- 11) [86] foi lá olhar (?!?), (es) tô ____ falando ____.
- 12) [87] Vou ____ dar ____ moeda, tá, filhote.
- 13) [96] Primeiro modelo que eu vou ____ mostrar ____, né.
- 14) [corpus 1] é, eu vou ____ contar ____ dois casos a respeito disso
- 15) [corpus 2] Hoje eu vou ____ contar ____ . Que ela falou que vinha aqui pra te pagar, aí eu já levo duma vez.
- 16) [corpus 3] Mas depois eu vou ____ contar ____ porque.
- 17) [corpus 4] É bem uma questão pessoal, mas eu vou ____ contar ____ depois, é, eu vou explicar depois por que .
- 18) [corpus 5] Eu falei, mas eu n tem mais / eu n tenho mais dinheiro, como é que eu vou ____ dar ____ .
- 19) [corpus 6] Cê quer + vou ____ dar ____ moeda, tá, filhote . Então vou ____ dar ____ de vinte e cinco .
- 20) [corpus 7] Aí, chegou de manhã e tal, ele levantou, e falou, ó, eu vou ____ falar ____ outra coisa, hein.

Corpus do Português: Web/Dialects³¹

1. fato de Cobb não estar olhando para o pião em o final? "« O importante é que Cobb não está olhando para o pião. Ele não se importa "». Mas e se só o fim é um sonho e Saito e Cobb estão presos e construíram um mundo próprio? "« Não é assim que eu teria lido o filme "». E a expressão `salto de fé', repetida muitas vezes durante o filme, que fez o público acreditar que o filme inteiro em si é um ato de inserção? "« Eu não acho que **vou te contar** sobre isso "», disse o diretor. Pôster não utilizado bacanão de o filme Esperto ele. É melhor não explicar nada ou dar desdobro, mesmo. Por mais que o final tenha parecido espertalhão (o que ele negou, dizendo que sabe a resposta mas não vai revelar), o filme é muito bom e funciona sem falhas. Sobre o futuro de a possível franquia, Christopher Nolan disse que está se concentrando mais em o game do que em uma sequência, o que não descarta. Porém

2. rua São Bento. O lugar oferece delícias portuguesas e um café saborosíssimo, além de estar entre belíssimos marcos arquitetônicos de a cidade! João Victor Franco é editor de arte de a revista Casa Claudia Luxo desde 2010 e trabalha com design gráfico há 12 anos. Adora música e fotografia e dedica seu tempo livre a essas outras artes. Além de destilar seu talento com as artes gráficas, é um pianista de uma sensibilidade ímpar. quarta-feira, 17 de julho de 2013 -- por Casa. com.br Minha columeia-peixinho, a pequena rabo-de-tatu e a palmeira areca-bambu **Vou te contar**, assim como você que lê a revista, nós, de a redação, também nos inspiramos por os ambientes lindos que recheiam as páginas -- e ficamos morrendo de vontade de aplicar as ideias em nossas casas. Para a deliciosa edição de julho que está em as bancas, eu escrevi uma matéria sobre plantas para ambientes internos (Plantas dentro de casa, pág. 140). E, inspirada por ela, eu também resolvi colocar mais verde em a minha sala -- sabe quando você precisa de mais verde

4. ía para me alimentar. Minha meta é amamentar meu filho até os 2 anos. Por enquanto, estamos indo muito bem. Aconselho um bom exercício de paciência a todas que querem seguir esse caminho. Eu acumulei essa virtude durante a vida inteira para usar- la toda agora e tem valido muito a pena! adorei o lance de a cereja e de a bolinha de ping pong. Olha, estou amamentando exclusivamente o meu terceiro filho, está com uns 30 e poucos dias agora. Amamenteei os outros dois exclusivamente ate os 6 meses. Mas, **vou te contar**, acordar de madrugada pra amamentar, toda noite, por noites a fio... eu sempre penso em uma mamadeira em a madrugada... é fácil não, viu? facil nao... mas eu insisto. As vezes com o maior mau humor de o mundo, mas vou la e amamento. Lindo, lindo, lindo! Obrigada Clarissa por trazer esse cenário tão importante para essa rodada. Reconhecemos a importância de sermos amamentados para termos capacidade de amamentar é um de os caminhos que considero importante para conscientizar o

5. em as três horas que me faltavam para entrar em o trabalho. Eu era obrigada a esperar: tinha ido de carona com uma amiga, que estava pegando um ex- e não queria acabar com a graça de a garota. Aí, um "« global de geladeira "» (gato pacarai) chegou em mim. Ele estava loucaço e eu, nem aí. Trocamos umas 10 palavras, no máximo, e caímos em o amasso. Ui, que delícia! Homem alto, forte, loiro, olhos claros... Mas era tarado, viu? **Vou te contar**! O cara não parava! Achei até que ele tinha uns 30 braços! E eu, morrendo de sono, tendo que fazer a maior ginástica para impedir o cara de me comer ali, na frente de todo mundo. Marcamos de sair. Fomos tomar um café no meio de a tarde e nos pegamos de novo. Nada de muito amasso: ele sóbrio era mais tranquilo. Em a semana seguinte, ele passou para me buscar (no meio de a tarde de novo) e eu logo

7. e de a Ásia, sem preço confirmado. Já por aqui, digamos que nosso ar tropical não deva estar em os planos imediatos de o Wildfire. Conheça outros aparelhos que usam o Sistema Operacional Android da Google. 2 Responses te o "« Smartphone=HTC=com=Android=2.1 "» Verdade, a internet e a tecnologia está mudando a maneira de nos relacionar. São tantas novidades, ferramentas que tornam nossa vida, uma eterna correria para não perder tudo que rola em a rede. Temos que nos desviar para não sermos mais um viciado em tecnologia. Abraços e Sucesso! **Vou te contar**, há tanta oferta de produtos similares que chega a causar um efeito oposto. Por desconhecimento as pessoas deixam de comprar por excesso de tecnologia ou até mesmo porque o tamanho de o teclado qwerty esta cada vez menor ou o touch screm tem pouca sensibilidade a o toque. Todavia, o que as pessoas querem é: 1) conseguir telefonar, 2) Jogos eletrônicos e 3) Redes Sociais. Em o fundo, nunca se viu tanta gente com inúmeros amigos virtuais e, tão solitários.

³¹ Estas ocorrências representam uma amostragem com aproximadamente 10% das ocorrências encontradas e analisadas no *corpus* do Português: Web/Dialectos.

8. ser rápido em minhas reflexões. Por incrível que pareça, mesmo estando a um passo de o outro lado, o pensamento não se volta para a morte, mas para a vida. Tanta coisa passa por a cabeça! Não sou tão velho assim, sou jovem, poucos cabelos brancos em a cabeça, então não me preparei para este momento como devia, confesso. Mas uma coisa já descobri: em o momento em que a hora final está perto a gente olha muito mais para a vida do que para a morte. Curioso isso. **Vou te contar** uma coisa que só quem está em o leito de morte sabe: aqui em essa cama o pensamento nos leva a refletir basicamente sobre três coisas. Em a verdade, em três tipos de relacionamento: com Deus, com as outras pessoas e com a gente mesmo. Curioso... minha casa, meu notebook, meu iPhone, meu Wii, meus sapatos, minhas roupas... nada de isso ocupa muito os meus pensamentos. Não pensei nem um segundo em dinheiro, muito engraçado isso. Só agora,

9. tem como priorizar sua relação com Cristo, priorize. Se você tem saúde para ajudar seu próximo, ajude. Se você tem a capacidade de valorizar mais as pessoas do que os bens materiais, valorize. E, especialmente... se você tem tempo... use- o com sabedoria. A Bíblia nos ensina em o livro de Jó que nossa vida... é como um sopro. Deus está soprando. Desculpe, hora de eu partir. Você... ainda não. Aproveite cada segundo que Deus te dá. Compartilhe este post: Curtir isso: "« **Vou te contar** uma coisa que só quem está em o leito de morte sabe: aqui em essa cama o pensamento nos leva a refletir basicamente sobre três coisas. Em a verdade, em três tipos de relacionamento: com Deus, com as outras pessoas e com a gente mesmo. Curioso... minha casa, meu notebook, meu iPhone, meu Wii, meus sapatos, minhas roupas... nada de isso ocupa muito os meus pensamentos. Não pensei nem um segundo em dinheiro, muito engraçado isso. Só agora,

10. minha comunidade de fé e perceber que realmente é extremamente difícil discordar entre os cristãos! Talvez tenha sido esse o mesmo princípio que fez esse rapaz dizer que é um pecado pensar em a Igreja evangélica! Não estou defendendo sua postura, entretanto temos que cuidar para que realmente não seja um pecado pensar dentro de qualquer igreja evangélica! Eu entendo o que vc diz, Robson. A questão é que, não é por que há focos de intolerância no meio de um determinado segmento que se pode dizer que todo o segmento é de aquele modo. **Vou te contar** um segredo: a pessoa que tuitou que "« o pecado supremo de os engélicos é pensar "» (e, com isso, criticava aqueles que discordavam de ela), em o dia em que eu publiquei o post me deu unfollow em o twitter. Em o mesmo dia, outra menina de a turminha de ela veio arrazoar com mim e foi ela quem disse "« fariseu em ação "». Em o outro dia, uma terceira de o grupo que está sempre junto me deu unfollow. Ou seja

11. verdadeiramente salvos conviveriam diariamente com pessoas postas ali "« por o inimigo "» mas que por razões as mais variadas convivem com os santos em a assembleia como se fossem santos. Conviverão, cantarão juntos em o louvor, muitos terão cargos em a igreja e até se tornarão pastores. Mas foram postos ali por o inimigo e, como tal, estão ali para fazer o que é característico de o inimigo: roubar, matar e destruir. Cem por cento de as vezes nós nos consideramos trigo. Eu nunca vi ninguém chegar e dizer "« olha, **vou te contar** uma coisa, eu sou joio "». Todo mundo se acha trigo. Até mesmo o joio, se você for reparar. Porque, como diz a parábola, o joio é tão parecido com o trigo que imagino que deve ser difícil até mesmo ele se distinguir. É como o patinho feio, que achava que era pato até crescer e descobrir que era cisne. E como o joio foi "« semeado "» (repare, o texto não diz que foi "« plantado "», mas sim "« semeado

12. aquele primo que se comporta como um inglês. Então, ser ou não ser insuportável depende de quão diferente alguém é de você. Esse é o parâmetro. Eu já ouvi de certas pessoas "« nossa, o fulano é tão caladinho "». Outras vezes, a o final de uma viagem soube que esse mesmo fulano incomodou as pessoas em o carro "« de tanto que ele falou "». Certamente tal fulano não é calado e tagarela ao mesmo tempo, mas dependendo de o contexto em que está se torna mais ou menos insuportável. E, **vou te contar** um segredo: a esmagadora maioria de as pessoas é diferente de você. Logo, insuportável. Dentro de a igreja, então, onde todos deveriam ser um amor e agir segundo o exemplo de Cristo, o coeficiente de insuportabilidade é enorme. Que fazer? Deixar de ir a a igreja? Fugir de a comunhão? Paulo toca em o assunto em Efésios 4. Ele diz: " Rogo- vos, pois, eu, o prisioneiro em o Senhor, que andeis de modo digno de a vocação a

13. mas suas palavras me ajudaram mais uma vez. Com relação a os canais de a mídia em que os pastores pregam eu já excluí até o Silas Malafaia em o início ele pregava com a bíblia, agora ele só sabe gritar e se defender de acusações, se a palavra de Deus diz que Deus não é Deus de confusão se temos um advogado junto a o Pai pra que tanta agressividade em as suas palavras até xingamentos que Deus tenha misericórdia... kd a mansidão..... que Jesus ensina a os seus discípulos... chega de isso.... **Vou te contar** que mais uma vez vc me abençoou sem saber. Exatamente ontem a a noite eu precisava ler isso. Nem um dia antes, nem um dia depois. E Deus falou mto com mim em esta madrugada através de este post. O Senhor seja louvado!

E que Ele te fortaleça a cada dia mais! Bjo em a família toda! Paz. Tenho lido seus artigos e, não raro, tenho aprendido um pouco mais em esta nossa caminhada Cristã! O artigo em comento, especialmente, tocou-

14. isso. E dói. Sei que dói. Mas o resultado é maravilhoso, se você consegue converter essa tristeza em mudança de rumo. Quando você diz "« Mas eu quero voltar, eu quero voltar para o meu Pai "», só te digo uma coisa: Ele está de braços abertos, apenas esperando. Volte hoje. Volte agora. Não adie um dia sequer. Não adie um minuto. Sinta o abraço de o Pai. E você diz "« Que Deus possa me perdoar por a minhas transgressões, por os meus pecados "». **Vou te contar** um segredo: Ele pode. Mais ainda: Ele quer. Jesus veio a a terra exatamente com esse propósito: perdoar pecados. E existe uma fórmula mágica para isso acontecer, que está em Provérbios 28.13: " Quem esconde os seus pecados não prospera, mas quem os confessa e os abandona encontra misericórdia ". Tudo o que você tem de fazer é se arrepender (o que suas palavras demonstram que já aconteceu), confessar a Deus os seus pecados e abandonar- los. Pronto. Está feito

15. a graça e, assim, vai para o inferno.. Deus te aceita como você é, Roberto, ele não aceita é o que você faz, se o que você faz fere a santidade de o Senhor. Você se afastou de ele porque Deus não te aceita? Bem, então você se afastou porque confundiu o amor que Ele sente por você por o ódio que ele tem por a prática homossexual. Cara, Ele te ama e te aceita! Mas Ele espera de você que não siga a tentação e não peque. E **vou te contar** um segredo: é exatamente a mesma coisa que ele espera de mim e de qualquer outro cristão. Você se afastou de ele sem que Ele tenha se afastado de você, querido. E Ele está de braços abertos para te receber, acolher, compreender e amar. Mas, em meio a isso, Ele cochicha em o teu ouvido: "« agora vai e não peque mais "».. Eu já conhecia o curta, já chorei muito mesmo vendo esse vídeo. E dizer que havia montes de

16. sonhar você pode realizar! Mas lembre- se que nada acontece por acaso então se foque em seus objetivos e tenha muita força vontade sempre!!! Colocando sempre Deus em seus atos e pensamentos! Nenhum sonho, nenhum caminho que desejamos percorrer se não estivermos com Deus ou não solicitarmos a presença de ele em nossa vida, não vai valer a pena! Pense Em isso "« Consagre a o Senhor tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos. " Provérbios 16:3 Que Deus abençoe a sua vida!!! 23 comentários: **Vou te contar** uma coisa, em esse dia de o amigo! Tenho um carinho especial por você, pois foi a primeira "« carinha "» que vi seguindo meu blog. Sabe quando a gente começa, insegura, sózinha... Nunca vou esquecer! Pode ser bobagem, mas para mim foi especial! Que Deus te ilumine sempre! Beijos! Querida Arione, hoje os amigos merecem homenagens especiais, pois é o seu dia. "« O verdadeiro amigo não é aquele que está com você todos os dias mas, sim

17. as coisas. Isso acontecendo, somos possuidores de algo imensurável em o mundo espiritual. Nossa herança tem um sabor diferente de as riquezas de esse mundo.. nossa família é mais feliz, nossas finanças podem até não ser tão lucrativas, mas nos dão alegria mesmo em o pouco! Nosso sono tem paz, nosso coração se deleita em a alegria de o Senhor, e isso é somente experimentando para entender! Essa herança pode até não explicar muito bem o nosso passado, mas nos dá a certeza e clareza quanto a o nosso futuro! **Vou te contar** a história de um homem chamado Nabote. Esse homem morava em uma cidade chamada Jizreel, e tinha uma linda propriedade ao lado de o palácio de um rei chamado Acabe (...) Aquele que era marido de Jezabel, penso que não existiu outra figura feminina em a bíblia pra simbolizar tanta maldade como essa mulher. Em a propriedade de Nabote, havia uma riquíssima vinha, creio que era um grande e lindo parreiral, e isso em a cultura de aquele povo era algo precioso, certamente Nabote cuidava

18. parecem ser de o interesse de muitos aqui. Para isso, vou dividir o post em duas partes, primeiro falando especificamente sobre as pastilhas de espelho (que mandei colocar há mais tempo, e deu um pouco mais de trabalho) e depois vou falar sobre as de inox. Em primeiro lugar: NÃO -- não tive qualquer problema por ter utilizado as pastilhas diretamente sobre a cerâmica original. Desde que seja utilizada uma argamassa apropriada como a Pastifix, específica para assentar e rejuntar pastilhas de vidro, não há problemas. Segundo: O rejunte. **Vou te contar**, inicialmente deu um trabalhão para limpar! Não fazia ideia... Vamos olhar essa foto, comparando o rejunte de as pastilhas e o de a cerâmica original. Notem que, no caso de a cerâmica, que é uma placa BEM maior, você quase não tem rejunte pra limpar. Mas, no caso de as pastilhas... é praticamente só rejunte! Ainda mais em um ambiente como o box, que fica cheio de vapor d' água, o rejunte acaba ficando bastante sujeito a limo (e ainda

19. Mas posso te confessar -- não me arrependo de ter abreviado o sofrimento de a Bubba. Era insuportável ver- la sentindo dor e não comendo, definhando- se aos poucos. Assim, achei melhor eu sentir uma dor e culpas insuportáveis do que continuar vendo o sofrimento de ela, a qual me olhava com olhos de piedade,

como se pedisse para abrandar a dor. Acabei de ler um livro que se chama A Arte de Correr em a Chuva, de Garth Stein. Ele é narrado como se tivesse escrito por Enzo, um cachorro. Não **vou te contar** o final, mas vale a pena. Chorei muito e ri também, lembrando de a Bubba. É maravilhoso ler coisas que batem com o que a gente -- em o caso eu -- pensa. Não dá para dissociar a teoria evolutiva de a alma ou espírito. Fique bem! A dor vai abrandar. E ficará apenas a lembrança gostosa de os momentos vividos. E olhe -- a dor não passa -- abranda. É a mesma coisa de quando vc perde alguém (um ser humano) bem

20. uso um pouco mais o câmbio e o acelerador... Bem... gostaria de dar minha contribuição sobre alguns assuntos. Tenho carro 1.0 (corsa VHC a gasolina) não por opção, mas por necessidade. Quando o adquiri 0 Km em 2003, minha intenção era adquirir um carro mais potente e confortável usado. Meu sonho em a época era uma Parati bolinha 1.6=MI completinha. Passei 2 meses caçando esse carro em toda a região metropolitana de Porto Alegre. Além de ser um carro raro de achar, quando eu achava um, era cada aberração que **vou te contar**. Por ser técnico em mecânica não cai em nenhum golpe, mas tentaram me enfiar até carro com longarina soldada como se fosse "« semi-novo "». Resultado: me desiludi e comprei um carro zero por o preço que podia pagar. Acho que é por isso que tanta gente compra carro 1.0 a segurança de um 0 Km pesa muito em este nosso mercado "« lei de Gerson "». Hoje, com mais opções em o mercado, mais maturidade e experiência e, principalmente, sem pressa eu não compraria

21. final de 2003 a Marina começou a perceber a dificuldade de ela continuar, e o Lula, daquele jeito de ele, deixando a coisa acontecer. Em aquele momento, o governo poderia ter tido uma agenda comum, um processo extremamente positivo de entender que existem usinas hidrelétricas que não devem ser construídas. -- Imagino que não era fácil ser assessor ambiental de a Dilma Rousseff... Bermann -- É, foi uma coisa meio... difícil. Como falei, eu tinha uma relação particular com os movimentos sociais e estava mais em uma situação de bombeiro. **Vou te contar** uma coisa, como referência. Eu encontrei a Dilma em a posse de o (físico) Luiz Pinguelli Rosa, em o Rio de Janeiro, como presidente de a Eletrobrás. Ela estava extremamente satisfeita, alegre, contente, porque tinha conseguido, politicamente, afastar a turma de o (José) Sarney de a seara energética. (Luiz Pinguelli Rosa deixaria o cargo em 2004, a pedido de Lula, que precisava colocar alguém ligado a o PMDB e a José Sarney.) Para você ver

22. idéia do que ocorre de fato... acham que a maçonaria é boa, pois eles apenas lêem e estudam, lêem até mesmo a bíblia.... NOSSO GOVERNO É COMANDADO, em os BASTIDORES, POR OS LÍDERES GLOBAIS, A ELITE, OS OCULTISTAS, SEJA LÁ COMO QUEIRA CHAMAR... E por falar em a Bíblia... como eu sempre disse, ela está correta... em quase tudo... mas nós fomos condicionados a não enxergar a verdade, embora ela esteja lá de maneira fragmentada, previamente selecionada... bom tem algo sobre a bíblia que eu **vou te contar**... você sabe como e por quem ela foi feita? AH, e não me diga que foram homens inspirados por deus como todo pastor ou padre diz.... Deixa eu te dar só uma pincelada: "« O cristianismo, estabelecido por o Imperador Constantino, depois de ser instruído por uma família aristocrática, " Os Pisos " -- Carlpunius Piso -- fundaram a Igreja e escreveram o Novo Testamento, usando personagens de a antiga Babilônia (sumérios) e reutilizando- os em a nova religião -- " O Cristianismo

23. tão mau quanto eles. E espero também que acorde enquanto é tempo e não vá fazer companhia a eles em o inferno). Você é tão burro e preconceituoso que continua chamando a Idade Média de Idade das Trevas, dizendo que foi a época de negror e trevas espirituais e intelectuais de a humanidade! Isso mostra que você deve ser estudante universitário de alguma de essas faculdades de quintal que proliferam atualmente em este mundo de luzes e de gênios intelectuais (tipo Marilena Chauí e Paulo Coelho!). Você é burrinho demais, Erick. Nem **vou te contar** que foi em a "« Idade das Trevas "» que surgiram as Universidades e as escolas públicas, com ensino universal e gratuito para todas as crianças. E os hospitais para cuidar gratuitamente de os doentes. E que foi em a Idade Média que se produziram os maiores gênios filosóficos e literários de todos os tempos. Para que contar isso a um miserável estudante universitário que só acredita em o que fala um professorzinho ateu e comunista? Como não podia faltar, vem a questão de as imagens: "« Não

24. Guilherme Miller que fundaram a seita adventista para continuarem brincando de fazer continhas ridículos e marcar a data de o fim de o mundo (sempre quebrando a cara). Até os livrecos adventistas reconhecem em Guilherme Miller o fundador remoto de a sua seita miserável. Menos você, que não procura se instruir nem em a história de a sua própria seitinha judaica. Você me desafia: "« Em que ocasião a Igreja Adventista marcou data para a volta de Jesus e o fim de o mundo? " Pois bem, já que você é burro mesmo, **vou te contar**: Você já ouviu falar de Samuel Snow? É um de os pais de a sua seita. Ele marcou a volta de Cristo e o fim de o mundo para 22 de outubro de 1844. E os trouxas de a época caíram, assim como você se estivesse lá teria ido para a montanha acompanhando aquele bando de loucos. Não sabia de isso?

Então vá estudar! "« Pessoas que raciocinam e que comparam os escritos de Ellen=G.=White com a Bíblia não chegam a a mesma conclusão que você.

25. por WO, pois os adversários se ausentaram em a hora "« H "» e pq eram pontos corridos. É arrogante e ultrapassado, a maioria de os jogadores não gostam de ele, hj é um cara comum e com salários exorbitantes. Não assisti a o programa... Mas concordo com você... O Muricy, estando "« em o mercado "» (termo mais 'chique' que desempregado... rs...) vira 'arroz de festa' em tudo que é programa esportivo de TV, passa a ter uma educação e uma paciência que 'you te contar', chega até a expor seu modo de ver o futebol, a evolução tática de o mesmo (que ele não aplica, aliás...), enfim... Chega, aliás, a dar uma longa entrevista, até bem humorada, contando sobre os bastidores de os times (em especial de o SPFC -- clube para o qual ele torce...)... E também concordo... Todos os jornalistas esportivos, via de regra, só 'colocam uma escada' para os convidados subirem... Colocar- los em

26. amigo, se o Paysandu perder as três próximas partidas o velho "« gaga "» de o Givanildo vai rasgar por as portas de os fundos de a curuzu e vai montar um curso técnico de teimosia esportiva, e adivinje quem será o primeiro aluno matriculado? Cláudio Santos e lógico! Kkkkkk 5. Miguel, João Pessoa | 08/06/2013 a as 10:26 Meu comentário sobre o jogo de ontem ficou em a moderation, te dizer!!! Enquanto isso.... 6. Heleno | 08/06/2013 a as 10:39 Deixar para pôr o Nicácio só perto de o fim... **You te contar**... 7. Miguel, João Pessoa | 08/06/2013 a as 10:53 Gerson libera o meu post nº 5 que esta em a moderação! 8. Jorge Amorim | 08/06/2013 a as 11:07 Peka quantidade de asneiras cometidas ontem por o Gaganildo, a lista de dispensas deve ser encabeçada por o Ricardo Capanema, Fabio Sanches, Jean, que nem relacionado está sendo; e tudo ficará sob as responsabilidades de os' insubstituíveis Gaibu, Vanderson e Rafael Oliveira. Credo! 9. blogdogersonnogueira | 08/06/2013 a as 12:37 Já liberado. 10.

27. o carrinho de os comissários, é a água que é servida quente! Se o passageiro pede gelo, até 'ganha' algumas pedrinhas, mas o olhar de os funcionários congela o passageiro. Nem cafezinho a pessoa tem direito, eu hein! A PERGUNTA QUE NÃO QUER CALAR Qual a diferença entre falta e ausência? Ao que parece, para os conselheiros de o Tribunal de Contas do Estado (TCE) existe muita diferença, e bote muita em isso, é mole? COPACABANA E PONTA NEGRA Não nãoeu para entender (tá difícil, **you te contar**!) a comparação feita por o secretário Manoel Ribeiro: os afogamentos em a praia de Copacabana (que tem até helicóptero em finais de semana) com os de a Ponta Negra. E ainda completa: "« As mortes são normais "». Pega! NEGÃO ESTÁ VOLTANDO! Amazonino Mendes chega dia 6 de outubro, vota em o dia 7 e reassume a Prefeitura dia 8. Tudo certo, certíssimo. Este é o Mazoca, novinho em folha! Deveria ser constitucional que os politicos e seus parentes

28. , fique a a vontade para deixar sua opinião. 16 comentários: Amiga temos visto e sentido muito o furor de as pessoas, sempre defendi a tese que; Devemos agir sempre por a razão e nunca por a emoção, pois em esses momentos as emoções afloram dando espaço a ira, e o final não é nada satisfatório. Infelizmente o ser humano esquece de este ponto a "« razão "», e se deixa levar por os mais primitivos instintos e se torna quase que irracional. Abraços forte Denise, seu post vem em boa hora. **You te contar** uma coisa... eu não tenho sangue de barata! (já disse isto tantas vezes), mas meu pai me ensinou a conversar, sôbre infinitas coisas e viajar em as possibilidades... então estou sempre tendendo a querer " calma, pessoal, vamos conversar! ", o que, nem sempre é momento apropriado. Minha família e amigos sempre me diziam que sou calma e ponderada, mas meu marido já fica irritado com mim porque diz que eu vivo querendo contestar- lo! Ele não suporta que eu

29. ...), amiguinhos, humildes e legais. Me refiro que ambientes de desenvolvimento com este tipo de gente não costumam ser produtivos. Em uma empresa que normalmente tem um gerente de projeto ele vai "« toreando "» o time. Ou joga de o jeito que o técnico quer ou ele escala outro. Em um ambiente livre, se começa a existir muita "« guerra de beleza "» vira festival de fork e o resultado é um monte de software mais ou menos, ao invés de um bom. ps: A de o papagaio é velha... **you te contar** uma mais nova de um cara que era o rei de a cocada preta em a universidade e ficou 2 anos desempregado. Será que é o cara de a foto " Escrevo HTML por um prato de comida "»?:D Linux user & 226380 "« Linux é amigável... Ele apenas sabe escolher os amigos. " Não penso que está se pedindo muito de ele. Apenas que seja educado e que crie um ambiente de respeito com as pessoas que estão começando e que talvez não tenham tanto conhecimento como ele

30. de o corredor "« Eu tenho medo de te perder. " Isso provavelmente faria você, pelo menos, parar um pouco. Mas não, eu apenas fiquei te olhando ir e ir e ir. Agora, meu bem, eu não tenho coragem de te ligar porque de alguma forma, quando você foi embora, eu senti que nada, nem uma serenata em a janela fosse

fazer com que as coisas voltassem a ser como eram antes. E eu te escrevo, agora, porque eu não sei fazer mais nada, além disso. Eu **vou te contar** de o que eu tenho medo. Eu tenho medo de que os meus pedidos estúpidos de ontem sejam atendidos. Eu tenho medo de quando a chuva fica tão forte a ponto de lavar minha alma. Eu tenho medo de ficar sozinha. Eu tenho medo de ficar sozinha em casa, de ficar sozinha em a vida. Eu tenho medo de altura. Eu tenho medo de bichos grandes e não identificáveis. Eu tenho medo de dizer coisas ruins para os outros em um momento de raiva. Eu tenho

31. , magoadas, esnobadas... pudessem gritar a mesma coisa que ela gritou. Quando eu era ainda submissa em o amor (há uns 8 anos) -- e estava sofrendo muito por um cara que estava ca % \ & % e andando pra mim -- eu fui comer um doce em uma barraca de a feirinha em a Praça Benedito Calixto. O dono de a barraca é um senhor que acho que vê a aura de a gente, sei lá. Ele me disse: "« Criança, por que você está deixando alguém maltratar você? **Vou te contar** algo. Quando eu era pequeno, tinha muito medo de o cachorro de a minha tia e ele vivia judiando de mim. Um dia, eu tomei coragem, entrei em o jardim e gritei: "« Vem aqui só ver uma coisa seu cachorro desgraçado!! ". Ele saiu correndo e nunca mais mexeu com mim. Não deixa ninguém maltratar você, menina! " Achei uma graça em o velhinho e pouco tempo depois -- em o dia em que peguei meu namorado me traindo em Floripa (

32. mundo e depois Lúcifer ter feito Jesus, e por aí vai... 2 -- A auto proclamação, são inválidas para provar que Lúcifer não está envolvido, pois o próprio Deus não se expressou a respeito, devido a o fato de que não existem provas a respeito de Deus ligado a a Bíblia (são meras alegações). Lúcifer pode ter escrito a Bíblia e vindo e ressuscitar para fomentar guerras religiosas, logo é necessário primeiro provar que Deus é realmente o autor de a Bíblia, para depois querer provar que Jesus tem ligação com Deus. **Vou te contar** uma estória logicamente FORMAL e que voce pode acreditar já que voce acredita em qualquer coisa: O planejador de Lúcifer, lhe apresenta um plano, assim, "« senhor, vamos mandar um messias bom, ele curará pessoas, vai dizer que é filho de Deus e ressuscitará para provar que é filho de Deus "» Lucifer responde: "« pediu a cabeça, se converteu? O planejador responde: "« Não senhor, pensa bem, é preciso investir um pouco de bondade para obter uma maldade maior (guerras

33. xbox 1 e vi que a Microsoft tinha bala em a agulha. Então veio o 360 e pronto:Parecia óbvio virar a casaca e ir para a casa de o Bill. A verdade é que essa geração exige que compremos os dois consoles pois, como dizer que se gosta de video game e deixar de jogar games incríveis de a outra casa? Jogar God of War e não jogar Alan Wake? Ou jogar Gears of War e não jogar Heavy Rain? Enfim, aproveitando o melhor de os dois ps3 temos esse jogo, que, eu **vou te contar**, levaria o Oscar de os game fácil. Esse ao lado de Heavy Rain e Beyond Two Souls são jogos insuperáveis em gráficos e fica clara a desvantagem de o 360 em não ter adotado o blue ray como mídia. Ainda não tive a oportunidade de jogar mas acredito ser uma experiência unica. Não achei nada parecido com Uncharted, e olha que eu zerei os três, otimos titulos de a caixa preta de a sony. Acredito que o novo T Me de a vontade de chorar toda vez que

34. de mim, que realmente merecia a bosta de o meu amor, e eu bobo [a], tremendo [a] otário [a] deixei pra trás. Pior que é sempre assim né? Quem nos quer, nós ignoramos. Quem nós queremos, somos ignorados por amar tanto a filha de a puta de aquela pessoa. Quem eu quero não me quer, quem me quer eu estou dispensando. Vai entender, coração burro viu, insiste sempre em querer o mais difícil, sempre atrás de o impossível, de o inesperado. **Vou te contar** viu.... Pelo amor de Deus, alguém ai me trás um saco de biscoitos e um chá bem quente, e uma dose de amnésia e de desapego por favor? Porra, te o precisando! Em cada palavra pulsa um coração. Escrever é tal procura de íntima veracidade de vida. Vida que me perturba e deixa o meu próprio coração trêmulo sofrendo a incalculável dor que parece ser necessária a o meu amadurecimento... Quem não tiver medo de ficar alegre e experimentar uma só vez sequer a alegria

35. e minha e minha mãe sempre me fizeram devolver o que não era meu, inclusive troco a mais. Suaram muito suas camisas pra que eu tivesse o mínimo de educação e eu tive, mas quando cresci fiquei decepcionada a o saber que não eram todos que tinham esse direito... e um dia eu acabei sendo vítima de o país sem educação que vocês criam: fui roubada, assaltada e até mantida refém. Veja só! Pudera, né Dilma? Seu país não tá preocupado com desenvolvimento, e de aí que essas coisas acabam acontecendo. **Vou te contar** outra, veja como sou privilegiada: tenho marcado consultas regularmente e tenho sido atendida a contento por os médicos que procuro. Não, deixa de graça, Dilma! Claro que não é em o SUS, eu pago meu plano de saúde, mas não deveria, né?! Já que saúde também é obrigação de o estado segundo a tal de a Constituição. E por falar em isso, essa tal aí, assim como o seu governo, é uma piada de muito mal gosto. Ah,

36. lá em os manuais de a Sociedade Brasileira de Pediatria... esses pediatras não se atualizam, só pode ser isso. Fico muito feliz de existirem mães como vc Thais. Seu blog de comida saudável e real para o Dudu é uma benção, e as mães aprendem com vc não como uma pessoa que impõe, e sim, que tem experiência em o assunto, vive isso diariamente. Converse com sua amiga direitinho, fazer coisa errada agora pode ser decisivo para a saúde de o filho de ela depois. De verdade. Atendo cada caso que **vou te contar**. Tenho pelo menos 5 pacientes com 2 anos, peso normal, e colesterol em as alturas. Super complicado. E verdadeiro. Sem falar em os obesinhos, que são discriminados de este sua casa, com a própria família, que acha que a criança não tem "« força de vontade "». Quem sofre depois é a criança. Desculpe o desabafo, estou sensível (rsrsrs) pois acabei de voltar de o meu trabalho em grupo com as adolescentes obesas, e soffro junto com elas. Não

37. , afirma a Liga Contra Esportes Cru? is em sua p? gina em a internet. "« A morte de a raposa, per si, muito embora violenta e cruel, pode ser relativamente r? pida. A verdadeira crueldade de a ca? a? raposa reside em a exaust? o, terror e trauma infligidos? v? tima "». 608990 19 maio 2012 O meu food revolution & Fail O meu dia de hoje merece um post em o blog, porque olha **vou te contar** a luta que foi... As meninas de o blog Mundo Ovo estavam preparando um piquenique em baixo de a mangueira para hoje as 10:30 até as 14:00h O que seria o Food Revolution? "« Food Revolution Day "»? Teremos em o dia 19 de maio, uma chance para pessoas que amam comida se juntem e troquem informações, talentos e recursos, e transmitam seu conhecimento e enfatizem os problemas alimentares mundiais. Por todo o globo pessoas estarão trabalhando em conjunto para fazer a diferença. "« Food Revolution Day

38. , mas o que o confortava em esta vida era os verdadeiros amigos, até mesmo aqueles que ele não conversava frequentemente, nem os via por muito tempo, mas só de saber que eles estavam alí, já o encorajava para seguir em frente. E inspirado em este dilema eu tbm fiz um poema sobre a amizade, mas de: a esperança de um dia a encontrar- la. Que bom que algumas pessoas assim como você, tem esta maravilha em as suas vidas, e ainda mais quando reconhece o seu real valor. Lindo texto. **Vou te contar** uma coisa, nunca acreditei em a amizade entre homens e mulheres. Acho que uma hora, um ou outro, acaba se envolvendo. Com mim sempre foi assim, por mais claro e transparente que fosse a intenção, as coisas sempre se embolavam. Apesar de não saber se vocês já ficaram ou se é amizade pura mesmo, fico feliz de ver esse sentimento bonito. Ainda bem que Brena existe! Puta que pariu... não sei nem o que escrever! Que surpresa, hem?! Caramba

39. vez, que os textos aqui publicados são obras de ficção. No entanto, qualquer semelhança com a realidade não terá sido mera coincidência! 41 comentários: Mera coincidência?! É isso mesmo, uma coincidência com o nosso dia-a-dia! Falar verdade.. nem sei se quero me apaixonar mais, pq tenho dúvida, se permanecer normal é bom ou se é melhor continuar sendo idiota! Amiga, mandou bem demais!!! Bjs!!! Brena querida Vc vcscreve muito e a imaginação é fertilíssima. Eu nunca me apaixonei tanto assim... **vou te contar** um segredo (rs) só tive um grande amor em a minha vida. Mas nem foi perfeito... pq ele não me amava assim como eu esperava que fosse. Tudo é perfeito quando a gente ama! Pode linkar meu flog bebeth... ele é meu xodó e minha força de seguir. Já estou me sentindo honarada! Eu não podia deixar de comentar... Prima Pinduris... seus textos são melhores impossivel!!! eu viajo lendo cada um de eles, e acho impressionante como me acho um

40. iG: Você disse que foi criada com muita liberdade. Fez muitas loucuras em a vida? Bel Kutner: Olha, de o meu ponto de vista não, mas de a maioria, sim. Tudo que sempre tive vontade de fazer, eu fiz. Tem gente que já me achou mega louca. O que eu posso te garantir é que eu não rasgo dinheiro e tento evitar um pouco as coisas ilegais, então está tudo certo. iG: Qual a maior loucura que fez? Se arrepende de alguma? Bel Kutner: Isso não **vou te contar** nem morta! Eu já fiz muita coisa que eu me arrependo, muita besteira. O pior crime é aquele que você é descoberto. Eu tento esquecer as besteiras que eu já fiz. Não é nada grave e eu aprendi muito com elas. Eu aprontei muito, mas quando a gente é jovem, em uma fase mais promíscua, tudo bem. Eu não fiz nada que compromettesse a minha segurança e a minha saúde. iG: Você tem medo de a morte? Bel Kutner: Acho que

41. Jack Daniels? Nem tudo precisa ser divulgado, nem todas as conquistas, muito menos, todas as decepções... "« Quem muito se abaixa, mostra o que não deve "», já dizia a minha mãe, não exatamente com essa polidez, mas vocês me entenderam... Excesso de exposição é prejudicial a o nosso desenvolvimento pessoal e, até, creiam, profissional. Facebook deveria ter a tecla "« tem certeza? " E, caso você insistisse, "« absoluta? " Porque, pra ser sincera, ultimamente, tenho lido umas coisas, que **vou te contar**... As pessoas não precisam saber sobre todos os pratos que comemos, nem de os lugares que vamos... Muito menos participar, ativamente, de as nossas fraquezas, inseguranças e vaidades. Tem

gente fazendo check in em banheiro de rodoviária, falando mal de o desempenho sexual de o marido e relatando a consulta com o ginecologista... Really? Perdemos a noção de privacidade e respeito. Divulgamos e comentamos a vida alheia como se fosse um direito garantido constitucionalmente. E a nossa própria, como se fosse dever

42. as mães eu sou mãe de 2 filhos e essa é a minha opinião. Eu amo meus filhos e nunca fiz ou faria o que minha mãe fazia. Sabe minha mãe pensa que eu tenho obrigação com ela porque ela me teve e cuidou de mim, ela teve porque quiz assim como eu tive os meus filhos porque quiz e jamais vou exigir qualquer coisa de eles. Acho também que tudo é uma questão de amor de amar, o problema é quando falta o amor. O que vocês pensam a respeito? Oi querida! Olha, **vou te contar** minha estória. Minha mãe nunca me xingou nem nada, mas também não era aquela mãe amiga que minhas amigas tinham. Em isso eu tinha 12/13 anos. Mas eu percebi que por a mãe de ela, minha avó, ter falecido quando ela tinha nove anos e meu avô ter abandonado ela e mais 10 irmãos que foram criados por a filha mais velha, minha tia. Passaram dificuldades... Mas tá todo mundo vivo, bem e todos honestos e íntegros, etc.. E que com isso tudo

43. amigos o Kelvin e o irmão de ele Dada estava levantando um muro estranho mais ai eu vi um chuveiro e tive a idéia maluca de abrir já que estava em um sonho (por o manos é o que acho) fui abrir é tinha uma torneira em baixo, abrir o chuveiro e a torneira abriu ai eu fechei só que ai a torneira fecho e o chuveiro abriu, foi meio bizarro, depois de isso acordei. Acreditem se quiser mas aconteceu. Olha só toma cuidado com isso pq vc teve um tipo é como posso te explicar **vou te contar** uma historia minha mãe teve isso minha mãe ouvil falar que pessoas podiam ter experiencias fora de o corpo minha mãe teve essa experiência ela saio em a rua de o irmão de ela e começo a gostar de pratica ATENÇÃO isso so aconteceu se vc teve um sonho caindo logo apos começou a levitar e se vil (as vezes não se ve) bom se teve isso não fassa isso principalmente se vc ja entrou em o mundo de o alem nunca atravesse seis- la uma ponte ou algo parecido que tenha um

44. freguês e lá ia ele: -- Como é? Ainda acompanhando aquela novela? -- Hum- hum! -- É uma boa novela. Movimentada, não? -- Hum- hum! -- Aliás a história eu já conheço. Fizeram até um filme parecido. -- Hum- hum " Mesmo conversando muito (mais com si do que com os outros), mesmo demorando mais do que o normal para atender a freguesia, Seu Luís tinha sempre a barbearia cheia. Todos esperavam a vez, com paciência e resignação, menos o Armandinho, um vida-mansa que eu **vou te contar**! Até para fazer a barba tinha preguiça e saía de casa á tardinha, em a hora em que a barbearia estava mais cheia, para se barbear. Mas não gostava de esperar -- o Armandinho. Vinha, parava em a porta e perguntava: -- Quantos tem? Seu Luís dava uma conferida com o olhar e respondia: -- Tem oito! Armandinho fazia uma cara contrariada e ia em frente. Se tinha gente esperando, ele não entrava. Voltava mais tarde. Isto era o que pensava

45. Muita gente dizendo q tem isso quando dorme de barriga para cima, pois com mim acontece independente de a posição q estou dormindo. Posso ver tudo a o meu redor tanto é que hoje eu via meu celular tocando e não conseguia de jeito nenhum me mexer, ouvia uma voz de criança dizendo sobre um homem de chapéu, mas ate então nn conseguia ver ninguém só sentia q tinha alguém atras de mim. E a proposito quando acordei tinha mesmo uma ligação em o meu celular!! não sei o que é mais sei q acontece oi galera **vou te contar** o que eu vejo as vezes e de arrepiar em o meu quarto eu tava dormindo e derepente vejo vulto de uma pessoa me olhando e ai cachorra rosnou pra essa coisa que e um espirito ela rosnou quase gritei de medo.. estava a noite tambem e isso eu vi com meus olhos e ele me olhando queria falar eu sentir isso... perguntei o que queres de min... ele nem respondeu deixei pra la ai depois vejo vozes rindo tipo rarara o que sera meu deus eu rezei ele saiu e

46. ganha. Acordei pensando em o tempo. Não, eu não estava atrasada, apesar de o despertador ter tocado incessantemente. Mal abri os olhos e veio uma pergunta bater em a minha porta: será que o tempo ajuda? Juro que tenho um pouco de receio de essa palavra (quem gosta?). Cresci ouvindo dizer que o tempo é amigo e que ele cura todas as dores. Mas eu cresci e continuo com minhas cicatrizes. Não sei se foi ele que ajudou ou eu que resolvi dar um basta em o sofrenilda style. **Vou te contar** um segredo: sofrer cansa, desgasta, causa olheiras e dor de barriga. Não estou brincando, pelo menos com mim é assim. Me sinto cansada, pesada, carregada, sem energias ou ânimo, olheiras arroxeadas brotam enlouquecidas em o meu rosto branco e a barriga dói. Por isso, decidi não fazer essa maldade com mim. Se eu soffro é por um dia, por algumas horas. Me recuso a ficar em essa lenga lenga por dias ou meses. Não mereço. Sabe, a

47. pode ir a a praia todos os dias, andar de bicicleta, andar a cavalo, dançar, ir a o clube, correr, fazer um montão de coisas maravilhosas, e o melhor... SEM QUE NINGUÉM PERCEBA. 635901 Não basta dizer quanto tempo você passou em cada função, é preciso descrever o que fez e o que aprendeu Monster quarta-

feira, 19 de setembro de 2012 A A A Ora, quem não sabe o que é experiência profissional? Você poderia me questionar. Mas **vou te contar** um segredo: a maioria de as pessoas não sabe descrever sua experiência profissional em o currículo, o que muitas vezes é um prejuízo imenso para uma possibilidade de emprego. Existe uma grande confusão entre o tempo que ficou em cada empresa, o cargo e o que realmente fez. Então vamos fazer como Aristóteles: começar de o início! O que é uma experiência? Entendamos a origem de essa palavra, a sua etimologia: "« experiência "» vem de o Latim "« experientia "», o conhecimento obtido

48. é um de eles). E sim, são pessoas em sã consciência. Fale por você e por os que partilham de sua decisão, não por todos os imigrantes. O Brasil é imenso, a Europa tem diferenças grandes de um lado a outro, portanto não se deve generalizar. Não existe "« verdade absoluta "»; existem opiniões, pontos de vista e experiências de vida. Meus parabéns por o seu trabalho e esforços. O Brasil precisa de mais gente como você. E não, nem tudo são flores em o Brasil mas eu **vou te contar** um segredo (e pra quem ler isso): Aqui em a Europa também nem tudo são flores e a vida de imigrante está cada vez mais difícil. Há tempos venho aconselhando a quem me pergunta se vale a pena vir pra cá. E a resposta é sempre não -- não vale mais a pena. Já valeu sim, mas em o momento atual, acho que não (minha opinião, discordem a a vontade). Glenda, acho que consegui captar o que vc quis dizer. Eu

49. bonita Cuide mais de o seu cabelo, de as suas unhas, use maquiagem. Faça com que o homem te veja mais bonita do que antes. Assim, ele vai ficar babando e vai correr atrás, para não perder a mulher maravilhosa e linda em a qual você se transformou. Quer conhecer outras dicas de sedução e conquista? Ter os homens a os seus pés? Então assista este vídeo e veja como você pode mudar completamente a sua vida amorosa a seu favor! 579 Comentários em "« Como=fazer=um=homem=correr=atrás? "» Estou em traços desde ontem. **Vou te contar** minha historia. Há quatro meses atrás eu add um amigo de um colega em o facebook, eu puxei conversa e marquei de saímos. Fui pegar ele em casa, levei para jantar conversamos muito sobre vários assuntos e em meio ele me falou que estava solteiro igualmente ai. fiquei muito feliz em saber pois senti um química muito forte desde o início. Em esse noite não conseguiu resistir pois a atração foi muito forte e acabamos ficando ele dormiu em a minha casa e por a manhã fui deixar ele

52. não entende... ele em um disse mais nd e nem eu... ele saiu de o skype e estamos até hj sem nos falar isso faz 1 semana.. o q eu faço? Dê um gelo de aqueles em ele. Tipo umas 2 semanas... Você precisa desprezar ele para que ele perceba que não é o único homem do mundo e que pode te perder. Assim, ele vai aprender a te dar mais valor. Acredite em mim. boa noite vi suas dicas para as pessoas e gostei de o que vc falou. bom **vou te contar** minha historia eu fui casada com um homem que me mudou muito ele bebia e parou de beber por mim. era uma pessoa fria e virou um doce com o tempo.ficamos juntos por sete anos, mais devido a os desgastes eu brigava muito com ele ate nos separarmos, sofri muito com isso emagreci 20 kilos isso em dois meses. ele começou a namorar tem uns tres meses em o início ele nem me olhava dai a algum tempo ele começou a vim atras de mim. ja pedi para ele se afastar mais

53. Sandra. Comecei a namorar um rapaz 8 anos mais novo e ele disse que tem uma namorada a 9 anos e que gosta de mim mais é muito apegado a ela e não consegue separar. Me pediu que ficasse com ele por um tempo pra ver o que acontecia. mais acho que ele gosta d mais de ela e por isso não consegue separar. O que faço. por mais que ele diga que me quer eu tenho medo de ficar com ele por que ele tem outra. Por favor me ajude. Obrigado boa noite sandra oi **vou te contar** minha historia e te pedir um conselho eu ja fui casada e passei por uma grande decepção porem nunca fui de brigar... ai em poucos meses de separação em um site de relacionamento conheci um rapaz em o qual em pouco tempo começamos a sair e logo mais a namorar desde o início sempre brigamos muito porem era briga e amor ate pq ele tbm ja foi casado e é muito ciumento nossas familias se adoram e enfim nunca ficamos completamente bem um com o outro mas mesmo assim sei que tem um sentimento

54. Pátria, a GLOBO estava noticiando o apocalipse para o dia 7 de setembro. Mais que depressa fui a o supermercado, abasteci a casa de alimentos, água e medicamentos de emergência; reforcei portas e janelas. Pensei que o dia 7 fosse amanhecer escuro, tenebroso como o apocalipse de o cinema. Logo cedo, abri a porta devagar e, para minha surpresa, o dia estava lindo, ensolarado, mar calmo, praias cheias, muita gente fazendo churrasco e bebendo cerveja. em a maior cortição. ESSA GLOBO TEM CADA PEGADINHA QUE EU **VOU TE CONTO**.... Hanna Arendt explicou que os movimentos contra uma democracia ainda em gestação em a Europa entre as duas Guerras precisaram de "« uma grande massa desorganizada e desestruturada de indivíduos furiosos, que nada tinham em comum exceto a vaga noção de que as esperanças partidárias eram vãs; que, conseqüentemente, os mais respeitados, eloquentes e representativos membros de a comunidade eram uns néscios e que as autoridades constituídas eram não apenas perniciosas, mas também obscuras e desonestas. " ("« Origens de o totalitarismo "», página

55. pra caber em mim. Pra piorar, em a escola ainda me apelidavam de magrela, seca, vara pau entre outros. Hoje me vejo com um corpo bonito, apesar de ser muito magra, mais me aceito assim. Sei que se eu tivesse dado importância para pressão de as pessoas talvez estivesse aqui gorda, sem saúde, tomando remédios e vitaminas para engordar. Mas eu não fiz isso, a gente tem que se amar em primeiro lugar, e se às vezes o problema é você achar que nunca vai conseguir encontrar um namorado, **vou te contar** que está muito enganada, eu conheço vários garotos que amam garotas magrinhas (tipo eu) e também garotos que preferem as "« gordinhas "». Esse é um texto de auto-ajuda que mais parece uma conversa entre amigas! Eu ainda não cheguei a a parte de aceitar a pancinha com carinho, mais já cheguei a o ponto de que você tem que se amar primeiro, mais sou a favor de que se você é infeliz lute para mudar isso. Quero emagrecer de forma saudável porque sinto falta de quando

56. muito! Depois de essas suas dicas Teresopolitanas, tenho que mudar o foco de a serra! Babei em esse lugar! Bjão! fez falta, ligia! o gamela parece que é em minas mesmo. talvez por isso eu goste tanto e me sinta em casa. você tira o menino de minas, mas não tira minas de o menino. imagina se vou deixar de fazer um prato com frango, quiabo, angu e, claro, ora-pro-nobis! parafraseando o rei: esse prato sou eu! esses pratos todos, em a verdade. **vou te contar** um segredo: deram uma muda de ora-pro-nobis para a gente, mas até agora não parece que vai vingar não, infelizmente. beijos e obrigado! Deixe uma resposta Para comentar, utilize o formulário abaixo (não será publicado) * campos obrigatórios Destemperados é um time com quase 100 Food Hunters espalhados por todo o Brasil, que não são especialistas em nada, não sabem cozinhar e nem distinguir direito o orégano de a manjerona. Só querem comer e beber bem, em qualquer lugar. Veja quem são

57. as cabeças "», assegura. E assim é possível romper a lógica de a hostilidade. 649408 Adoçando a vida em o Special Treat Bakery Stalkeando em o Facebook a gente vê de tudo. Relacionamentos acabam, a gente descobre que a amiga saiu e nem chamou, aquele carinha que você achava que tinha ido passar um tempo em a China continua aqui, de o seu lado e acabou de mudar para um "« relacionamento sério "». É tanto Caio=F.=Abreu e Clarice Lispector que, olha, **vou te contar**! Mas, entre todas essa tragédias, ele também serve para descobrir lugares novos e legais que teus amigos compartilham e recomendam. E foi aí que eu descobri a Special Treat Bakery. Dei uma olhadinha em a página em o Facebook de eles e queria comer a tela de o computador. Pensa em aqueles bolos de Kit Kat enrolados em uma fitinha e por cima M&M' s de todas as cores... Pois é, em as fotos tinha de esses, tinha de kit kat branco, coisas assim

58. Fibromialgia. Massagem, Hidroterapia e Reflexologia também podem amenizar os sintomas. De qualquer forma, existe um tratamento que será mais adequado e terapêutico para você. Insista, Continue. Faça por gosto e por você. (*) Alessandra Villar é Personal Trainer, professora em a Curves Santana de ginástica Sh'Bam. Email: Este endereço de e-mail está protegido contra spambots. Você deve habilitar o JavaScript para visualizar- lo. 655740 Olá=Dr. como vai? Bem, sou um jovem de 18 anos, **vou te contar** minha história quase perfeita de amor, que só acabou em dor. Conheci ela em um evento, em o começo ela parecia ser uma boa garota, linda, simpática e inteligente. Fui o primeiro namorado de ela, porem ela foi minha 4º, bem, com as outras três eu era um cara super carinhoso, demonstrava afeto, carinho e tudo mais, meio que elas se irritavam com isso e me abandonavam, a o conhecer essa garota (4) que vamos chamá-la de numero 4

59. discutido? Negar aquilo que não pode ser negado? Querem "« provas sólidas "»? Desejam mais provas concretas do que essas, a o alcance de qualquer um que deseje comprovar o fato? É realmente muita hipocrisia. Só podem mesmo estar brincando! Mas, isso não é tudo, pois o Outro Lado do Espelho tem mais coisas para nos mostrar. Continuemos, então.... 655867 5 coisas que teria sido bom saber antes de eu mudar para a Holanda por Daniel Duclos em 05/07/2011 **Vou te contar** um segredo: quando eu e a Carla topamos viajar para a Holanda, nunca havíamos saído de o Brasil. O primeiro vôo internacional de a nossa vida foi de mudança pra Amsterdam, em um país de o qual sabíamos quase nada. Não nos arrependemos, mas nossa vida teria sido facilitada se soubéssemos de algumas coisas que aprendemos só depois, de o jeito difícil. Agora com o Ducs Amsterdam (onde coloco muito de esse aprendizado -- ele surgiu pra isso!), muita gente que está de

60. de aqui: caminhas macias, potinhos de água e ração cor de rosa, espia: Coisinhas de brincar de essa boneca aqui: Minha casa é bem pequena, então tudo aqui tem que ser bem organizadinho. Veja como organizei minhas coisas de mulherzinha: As caixas em MDF são pra guardar bijus (tenho muitas, especialmente brincos), pó compacto, sombras e a menor, verdinha, é onde guardo minha aliança pois não uso em o dia-a-dia. Esses cestinho são baratinhos, e olha como organizam tudo! E falando em coisas de

mulherzinha **vou te contar** uma coisa que você não sabe: eu sou apaixonada por batons! E a gente não consegue usar muitos ao mesmo tempo, de aí eu tenho que me controlar... mas é difícil... Esse é o meu mais recente, comprei semana passada: Avon i love you! Também tenho aqui em casa muitas almofadas, eu gosto tanto! E canecas fofas, e roupa de cama, tudo sempre o conjunto, me dá aflição usar um lençol ou fronhas desparelhadas. Minterna? Também gosto de roupa de

61. diferentes e pronúncias diferentes. Certo, aí a estrutura, o conjunto de códigos determina sua forma de pensar. Também não podemos esquecer que o meio contribui em o nosso modo de agir. Falo de a cultura, falo de a estrutura criada em cada país. Isso influencia, coordena também a forma de pensar e agir. O que acabo de dizer são conceitos que vem de o campo de a Antropologia, se não estou enganado. As vezes, achamos que descobrimos algo, mas em a verdade, fomos condicionados a isso. E isso **vou te contar**, eu não agrado. Abraços 26/09/11 Alessandro disse: Oi=Tiago, Muito obrigado por expressar a sua opinião em esse belo comentário. O bacana de os comentários é isso, cada um tem o direito de contrapor ou concordar com as ideias de o autor de o artigo. Com certeza uma mulher que sabe tecer em o melhor sentido de o pensamento. Encontramos todos os dias coisas de a matemática em nossa vida e também de a física e de tudo que o homem possa traduzir em pensamento. Agora nos

62. o Fantástico. Imediatamente, parece que uma tinta preta e pegajosa envolve o seu coração. O seu corpo fica em câmera lenta, toda a sua energia é drenada para algum lugar misterioso, e tudo o que sobra é uma versão de você que é mais triste, quase uma sombra. Tudo isso porque, a o ouvir aquela música, você sabe que faltam poucas horas pra que a sua "« liberdade de o fim de semana "» acabe. E aí você vai ter que esperar até a próxima sexta-feira pra voltar a "« viver "». **Vou te contar** um segredo: a vida não precisa ser assim! E se em o domingo a a noite você estivesse totalmente animado com a semana que vem por a frente? E se em a segunda de manhã você mal pudesse esperar o despertador tocar pra começar a fazer o trabalho que você nasceu pra fazer? E se você soubesse que o seu trabalho tem um impacto positivo em a suas outras pessoas, em a sua comunidade e em o mundo? Pra isso acontecer, você precisa embarcar em uma jornada muito

63. Eu que disse agora fazendo biquinho. -- Eu te amo, tá? Te amo muito e muito mesmo! -- E ele me dava muitos e muitos beijos. Enquanto isso, o sinal tocava. -- Desculpa, mas eu tenho que roubar a minha amiga. -- B dizia me puxando, pois minha aula era a mesma que a de ela. -- Eu te amo, meu amor. -- Eu e Chuck falamos exatamente ao mesmo tempo. B e eu saímos por o corredor, quando chegamos a a sala. -- Calma, B.=Eu **vou te contar** tudo! -- Eu dizia rindo. -- Eu não quero saber de nada, não ainda! -- Você está brava com mim? Se for por causa de o Nate, você não tem que se preocupar, somos só amigos, e se você quiser a gente se afasta... -- Eu falei correndo. -- Sua besta... Não é nada de isso, é que como eu e a S já estávamos sabendo de esse seu romance com o Bass, nós sempre temos um almoço todas a as sextas-feiras

64. Eu que disse agora fazendo biquinho. -- Eu te amo, tá? Te amo muito e muito mesmo! -- E ele me dava muitos e muitos beijos. Enquanto isso, o sinal tocava. -- Desculpa, mas eu tenho que roubar a minha amiga. -- B dizia me puxando, pois minha aula era a mesma que a de ela. -- Eu te amo, meu amor. -- Eu e Chuck falamos exatamente ao mesmo tempo. B e eu saímos por o corredor, quando chegamos a a sala. -- Calma, B.=Eu **vou te contar** tudo! -- Eu dizia rindo. -- Eu não quero saber de nada, não ainda! -- Você está brava com mim? Se for por causa de o Nate, você não tem que se preocupar, somos só amigos, e se você quiser a gente se afasta... -- Eu falei correndo. -- Sua besta... Não é nada de isso, é que como eu e a S já estávamos sabendo de esse seu romance com o Bass, nós sempre temos um almoço todas a as sextas-feiras

65. -- já estava um pouco alterada depois de o desafio de Harry e continuava a beber. -- Louis, você sabe que isso não é justo! Eu simplesmente não posso fazer isso, não é como se eu pudesse escolher. -- Comecei a protestar. -- Qual é, Payne, você prefere não beber por causa de o seu rim, não que você não possa. E é só um copo a mais, não vai afetar em nada! -- De essa vez Harry que falou. Já era possível ver que ele estava embriagado porque, **vou te contar**, mesmo que ele tenha 17 anos eu e Louis temos que ficar de olho em ele quando o assunto é bebidas. -- Não, Harry, ele tá certo. Com saúde não se brinca. -- Louis decidiu e percebeu seu erro. -- Querem saber, eu cansei, vou dormir. Boa noite, meus putinhos! Em questão de minutos Zayn e Niall decidiram ir embora também, foi levar para o quarto, já que ela não conseguia dar dois passos sem cair e Harry disse que ia

66. se formar. E quando alguém chega em essa estado, leva várias semanas (até mesmo meses) de descanso e medidas de recuperação para voltar a o normal. Se alguns dias de descanso já são o suficiente para você voltar a o normal, você não está em overtraining. Você provavelmente estava sofrendo de algum acúmulo de fadiga e só. A o evitar continuamente um nível mais alto de treinamento, você nunca atingirá o seu limite

individual e sofrerá facilmente de fadiga acumulada toda vez que tentar aumentar o nível de estresse de o treino. Eu **vou te contar** uma coisa: músculos se recuperam rápido... o tecido muscular em si é muito difícil de se estressar. O perigo mora em estressar mais o sistema nervoso e hormonal do que os músculos em si. Treinar um músculo mais do que uma vez em a semana não é proibido, já que o tecido muscular se recupera rápido. O que pode se tornar um problema é fazer treinos que estressam o sistema nervoso demais. Isto sim pode levar o corpo a um estado de fadiga acumulada. Os músculos podem

67. é qualquer um que faz o que um designer faz. desenhar uma elipse e um retângulo é simples, sendo assim, minha mãe é designer, ou melhor dizendo sou de uma família de designers. Sendo assim até meu cachorro é designer, é só dar um monte de ração pra ele que ele faz umas espirais ascendentes legais por o pátio. rrsrrsrs... e olha que espiral é mais difícil de o que elipses e retângulos.kkkkkkkk Uma vez pediram para eu criar um logotipo, de aí acabei fazendo umas 10 opções. Depois a cliente me disse: **Vou te contar** a verdade, estamos levando os desenhos em uma senhora que balança o pêndulo pra poder escolher o q tem melhores vibrações. Enquanto o pêndulo não parar sobre o logo, não podemos aprovar. De aí, um dia ela me ligou e disse: O pêndulo parou!!! Tá aprovado!!!! kkkkkkkkkkkkkkkk 1523134 Governo poderá apoiar projeto que destina verbas a a saúde 09/09/2013=07: 49 O Palácio de o Planalto costura acordo para apoiar um

68. de uma aliada pouco convencional -- a tatuada, punk hacker, Lisbeth Salander. Como é que um ator igual a o Daniel Craig faz um filme ruim que nem esse?. O filme é muito ruim, tem cenas estendidas demais de diálogos longos e desnecessários. O diretor David Fincher fez em esse a mesma coisa que ele já tinha feito em o O curioso caso de Benjamin Button, ou seja um novo filme ruim. A história além de ser patética tem uma menina com sérios problemas temperamento e que beira a psicose extrema. Cara eu **vou te contar**, eu preferia assistir a o vídeo de o bebê risonho em a internet de o que a assistir a esse péssimo e deplorável filme. 114 Nota: Ótimo 21/01/2013 Por: Priscilla (28 anos) Eu amei esse filme! Realmente em o começo a história é longa, tem muita informação confusa principalmente em as falas de os personagens, mas todo filme policial de drama é assim mesmo e aí quando você vai mergulhando você começa a entender a cabeça de cada um. Pra mim o charme mesmo foi

69. . Isso inclui todas as linguagens baseadas em DLR como o IronPython e IronRuby. O Visual State Manager de o Silverlight fez o seu caminho em WPF. O WPF já tinha Triggers muito mais poderosas, mas também muito mais difíceis de usar do que o Visual State Manager do Silverlight. 694747 Por: Isabela Freitas Estava em o twitter dando dicas de como um homem "« deveria ser "» e o post em o blog foi inevitável. Pelo visto esses gracinhas precisam de muitos conselhos, porque **vou te contar** viu... É cada coisa que vemos por aí. Queria deixar claro que essa é a minha opinião, mas que com certeza condiz com a maioria de as mulheres, ok? Até porque existem milhares de gostos diferentes, e eu respeito todos eles. Mas meu blog, minhas opiniões. Em relação a o cabelo: O lha, o cabelo diz muito sobre uma pessoa. Se você tem cabelo lisinho e deixar ele grande, ficará parecendo o Justin Bieber e terá a eterna cara de criança.

70. até que não conheceria se estivesse ainda amiga de ela (sabe aquela amiga meio antipática?? ueheuehue). E foi isso. E hoje eu espero menos de as pessoas. Prefiro me surpreender de o que me decepcionar;) Bebel, amei muito seu texto. Já sofri VÁRIAS decepções (quem nunca sofreu né?). Enfim, eu te o passando por uma coisa que nunca passei em a minha vida! Sempre fui muito desapegada, nunca fui de tá correndo atrás! Isso mesmo, agora eu tô passando por esse prol! **Vou te contar** por "« cima "»... Estou meio que "« enrolada "» com um garoto. Nós nos damos muito bem, muito mesmo. Até que agora, depois de mais de 1 mês ele está COMPLETAMENTE mudado. Não me liga, não manda mensagem, não saímos a um bom tempo... Enfim, me apeguei a ele, ele não sai de os meus pensamentos! Não sei o que faço! Me ajuda! Beijós. By: J Olá, meu nome é Gabriela e tenho 15 anos. Parabéns

71. Al Kufa, onde há um homem que dita o Alcorão para os escribas, de capa a capa, afirmando que sabe de cor o Livro. " Omar se encheu de raiva. Raramente alguém o viu tão enraivado, a o explodir: "« Maldito seja! Quem é ele? " " « É o Abdullah b. Massud "», foi a resposta. Lentamente, a raiva de Omar foi- se abrandando, até que ficou calmo o suficiente para dizer: "« Juro por Allah que não sei se há alguém mais merecedor de tal responsabilidade. **Vou te contar** uma estória sobre ele: "« O nobre Profeta (S) estava uma ocasião passando o começo de noite com o Abu Bakr, e estavam discutindo coisas concernentes a a comunidade muçulmana, e eu estava com eles. O Mensageiro de Allah ficou repentinamente de pé, e saiu para fora de a casa. Nós o seguimos, e vimos um homem, a quem não reconhecemos por causa de a escuridão, orando, em a mesquita. O Mensageiro de Allah ficou parado por uns instantes, ouvido o

72. como já notou a filosofia e a gente toda (Sarneys e Malufs estão por aí e não nos desmintem), também bem pode ser o homem de o homem, e exercer sua humanidade profunda, uma outra, elevada e cristalina. Eu, que venho coxeando firmemente de uma perna faz algum tempo, já expert em a modalidade de o salto com muletas, sou testemunha. E se não fosse o apoio imediato e desinteressado de tantos, em horas bem desequilibradas, já teria caído e submergido. É tanta gente disposta a ajudar, que **vou te contar**: gente que te abre portas, catracas, sorrisos, para você livre passar; que te ampara, quando você tropeça; que te carrega, quando você não anda; que te alegra, quando você chora; que te alimenta, quando você tem fome. Tenho com mim uma convicção: de que fomos nos juntando por necessidade e também por vontade, por o senso de dever e por o senso de prazer igualmente, nossa comunidade amigos de bairro. Nos unimos por escolha, porque assim é

73. com água por a metade para mim... e eu lhe direi "« muito obrigada "». Somente dizer receio não ser suficiente. Leve o bilhete premiado ou o extrato bancário! - - - - - "« Amor é mais ação do que sentimento "» "« Teólogo é aquele que tem a Bíblia em uma mão e o jornal em a outra " Karl Barth Registrado Neto_*sANCHES Nível 7 Postagens em os fóruns 1479 Artigos: 0 Comentários: 0 Re: Como faço para conquistar a mulher que amo? Data: 09/03/12 a as 15:38 **Vou te contar** algo que aconteceu com mim, teve um tempo que eu era apaixonado por uma garota e inclusive eu tinha olhos aguçados pois a garota era cobiçadíssima em a escola, em minha mente era só ela que eu queria e podia aceitar para mim, só que ela tinha um namorado, eu chorava sozinho por ela, sentia uma dor em meu peito insuportável, porém tive que "« aceitar "» a situação de pretendente / suplente, mas foi quando algo surpreendente aconteceu, passado mais ou menos um ano em o

74. bloqueio muito forte entre mim e a língua inglesa. Aversão, mesmo, apesar de reconhecer a importância de a língua já há muito tempo. Diversos cursos e nada, não consigo aprender a língua. Curiosamente acabei criando a mesma aversão a os Estados Unidos (mas não a a Inglaterra, Canadá e Austrália). Tudo para lhe dizer que continuarei viajando por os States através de as suas viagens.... Vai saber! <http://luciamalla.com> Lucia Malla Pedro, a tentação de parar a cada curva é grande, mesmo... pq é cada vista linda q **vou te contar**.... Gabriel, para visitar o Big Sur não precisa fazer bio marinha; basta visitar a Califórnia. Fale com sua mãe. (Olha eu criando um conflito de gerações em a casa de os outros, hehehehe!!) Allan, mas nem pra vir um dia me visitar aqui no meio de o mar? Aqui é um EUA muito diferente, viu... Beijos a todos! Thiago Olá Lúcia! Venho acompanhando o seu blog há muito tempo e gostaria de agradecer por todas as informações postadas

75. aparece esse convite de chefiar a reportagem, pensei: "« como é que eu vou chefiar uns caras como Michel Lawrence, Carlos Maranhão, José Trajano? ". Ao mesmo tempo, eu tinha confiança de que ali não havia nenhum troglodita e que você conseguia estabelecer uma relação civilizada. Além de o mais, eu, primeiro como pesquisador de o DEDOC e depois gerente, me dava bem com todos eles. Achei que conseguiria. Juca Kfourri. Foto: Equipe Ludopédio Como era fazer uma pesquisa sobre futebol em a USP em esta época? **Vou te contar** um episódio, se é que vocês não leram por aí, porque é exemplar sobre isso. Junho de 1970: estou fazendo Ciências Sociais, em uma aula com Gabriel Cohn. Ele marca uma prova para quarta-feira. Eu levanto a mão: "« Professor, quarta tem Brasil x Romênia, Copa do Mundo "». A classe vaia. O Gabriel disse: "« vamos resolver isso em o voto, de fato esqueci "». Em este dia eu aprendo que minha classe tinha 21 alunos. Deu 20 x

76. a dogmas, a quinhentas mil horas de meditação, nem em sabedorias verbais. Um mestre é todo aquele que chega, e chegando, tem algo simples e grandioso para nos acrescentar.) Você está cansada. Sua mente relaxa enquanto seu coração é um descompasso sem mais nenhuma pressa. Perdeu a hora, perdeu o trem, perdeu a graça. Essa dor que está aí doendo é forte, mas uma hora passa. Você sabe, lá em o fundo, você sabe Quando uma janela se fecha, outra porta sempre se abre. E **vou te contar** um segredo: Todo mundo é igual: Mesmo aquele que finge ser normal. Portanto, continue duvidando de as teorias. Elas são apenas fórmulas idealizadas E foram inventadas por pessoas mal amadas. Não existem regras, não se deixe iludir, Não se corrompa não. Nada vale a tristeza de o seu coração Segue firme Amanha o Sol volta a brilhar Pra te lembrar que a vida continua E que o dia é muito mais bonito Quando você acorda sorrindo. Agora vá lá: Escove os dentes Coloque meias

77. suburbano. Vão procurar o que fazer corja ordinária. quanto o estado de o maranhão vai ganhar que outro estado não ganhe? por acaso o índice de violência de o estado vai diminuir? a educação vai melhorar? vamos sair de a condição de pior estado de o nordeste? ah, marcos o que vc me diz de o modelo administrativo de ribamar? 12º,13º,14º salário, estradas, escolas e pra fazer muito mais, tudo propaganda,

o município está quebrado, greve pra todo lado e o modelo de referência vai por água abaixo. eu **vou te contar** o prefeito paraíba que o currículo não chega ao todo poderoso sabe tudo lulu, tá dando de 10, sem espalhafate dá exemplo de administração e o governo roseana faz descaso de raposa. RIBAMAR O VEXAME ADMINISTRATIVO. MUNICIPAL Parece mais uma piada e 2014 te a bem aí vai levar esses bacanas em o reviver? cheio de buraco lixo mijo coco? eo aeroporto? não tem um restaurante 13 milhões jogados fora rapaz so muito oleo de peroba em a cara de esse grupo sarney e seus jornalistas asseclas em

78. Fernandes Fone: 81-34239694 717644 Por que será que todos os médicos dizem que é virose? Doença é comum por abranger uma série de sintomas sem características próprias Você não fica com muita raiva quando leva seu filho a o médico e ele vem, mais uma vez, com aquele papinho de virose? E não interessa em que época de o ano, que sintomas ele tenha, bastou ir a o pronto socorro, fazer exames, avaliações e lá vem ela de novo: a virose. **Vou te contar** uma coisa: esses médicos devem estar com a razão. Em janeiro de 2010, em Mongaguá, em a Baixada Santista, houve um surto de cerca de 400 casos com diarreia, vômito e febre, lotando os hospitais de a região e exigindo um cuidado maior de as autoridades de saúde locais. E adivinhem! Isso mesmo: é virose. São vários os microorganismos que podem causar doenças em os seres humanos, em qualquer faixa etária. Podemos ter bactérias, fungos, parasitas, mas sem a

79. conheceu a Grasielly? Foi arrumadeira que nem nós. Bonitona, carnudona, prima de uma colega. Diz que não parou aqui nem três meses. É, menina, essa aí fez que fez bonito. Pegou o gringo por o bundão e não largou mais. O italiano ficou maluco, levou pra fora, não quis nem saber de documento. Outro dia ouvi que se casaram. Já pensou? A garota fazia faxina que nem eu, pretinha bonita que nem eu e mudou para o estrangeiro igual princesa. Que mau humor, hein, **vou te contar**... Eu não tenho culpa de ser moça não, tá ouvindo? De ter tudo em o lugar. A senhora tá é com inveja, toda velha, toda sozinha. Só mesmo essa vassoura pra querer uma múmia seca feito você. Ah, criança, quer mesmo que a Tia responda? Quer escutar o quanto de ruga que te espera? Sim, sou velha, sim, a Tia acabou esquecida que nem moeda atrás de o sofá. Mas já estive aí, em esse mesmo corpo cheio

80. a escola com o que eu poderia ter considerado uma afta gigantesca. Não queria comer e nem a sua chupeta ele conseguia colocar em a boca. Passamos a pomadinha de Omcilon, como o pediatra já havia recomendado antes, e fomos tentar dormir. Pela manhã a situação era ainda pior e depois de ver tantas mães se queixando em os grupos de mães que frequento, eu já me preparava para o diagnóstico, que confirmei com o pediatra: era a tal Síndrome mão-pé- boca (HFMD). Nunca ouviu falar? Pois senta aí que eu **vou te contar** tudo o que pesquisei sobre ela. O que muitos pais não sabem é que ela pode ser branda: uma afta, uma dorzinha em a garganta e com isso a gente não dá lá tanta importância. A criança vai para a escola e contamina outras crianças que contaminam outras e aí chega em a sua casa. É assim que um vírus se dissemina, mais rápido que a bala de um canhão. Esse vírus & feioboboechoato é de a família Coxsackie, uma família de a pesada e que vive

81. domínio e posseiro "> onde lêem "< proprietário ">. 722950 Menu 23/04/13 4 motivos pra ter certeza de que essa semana é a melhor semana de o ano (até agora) Pra mim, abril foi um de os melhores meses de o ano. Tudo bem que só tivemos quatro até agora, mas já foi o melhor de entre os quatro. Semana passada e essa, então, valeram por o ano todo. Em a semana passada eu viajei, em essa semana... Bem, **vou te contar** o porquê de essa semana ser tão incrível. 4-Música nova de a Lana del Rey A nova música faz parte de a trilha sonora de o filme "< The Great Gatsby "> Lana está integrando o time de vozes que participam de a trilha sonora de o filme " The Great Gatsby ". A gata escreveu uma música novinha só para o filme e, é claro, é incrível. A música aborda um casal de jovens que se perguntam se o amor existirá mesmo após a beleza ter ido embora com

82. quando eu comprei o allure o preço de o new fiesta mexicano era um estupro. Além disso, eu não estava disposto a pagar mais por um carro automatico / automatizado e eu nunca precisei nem de airbag de joelho e nem de'p (sem menosprezar a importância de esses itens, espero nunca precisar de eles), já minha central multimídia e meu teto panorâmico eu uso todo dia. Tive um Tiida SL, e muita gente perguntava "< Porque não comprou um Punto, Golf, Bravo, etc... " Era cada pergunta incoerente. Mas **vou te contar**.. oh carrinho que me dava prazer de dirigir! Era um carro com um motor muito esperto.. me deixou saudade. Bati, e tive que comprar outro. Hoje tenho um Civic que todo mundo fala "< ahh, assim quero bater também, melhorou muito ">.. que nada.. oh saudade de o meu Tiida. Coitado do Civic perto de o Tiida.. me sinto dirigindo um carro 1.4 com consumo de V6 que não tem uma porcaria de um item de séria,